

UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



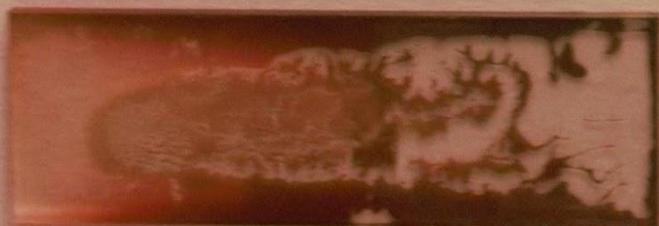
Programa de Pós-Graduação  
Stricto Sensu Mestrado em Artes

# RASTROS DE SANGUE

TRAJETOS DE MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE

Talita Rocha da Silva  
Prof. Dr. José Márcio Barros

Belo Horizonte  
2021





UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS  
Programa de pós-graduação *Stricto-Sensu* Mestrado em Artes

Talita Rocha da Silva

## RASTROS DE SANGUE

Trajetos de Memória e Ancestralidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais, como requisito necessário para obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Artes

Orientador (a): Profº Drº José Márcio Barros

**Belo Horizonte**

**2021**

Silva, Talita Rocha.

Rastros de Sangue: Trajetos de Memória e Ancestralidade/ Talita Rocha da Silva..  
– Belo Horizonte, 2021. 191f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Pós-Graduação  
em Artes, 2021

Orientador: José Márcio Barros

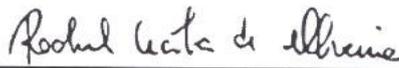
Título em inglês: Blood Traces: Memory and Ancestry Paths

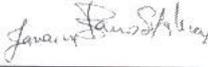
1. Arte Contemporânea. 2. Memória. 3. Miscigenação. 4. Ancestralidade. José  
Márcio Barros. II. Título.

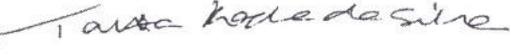
**Ata de Defesa do Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais**

Aos vinte e oito dias do mês de janeiro de dois mil e vinte um, às nove horas, por teleconferência pela plataforma teams, realizou-se a banca de Defesa da Dissertação intitulada: **Rastros de Sangue: Trajetos da Memória e Ancestralidade** de autoria mestranda **Talita Rocha da Silvano** Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Artes, Linha de pesquisadimensões teóricas e práticas da produção artística. A Comissão Examinadora esteve constituída pelos professores: Professor Dr. José Márcio Pinto de Moura Barros, orientador, Professora Dra. Janaina Barros Silva Viana, examinadora externa UFMG, Professora Dra. Rachel Cecília de Oliveira Costa, examinadora interna PPGArtes UEMG. Concluídos os trabalhos de apresentação e a arguição, a mestranda foi: ( ) APROVADA (X) APROVADA com indicação para publicação ( ) APROVADA CONDICIONALMENTE, devendo a candidata satisfazer, no prazo máximo de 60 dias, as exigências apresentadas no Formulário de Modificações anexo à presente ata. ( ) REPROVADA. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada sendo lavrada a presente Ata, que uma vez aprovada, foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora, pelo(a) candidato(a) e pela Coordenação do Programa. Belo Horizonte, aos 28 de janeiro de 2021.

Presidente da Banca:   
Professor Dr. José Márcio Pinto de Moura Barros - UEMG

Examinadora interna:   
Professora Dra. Rachel Cecília de Oliveira Costa - UEMG

Examinadora Externa:   
Profa. Dra. Janaina Barros Silva Viana - UFMG

Mestranda:   
Talita Rocha da Silva

Coordenadora do Programa:   
Professora Dra. Lúcia Pompeu de Freitas Campos

Para meu pai Gilberto Fernandes da Silva. E meu padrinho Valdecir Fernandes da Silva.  
A dupla do Mar!  
( In Memoriam)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha avó Elita, por ter nos ensinado a lutar pelos nossos direitos, por essa força e ancestralidade e por sua proteção, sem você nada disso seria possível. Sou grata também por ter tido a oportunidade de participar das Romarias Zé Teixeira, pelo privilégio de conhecer a diretoria do Brasil profundo. Agradeço à minha mãe Reny, mineira até o talo fino da couve, com quem aprendi que generosidade não desampara ninguém. Ao meu irmão Thiago Rocha e meu padrasto Otávio Coqueiro, maloqueiro nato das antigas. Agradeço também a rapa do morro, aos parças que habitam ou habitaram as colinas do Jardim Zaira, especialmente à Jéssica, Ariana, Giselle, Inês e Angela.

Gostaria também de agradecer aos que me acolheram em Belo Horizonte, aos que transformaram as dificuldades de mudar de cidade em vínculos genuínos. À Leandro Amorim, por ter me incentivado a fazer o mestrado, minha primeira amizade na cidade. Agradeço à Fred Pedrosa e Pedro Lorenzetti pelas risadas, tagarelices e forças. À Marina Fares pelas festas de aniversários e pelas inúmeras angústias e alegrias divididas, meu muito obrigada, pelo seu acolhimento. À Mamutte por me dizer sempre, que não dá para ceder mais. E a turma do Mestrado como um todo, pelas partilhas.

Quero agradecer especialmente ao Estandelau, pelas conversas esclarecedoras, escuta, pelas trocas, interlocução genuína e leitura generosa dessa pesquisa. E que me lembrou inúmeras vezes como é estar em casa e de onde eu vim, me ajudando a construir uma nova base e a tocar uma nova música, e que em sua recombinação, também me lembrou que é possível se montar e remontar inúmeras vezes e não precisa fazer tudo sozinha. Não tenho palavras para agradecer tudo partilhado nesse ano denso que foi 2020, você foi da maior importância!

Por fim, gostaria de agradecer ao acolhimento e as sugestões feitas pela banca de qualificação, meu muito obrigado à Janaína Barros e Rachel Cecília. E ao José Márcio, meu orientador, por ter acreditado tanto nesse trabalho, as vezes até mais que eu mesma!

## RESUMO

O apagamento de partes fundamentais da memória, muitas vezes inviabiliza a sobrevivência de diversos grupos sociais, como no caso, os de origens afro-indígenas. Trabalhar artisticamente com elementos que possuem a possibilidade de reconstruir a memória de meus ancestrais, permite a restituição de narrativas negligenciadas e a construção de novas. Uma possibilidade subjetiva que esse processo de pesquisa artístico acionou e procurou instaurar, ressignificando discursos. Como um resultado possível através da materialidade do sangue, que a forma artística deu aos rastros encontrados em trajetos percorridos da memória.

**Palavras-chave:** *Sangue, Rastros, Memória, Miscigenação e Ancestralidade*

## **ABSTRACT**

The erasure of fundamental parts of memory often makes the survival of different social groups unfeasible, as in this case, those of Afro-indigenous origins. Working artistically with elements that have the possibility to reconstruct the memory of my ancestors, allows the restitution of neglected narratives and the construction of new ones. A subjective possibility that this artistic research process triggered and sought to establish, reframing discourses. As a possible result through the materiality of the blood, which the artistic form gave to the tracks found in paths traveled through memory.

**Keywords:** *Blood, Traces, Memory and Miscegenation*

### *Lista de imagens*

1. Instalação Circuito de Axé, 2017. 19
2. Instalação Não Foi Bem Assim, 2017. 19
3. Mostra de Arte Urbana. Pinacoteca de Mauá, 2017. 19
4. Exposição Diálogos e Transgressões. Sesc Santo Amaro. 2017. 19
5. Exposição Individual Museu B. de Mauá. 2017. 19
6. Canoeiro Entre o rio Jequitinhonha e Araçuaí. 2014. 46
7. Aldeia Cinta Vermelha Judiabá. 2014. 46
8. Pajé da aldeia Cinta Vermelha. 2014. 46
9. Araçuaí. 2014 46
10. Avó Elita. Arquivo Pessoal. 2017. 47
- 11 e 12. Associação dos Artesãos de Araçuaí. 2014. 47
- 13, 14, 15 e 16. Avó Elita. Arquivo pessoal 51
- 17, 18 e 19. Álbum de família. Arquivo pessoal. 53
- 20 Bom Jesus da Lapa (BA). 2019. 57
- 21 e 22. Alto do cruzeiro. 2015 57
- 23, 24 e 25. Ex-Votos, Bom Jesus da Lapa (BA). 2019. 62
26. Gruta Bom Jesus. 2019. 60
27. Parada Riacho de Santana (BA). 2019. 60
28. Primeira viagem de minha avó Elita à Bom Jesus. Arquivo Pessoal. 65
29. Início da Romaria Zé Teixeira. 65
30. Beira do rio São Francisco. Arquivo pessoal. 65
31. Medina (MG). 2015. 73
32. Tia Adalgiza. 2019. 73
- 33, Tia Geralda. 2019. 73
- 34, fotopintura, avó Otilia e meu pai. Arquivo pessoal. 73
35. Tia Geralda. 2019. 73
36. Avó Paterno Deca. Arquivo pessoal. 73
- 37, 38 e 39. Casamento dos meus pais. Arquivo Pessoal 84
- 40, 41, e 42. Jardim Zaira. Fotos: Angela e Thiago Rocha. 2019. 87
43. Padrinho Valdecir. Arquivo Pessoal. 87
- 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58 e 59. Árvore genealógica. 2019. 98
- 60, 62, 63, 64 e 65. Anúncios de Escravizados Negros miscigenados. 113
66. Instável Linhagem. Esfregaço sanguíneo. Sangue meu sobre lâminas. 2019. 120
67. Brancura que cega queima e faz esquecer. Sangue meu sobre papel 2019. 121
- 68, 69, 70 e 71. Frames Instável Linhagem. 2019 122
72. Detalhe Instável Linhagem. 2019. 122
73. Receita de Como Preparar sua raiva. 2020. 128
74. Tentativa de contenção da raiva ou mira na cabecinha. 2019. 131
75. Notícia de Jornal sobre o plano de governo. Wilson Witzel. 130
76. Série Retrato Falado, Todos os homens negros da família estão mortos. Desenho e sangue meu sobre papel. 2020 135
- 77, 78 e 79. Frame do vídeo da série Retrato Falado. 2020 136
- 80, 81, 82 e 83. Parte da Série Retrato Falado, Todos os homens negros da família estão mortos. Desenho e sangue meu sobre papel. 2020 139
- 84 e 85. Parte da Série Retrato Falado, Todos os homens negros da família estão mortos. Desenho e sangue meu sobre papel. 2020. 143
- 86, 87, 88, 89 e 90. Notícias de Jornal sobre o assassinato do meu padrinho. 140
91. 4 tiros. Sangue meu sobre papel. 2020 141
92. Preparando a barquinha para o dia 2 de fevereiro. 2020. 145
93. Meu pai sorrindo. Ou o negro de terno. 2020. 145
94. Meu padrinho. Ou o sindicalista Veíinho. 2020. 153
95. Falas do meu padrinho Valdecir sobre as fábricas do ABC. 153
96. Foto Avó Materna Elita e Avô Materno Olinto. Arquivo pessoal. 158
- 97, 98, 99 e 100. Álbum de Família ou deixa ele. Desenho com sangue sobre papel. 2020. 161
- 101, 102, 103, 104 e 105. Série "Ta você saiu me puxando!". Fotografia. 2020. 156
- 106, 107, 108, 109, 110, 111 e 112. Série Brutus, meus ex-votos. Acrílica sobre tela. 2020. 173



## Sumário

<i>Introdução Geral</i> .....	15
<i>Trajetos. Parte 1</i> .....	28
<i>O Direito à própria memória (Introdução da Primeira Parte)</i> .....	28
<i>Como lembrar?</i> .....	28
<i>O que lembrar e por quê?</i> .....	29
<i>Mulheres-Memória: Ainda ouvimos os latidos dos cachorros</i> .	35
<i>Vale do Jequitinhonha</i> .....	38
<i>Histórico</i> .....	38
.....	42
<i>Araçuaí (MG). Trajeto 1</i> .....	43
<i>Bom Jesus da Lapa (BA). Trajeto 2</i> .....	55
<i>Homens-Ausências: Todos os homens da família estão mortos</i> .....	67
<i>Medina (MG). Trajeto 3</i> .....	69
<i>ABC Paulista</i> .....	77
<i>Histórico</i> .....	77
<i>Mauá (SP). Trajeto 4</i> .....	81
<i>Rastros. Parte 2</i> .....	94
<i>Rastros de Sangue (Introdução da Segunda Parte)</i> .....	94
<i>Por uma Árvore Genealógica</i> .....	96
<i>A miscigenação como máquina de apagar memórias</i> .....	101
<i>Breve Histórico</i> .....	101
<i>Sangue sujo. Rastro 1</i> .....	116
<i>Raiva. Rastro 2</i> .....	126
<i>Luto. Rastro 3</i> .....	135
<i>Luta. Rastro 4</i> .....	153
<i>Amor. Rastro 5 (Considerações finais)</i> .....	169
<i>Referências Bibliográficas:</i> .....	180



Um filho pardo sem pai!

Sobrevivendo

Um Bastardo!

“Um bastardo... mais um filho pardo, sem pai! ”.

Música: Negro Drama, In: *Sobrevivendo no Inferno*. Racionais  
MC's

### ***Introdução Geral***

Busquei nesta pesquisa construir uma produção artística autoral, a partir de trajetos e rastros que possibilitassem minha apropriação e atualização de uma memória ancestral, desvanecida e muitas vezes apagada em meio às decorrências dos processos de miscigenação racial, ocorridos na sociedade brasileira. Minhas práticas e produções artísticas são aqui a maneira como trabalho, dando forma e concretude ao reencontro com meus pertencimentos identitários, minha memória e o debate sobre os processos de apagamentos históricos, tratando-se também de um exercício de direito.

Inicialmente, a motivação para este processo de pesquisa se deu, a partir do reconhecimento de que todo indivíduo possui direito à própria memória. E que este direito, pode ser exercido através da busca dos vestígios e rastros que revelam uma conjugação entre presenças e ausências, afirmações e negações como ensina Ricouer, (RICOUER, 2007).

O apagamento de partes fundamentais da memória, muitas vezes inviabiliza a sobrevivência de diversos grupos sociais, como no caso, os de origens afro-indígenas. Trabalhar artisticamente com elementos que possuem a possibilidade de reconstruir a memória de meus ancestrais, permite a restituição de narrativas negligenciadas e a construção de novas. Uma possibilidade subjetiva que o processo artístico aciona e instaura, ressignificando discursos.

A ausência permeia todo o sistema de complexidade dos sujeitos racializados, neste caso, lugar onde me encontro. A partir desses rastros de

memórias, a configuração delineada, parte do lugar da inexistência de alguns fatos, alterando os elementos fundamentais para a construção de uma subjetividade, ou seja, uma memória com uma função organizadora de nós enquanto sujeitos.

Considerando a condição do que é ser artista, como um construtor de si mesmo, um narrador que se utiliza de si próprio, de matéria para construir sua visualidade, a artista visual e autora Rosana Paulino afirma que sua figura se constrói pelo ato de tecer uma existência. No presente caso, de encontrar e alinhar rastros de ancestralidade ou de sangue, que me constituíram e ainda me constituem. A autora também define o processo artístico como uma construção e junção desses vestígios, “Este tecer, que mais do que simbolicamente, representa uma maneira real de se colocar no mundo, procura também trazer à tona vestígios de momentos passados”. (2011, p. 25).

Convoco para tanto, primeiramente a metodologia da autoetnografia como forma de explicitar ao sujeito artístico e suas práticas, uma autorreflexão e uma escrita que considera e se utiliza de experiências subjetivas, integrando-as em contextos culturais e sociais mais abrangentes. Nessa presente pesquisa, a constituição da minha figura de negra miscigenada, é o que norteia as relações identitárias e de territórios. De maneira que, a autoetnografia é usada como maneira de exercer um direito e uma apropriação de mim mesmo, um mecanismo que possibilita a criação de espaços, de experiências e de encontros. Enfatiza o sujeito em sua pesquisa de campo, através de um encontro de subjetividades. “Assim poderíamos pensar em autoetnografia como espaços comunicativos e discursivos através dos quais ocorre o ‘encontro de subjetividades’, a interação de subjetividades em diálogo” (2005, *apud*, SANTOS & BIANCALANA, 2017 p. 85). As diferentes perspectivas sobre o que é esse método, possibilitam o seu alargamento como metodologia de pesquisa, permitindo diversos modos de empregá-lo. É aqui utilizada, em um primeiro momento nos trabalhos de campo realizados, nos *trajetos* percorridos. Construindo uma narrativa de afetos e trocas, em um contexto dos territórios de migrações e percursos feitos pela minha família e por mim.

Articulo a autobiografia com a etnografia, a fim de permitir descobertas e reflexões para entender qual lugar ocupo, socialmente e racialmente, utilizando-os como matéria bruta para uma produção poética. A partir dos caminhos realizados, produzi inicialmente na pesquisa, uma narrativa autoetnográfica como uma maneira de reunir fragmentos e buscar respostas, aos apagamentos históricos que fundamentam minha ancestralidade.

A abordagem auto investigativa foi realizada junto aos caminhos percorridos em Araçuaí e Medina, localizadas na região do Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais), onde minha família se originou e ainda habita. Como também junto à Romaria para Bom Jesus da Lapa (Bahia), da cidade de Medina, realizada pela minha avó materna Elita. E na cidade de Mauá, localizada na região do ABC paulista (São Paulo), onde parte dessa migrou e também reside. Assim, inserida neste contexto, fui constituindo minha poética, meu repertório artístico e me tornando artista.

Minha base familiar e os locais onde vivi foram fundamentais para a minha formação artística visual. Os modos de vida existentes ali, sempre estiveram presentes como motivadores e como maneiras de ler o mundo. As corporeidades, as sonoridades e as visualidades deste contexto alimentam fortemente minha produção visual. Porém, as práticas desenvolvidas neste meio são ainda vistas como menores, como o artesanato (pinturas em pano de prato, panela de barro, crochê) produzido pela minha mãe, ou a música (Pagode, Rap, Balanço, Axé Music, funk e etc.) escutada e produzida pelo meu padrasto, ou também a visualidade presente nas religiões de matrizes africanas, (vestimentas, instrumentos, danças dos orixás) frequentadas pelo meu pai. Práticas comuns à grande parte da população brasileira periférica, a qual também pertença.

No entanto, minha inserção nas Artes Visuais de maneira formal iniciou-se através da graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), em disciplinas de literaturas comparadas com outras artes, principalmente com as Artes Visuais. Ampliei meus interesses nesta área, por meio de uma bolsa-monitoria no Programa Saber e Ensinar Arte Contemporânea (2011), no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), a qual fui

contemplada e também pela minha participação como arte-educadora na 30ª Bienal de Artes de São Paulo (2012). Na mesma época, comecei a fazer grafitti e iniciei minha produção com a criação de um projeto de ilustrações, chamado “Madame Nagô” que pretendia investigar o universo da cultura afro-brasileira, pelo viés da visualidade urbana. Particpei do coletivo anarco-punk “Comunidade Viva”, que buscava promover encontros de grafitti no bairro onde morava. O coletivo também manteve um *Ateliê Livre*, um espaço aberto para artistas da região produzirem, além de fomentar estudos sobre política e ações sociais.

Em paralelo a estas ações, comecei a fazer disciplinas optativas na graduação que possuíssem relações com a temática afro-brasileira, como Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, História da África, Literatura Afro-Brasileira, fortalecendo assim meus estudos sobre ancestralidade. Além do grafitti, tive forte relação com o universo dos artistas do Vale do Jequitinhonha construída por meio de diversas viagens feitas à cidade de Araçuaí (MG), onde reside atualmente minha avó materna, Elita. O que me proporcionou participar de oficinas e conversas com os artistas da região, dentre eles: Lira Marques, Marcinho de Araçuaí e Mestra Zefa. Em 2015, comecei a acompanhar minha avó materna em suas romarias realizadas todos os anos à cidade de Bom Jesus da Lapa (BA), a fim de investigar mais sobre nossa história familiar.

No ano de 2017, realizei minha primeira exposição individual chamada “Retratos da Ausência/Trajetos de Ancestralidade”, no Museu B. de Mauá (Mauá-SP). Nesta, expus grande parte dos meus trabalhos, um embrião desse processo de pesquisa aqui apresentado. Integrei também algumas exposições coletivas, como a 1ª Mostra de Arte Urbana na Pinacoteca de Mauá, (curadoria de Roger Ramos e Dener de Sousa) e “Diálogos e Transgressões” no Sesc Santo Amaro -SP, (curadoria Luciara Ribeiro).

De modo que em 2018, ao me mudar para a cidade de Belo Horizonte, conheci o programa de Mestrado em Artes da UEMG e me interessei em formalizar essa pesquisa artística que tenho sobre minha ancestralidade, incentivada pelas orientações do Profº Drº José Márcio P. Barros.

**DIÁLOGOS**  
afroescola  
bianca leite  
edgar calel  
kilombagem  
lanchonete.org  
mapa xilográfico  
**TRANS**  
moisés patrício  
rádio yandê  
talita rocha  
**SÕES**  
visto permanente

19 de novembro de 2017 a 15 de fevereiro de 2018  
de terça a sexta, das 10h30 às 18h  
sábados, domingos e feriados, das 15h às 18h

COORDENADORIA DE SABER  
aprendimento@santamar.org.br  
T: +55 11 5541-4000

SESC

4

**1ª MOSTRA DE ARTE**



22.07.17 - Início 19H

- Sonyc
- RAMONEGRO
- Talita Rocha
- Monica Ancapi
- Meneses
- Rhay
- Dener de Sousa
- Branco Peretti
- Rodrigo Creper
- Plano B

Apoio Master: Dom Giovanni CUCINA ITALIANA DAL 1989

Apoio: [Logos of supporting organizations]

Produção: [Logo of production company]

3

Rua Gabriel Marques N° 353 - Vl. Noemia - Pinacoteca - Mauá

Exposição  
**Retratos da Ausência**  
TRAJETOS DE ANCESTRALIDADE

Talita Rocha

abertura 22/9 às 18h  
visitação 23/9 a 25/11

Museu Harão de Mauá  
Av. Dr. Getúlio Vargas, 276 - Vl. Harari - Mauá - SP.  
Agendamentos - tel. 4519-4911 / 4519-6456  
E-mail: museuharao@maua.org.br

[Logos of sponsors]

5



1. Instalação Circuito de Axé. 2017 / 2. Instalação Não foi bem assim. 2017 / 3. Mostra de Arte Urbana. Pinacoteca de Mauá. 2017 / 4. Exposição Diálogos e Transgressões. Sesc Santo Amaro 2017 / 5. Exposição Individual Museu. B de Mauá (SP)

### ***Sobre a escrita artística***

Ao tomar minha trajetória de vida como centro da pesquisa, um desafio se impôs: Como o formato acadêmico da escrita poderia dar conta de tanta subjetividade e singularidade? Como construir um texto que, simultaneamente, desse conta de ser um espelho de meus percursos e procuras e um diálogo com questões que me transcendem: pensamento de autores, teorias e histórias? Como descolonizar minha própria narrativa? A possibilidade de me colocar no centro dessa narrativa e estabelece diálogos com aquilo que me transborda e me conecta com o coletivo, a trama da história, os desafios para compreender o que meus rastros revelam. Busquei construir uma narrativa coerente com aquilo que a própria pesquisa se propôs. Uma vez que um tipo de epistemologia de pesquisa acadêmica mais tradicional possui maior credibilidade discursiva, enquanto outras formas de saberes e epistemologias procuram, exaustivamente, maneiras de se sedimentarem no campo acadêmico e não serem mais subalternizadas, como é no presente caso. Apostei nas possibilidades que as pesquisas em artes juntamente com a autoetnografia trazem. A possibilidade de criar e de modificar um formato, por meio do que a natureza da própria pesquisa exige.

Faz parte dessa, revelar as operações feitas em meio ao processo, para que ocorra uma narrativa mais consciente sobre esse tipo de trabalho artístico, pautado, principalmente, em questões das populações racializadas e subalternizadas e sua inserção efetiva no campo acadêmico. “Assim, com a vinda de artistas para a academia, tornou-se necessário desenvolver o conceito de tese-criação, a fim de reconhecer o tipo de conhecimento produzido por artistas dentro de ambientes universitários.” (FORTIN, 2014, p 06). Essa é também a natureza dessa investigação, o de “tese-criação”, ou no presente caso, de *dissertação-criação*.

Esse processo não tem uma pretensão de solucionar as ausências por meio de reminiscências e lembranças e nem esgotar em análises as obras

produzidas, pois isto se faz praticamente impossível. Mas sim, enfrentar os rastros de sangue que se apresentam dessa ancestralidade de origem afro-indígena, utilizando-os como construção e reconfiguração, para que resultem em um conjunto de objetos e materialidades visuais, propondo ao final uma análise do mesmo, construindo por sua vez também, um formato de pesquisa que dê conta do que me proponho, através de uma produção poética.

É fundamental a não subordinação da imagem ao texto, e vice-versa. De modo que nesse processo, procurei que tanto o texto quanto a imagem, se realizassem de maneira mais equilibrada possível, onde ambos fossem afetados conjuntamente, se complementando mutuamente.

Segundo a autora Icleia B. Cattani (2002), a metodologia se cria simultaneamente a feitura do objeto, de modo que o objeto não pode ser definido anteriormente, pois há uma retroalimentação um do outro, o que também aqui foi priorizado. O texto se modifica a medida em que a criação artística vai se realizando, enquanto também as imagens se modificam, à medida em que o texto vai se construindo. “A pesquisa em artes visuais, implica um trânsito ininterrupto entre prática e teoria”. (REY, 2002, p.125). A prática determina como será a teoria e a teoria irá fortemente influenciar a prática. Quando os trabalhos foram realizados, a teoria não se definiu como algo que fosse explicar a obra, mas muitas vezes como, o que motivou a obra, não ocorrendo nenhuma linearidade neste processo. “O que se constitui, porém, como fundamental diferença é que a pesquisa em artes visuais, situando-se no lado da nascente do fluxo, apresenta seu objeto em constante devir” (REY, 2002, p. 133). De modo que a produção artística aqui não está acabada, o objeto artístico não está acabado, está em processo. E na medida em que sua teoria se estabelece, sua prática também o faz.

Cabe afirmar, que a teoria também não será sempre o que irá motivar a realização dos trabalhos artísticos, mas será o que poderá ampará-lo posteriormente, dando visibilidade e complexidade ao objeto visual, trazendo à tona o que estava invisível. A autora Sandra Rey nos convida a pensar como a obra de arte se constitui:

Imaginemos que a obra de arte se constitui numa espécie de iceberg, isto é, um todo composto por uma parte visível na superfície (a obra em sua configuração formal e material) e por uma grande parte que fica submersa, invisível (o pensamento, ideias e conceitos veiculados pela obra). Essa parte submersa nem sempre se evidencia explicitamente na configuração formal da obra, mas é, sem dúvida, o que a diferencia como obra de arte dos demais objetos produzidos por uma sociedade. (REY, 2002, p 128)

A teoria invoca esta parte submersa, que foge aos olhos e aos demais sentidos, modificando e ampliando o que já foi apreendido, não vemos mais somente a *ponta do iceberg*, nos é permitido chegar cada vez mais próximos da sua totalidade, desvendando algumas de suas camadas, sem jamais esgotá-las.

Por fim aposto na possibilidade de uma instauração de presenças, através deste conjunto de trabalhos artísticos realizados, que sejam capazes de produzir também novos significados e possibilidades de leituras e discussões para as questões aqui apresentadas, principalmente relacionadas às questões raciais no Brasil e ao direito à nossa própria memória. Assim eu, filha parda, bastarda, sem pai negro, tento examinar outro lado da história em que precariamente me foi contado, ou muitas vezes nem se quer mencionado, e utilizá-lo como principal material para uma produção artística.

O formato que essa dissertação se deu pelo próprio processo de pesquisa, foi definida em dois eixos principais, não cabendo em um formato em capítulos, pois ambos os eixos se cruzam e se interpenetram constantemente. Assim foi dividida em duas grandes partes fundamentais, a parte 1 a dos *Trajetos* e a parte 2, a dos *Rastros*. Sendo subdivida em pequenos textos: Trajetos 1, 2, 3 e etc., como também em Rastros 1, 2, 3 e assim por diante. Ambas com introduções e com alguns textos disparadores iniciais, com o intuito de ampliar as discussões presentes em cada parte.

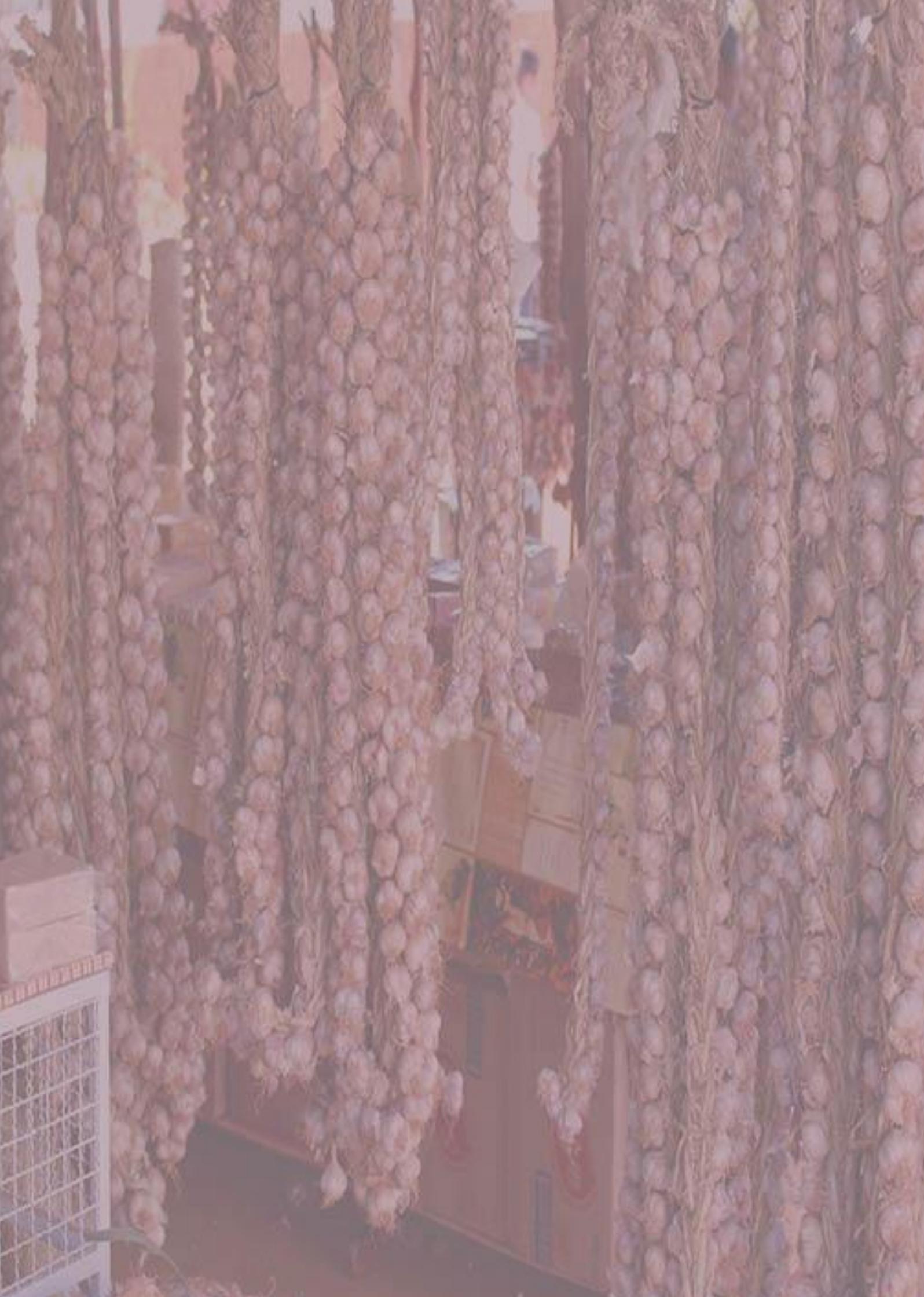
Sendo que a parte 1 irá apresentar os lugares percorridos e suas possíveis discussões, muitas dessas serão somente levantadas, pois considerando suas complexidades, não as caberiam nesse trabalho. Nessa primeira parte, foram realizadas as pesquisas de campo, as viagens e entrevistas, onde busquei rememorar parte do histórico da minha família. Já a segunda é o resultado

possível, a forma artística dada aos rastros encontrados nos trajetos da primeira, onde estão presentes os conjuntos de trabalhos visuais produzidos e também suas possíveis discussões instauradas.



*Trajetos. Parte 1*

*Os trajetos são feitos para achar os rastros, persigamos estes...*



## ***Trajetos. Parte 1***

### ***O Direito à própria memória (Introdução da Primeira Parte)***

#### ***Como lembrar?***

Esta primeira parte *Trajetos* explicita como a memória se estabelece através da realização desses percursos. A memória possui os rastros fundamentais para a construção de trajetos, os percursos que se construiu aqui é o que se estabeleceu como fornecedor de material para a produção artística mais adiante, ou seja, como insumo. Nessa parte estão presentes as pesquisas de campo feitas na região do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, nas cidades de Araçuaí e Medina. Como também as viagens realizadas com a minha avó Elita ao Bom Jesus da Lapa (BA), junto à Romaria de Seu Zé Teixeira de Medina. Foram também realizadas idas constantes à cidade de Mauá, na região no ABC paulista, região da Grande São Paulo, onde nasci e fui criada.

Nessa parte também apresento os primeiros resultados da coleta dos meus vestígios e rastros, presentes nesses campos. Através de uma narrativa autoetnográfica, apresento os caminhos que percorri e realizei, em busca de minha própria história. Lugares estes que me permitiram ter diálogos, nunca antes tidos com minhas famílias.

Usar da autoetnografia foi uma maneira de exercer o direito e uma apropriação de mim mesma, uma forma também de enxergar minha própria subjetividade em meio a um contexto mais amplo. Uso aqui o dispositivo da autoetnografia, como um modo de lembrar, utilizo-me dos registros feitos em vídeos, fotos e escritas para produzir uma escrita que viabilizasse a existência de uma primeira pessoa, a figura do *eu*.

A partir dessas viagens e dos diálogos realizados, produzi uma narrativa autoetnográfica, como uma maneira de reunir rastros e fragmentos para dar conta dos apagamentos que constituem a minha memória e utilizá-los como

matéria bruta para os meus processos artísticos realizados e que serão apresentados na segunda parte dessa dissertação.

### *O que lembrar e por quê?*

A constituição da nossa subjetividade enquanto indivíduos negros, miscigenados, racializados perpassa, primeiramente, pelo amplo contexto da discussão socio-histórica da miscigenação racial no Brasil e seu passado colonial. Todavia, nos atentaremos a sua constituição em um campo mais individual e ao negligenciamento de nossa memória, sofrendo com as diversas formas e tentativas de apagamento, a partir de processos que chamaremos de *hierarquização das culturas*, definido pela autora Lélia Gonzalez (1984). Considerando, por fim, o desenvolvimento através de resquícios e a importância do ato de se lembrar da própria história e restituí-la.

O campo da memória, como o *lugar de emergência da verdade*, afirmado também pela autora, procura se fundamentar em um palco onde se opera esse processo de hierarquização. “(...) esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui”, (1984, p. 227).

A hierarquização presente entre as culturas é fundamental para entender o porquê do apagamento de determinadas memórias. “Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico de branqueamento, é recalcado por classificações eurocêtricas do tipo “cultura popular, folclore nacional” etc., que minimizam a importância da contribuição negra”. (GONZALEZ, 1988, p.70), como também dos povos ameríndios ou de qualquer outra cultura que não fosse a europeizada. O processo de embranquecimento da população explicita processos raciais ocorridos no Brasil de apagamentos, onde apagar qualquer vestígio de outra população que não fosse branca, era um objetivo a ser atingido.

O autor Jacques Le Goff, chama a manipulação da memória de jogos sociais de poder praticados pelos chamados “*senhores da memória*”, em que o ato de esquecer é correspondente ao ato de apagar.

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (1990, p. 427)

Para o autor, os esquecimentos e os silenciamentos presentes no campo histórico, revelam a manipulação feita dentro da construção das memórias coletivas, determinando o que será esquecido e o que deverá ser lembrado. Esquecer seria algo da ordem dos vencedores das *lutas sociais* pelo poder, de uma escolha calculada para se construir uma única narrativa histórica, quem possui o poder dessa escolha, determinará o que será lembrado.

Ao considerarmos a miscigenação racial brasileira dentro desse processo, ocorre uma disputa discursiva entre uma narrativa já construída oficialmente, que subjugava outras, no caso, as dos povos subalternizados afro-ameríndios, apagando-as. O ato de lembrar se faz essencial para nós racializados, pois nos organiza e presentifica, uma possibilidade de reelaboração de um passado histórico. Este mergulho na minha própria história possibilitou a manipulação e a análise do que ainda restou desse processo de embranquecer.

Quando acontece o manuseio destes insumos da memória, do que sobrou dessa amnésia racial em que estamos inseridos, lidamos com uma amnésia involuntária, que conseqüentemente ocasiona “perturbações graves” em uma *memória coletiva*, (LE GOFF, 1990). E a miscigenação apesar de insistir em se afirmar como algo brando, não deixa de ser uma das grandes violências decorrentes do processo histórico do colonialismo. Para a autora Grada Kilomba, o passado colonial, seria como uma espécie de paradoxo que não se pode evitar lembrar e muito menos esquecer. “O passado colonial foi ‘memorizado’ no sentido em que não foi esquecido. Às vezes, preferimos não lembrar, mas na verdade não se pode esquecer.” (2019a, p. 213)

Na tentativa de se lembrar das partes historicamente negligenciadas, há um desejo de se esquecer esse passado colonial, pois se trata de um passado traumático e violento. A autora ao frisar o ato de lembrar como também de suma

importância, a atualização e a reconfiguração de memórias recalcadas nestes processos, coloca essa tentativa de construção de uma nova narrativa sobre si, como também uma outra forma de esquecer. Dessa maneira, o nosso passado colonial carrega uma carga traumática, consequência da violência de suas guerras de conquista. Os resíduos deixados por estas, que estão presentes em mim e nos demais que são afetados pelos processos raciais, exigem sua transformação e não mais seu represamento. “O termo trauma é originalmente derivado da palavra grega para “ferida” ou “lesão”. O conceito de trauma refere-se a qualquer dano em que a pele é rompida como consequência de violência externa”. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1988, p. 405 *apud* KILOMBA, 2019a, pp. 214-215).

Diferentemente do que se postula, nós como o resultado da miscigenação, possuímos também o elemento traumático advindo da colonização. O colonialismo e os aspectos da subalternidade trazem consigo o trauma colonial, cargas próprias de sociedades como a nossa, construídas e sedimentadas em violências, traz como carga a *pele rompida* do sujeito subalterno, produzindo assim um ser social em frangalhos.

No entanto, o que proponho é a reelaboração deste passado, identificando e juntando o que restou desses processos históricos sofridos e os resignificando. Pois nenhum indivíduo somente pautado na ordem do recalque e da repetição, traz a possibilidade de reelaboração e de um esquecimento efetivo, o qual fortemente necessitamos também.

Para a autora e psicanalista Maria Rita Kehl, há que se considerar de outra forma o ato de *esquecer*, pois é preciso *lembrar* primeiramente, para que se possa estabelecer uma atualização do que ocorreu. Sendo necessário e justificável um “*trabalho da memória*”, considera-se aqui a categoria de trabalho como transformação de uma coisa em outra, (KEHL, 2005), como algo fundamental para a superação desses traumas individuais e coletivos.

A autora ainda ressalta a força da lembrança, como um caminho para restituir e resignificar a memória cultural coletiva negra e indígena. Dá-se como uma possível forma de não recalcar mais tais memórias, em um compromisso de não se repetir mais tais movimentos traumáticos. Assim para que haja uma

reconfiguração real, é preciso lembrar e depois esquecer, sendo que a reivindicação do direito à memória, também é um direito de se esquecer.

Paul Ricouer ao trazer para a discussão o filósofo Henri Bergson, considera o ato de *lembrar*, com os seguintes questionamentos: *De que? Como lembrar-se? Quem se lembra?* Apresenta um percurso da lembrança, que a partir desse ato do reconhecimento de acontecimentos, é possível resultar no reconhecimento de si próprio, garantindo uma dinâmica de rememoração reparatória e não recalcada.

No percurso que proponho, o momento “bergsoniano” coroará uma série de análises provenientes da pergunta ‘que’, - de que me lembro – e da pergunta “como?” – como uma recordação da lembrança garante a dinâmica da rememoração? Será com a pergunta, quem se lembra? Que o reconhecimento da lembrança se igualará ao reconhecimento de si. (RICOUER, 2006, p.124)

Ainda para autora e psicanalista Maria Rita Kehl, no ato de se rememorar há dois riscos. Um pode alimentar a figura do ressentido, do recalcado e não auxiliar em nenhuma transformação do sujeito, mas sim em sua apatia trêmula, em uma espécie de *repetição*, ausente de sentido. E outro, em uma efetiva transformação real de si, ocasionando uma *reparação* dessa lesão traumática, este seria o que garante realmente o direito à própria memória.

Há eventos que não se consegue esquecer; outros não devem ser esquecidos. O problema é: que destino dar à memória? A memória do sofrimento e da injustiça alimenta o ressentimento quando sua evocação serve para manter as antigas vítimas na mesma posição que ocuparam no passado, colhendo os ganhos secundários da autopiedade e da má-consciência. Por outro lado, é importante preservar alguns agravos do esquecimento, tanto no sentido de buscar reparação quanto no de evitar sua repetição. Lembrar como se produziu uma ordem injusta é condição para transformá-la ou reparar socialmente o mal que ela causou. (2005, p.171)

Esse ato de lembrar é uma aposta em um reconhecimento de si ao final, em que o *como* se deve lembrar, *como* iremos construir essas lembranças, foi a

direção elegida para a pesquisa. Assim nos desenhamos através de trajetos, por meio desses rastros e *destroços desse naufrágio*. (BOSI,1979), que foram encontrados. Perseguimos imagens anuviadas, resultantes de todos os processos altamente violentos que sofremos com o colonialismo. Ruínas de uma guerra literal e discursiva. Perseguimos pistas, pegadas de um processo, que ao final criou identidades altamente artificiais, as quais não somos e não nos identificamos.

É fundamental saber verdadeiramente quem se é, para além de determinações exteriores a nós. Assim “Saber negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades”. (SOUZA, 1983, p.18). É no nosso corpo de *pele rompida*, que resiste e onde se é possível lembrar e enxergar os rastros de sangue desse passado, não tão longínquo. Onde as lembranças dos povos escravizados nas Américas são possíveis de serem visualizadas, somos ainda esses lugares de memória.



***Mulheres-Memória: Ainda ouvimos os latidos dos cachorros***

**“Sua tatatata....ravó foi pega por cachorro no mato”.**

**Avó Elita**

Meu corpo é também um lugar de consulta de memórias, o que este não foi capaz de solucionar, busquei em minhas antepassadas, que acessei durante esta pesquisa. Mulheres sobreviventes, as ancestrais vivas, mulheres que guardam a memória, as bibliotecas de saberes, as mais velhas das famílias. Minha avó materna Elita e minha tia Geralda, irmã do meu pai, foram esses os lugares de consulta, pois os homens com maiores idades e mais proximidade, são ausentes ou falecidos e impossíveis de serem consultados.

Para me lembrar do que aconteceu, para me apropriar da minha história, me utilizei como fonte de reminiscência para ir a estes lugares potencializadores de afetos. As idas a esses territórios, feitas até a essas mulheres que se constituíram nesses próprios lugares, foi uma aposta nos seus enraizamentos nestes territórios, para que pudéssemos encontrar qualquer fagulha do nosso passado, onde fosse possível visualizar qualquer rastro de memória arraigada. “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. (NORA, 1984, p. 09). Em cada gesto, em cada fala ou imagem, é esperado nem que seja um resquício de passado, que possibilite de alguma forma nossa continuidade no tempo, evitando um desaparecimento total de nossas subjetividades. Aposto assim nos lugares de nossos esfacelamentos, onde também ainda persiste nosso passado.

Entendo territórios e espaços, como lugares com capacidade de subjetivação e principalmente construído por pessoas, onde é possível obter ainda aspectos residuais da memória, são estas pessoas imbricadas com esses lugares, detentoras também desse passado. A memória residual é o que será o contado, dito, visto, pois se cristaliza em sua natureza esfacelada, ou seja, em seus restos de passado. “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos”.

(NORA, 1984, p.12). O espaço possui a capacidade de guardar suas partes, possibilita entrar em contato, minimamente com seus restos e nos dar pistas, do que pode ter ocorrido ali. Também possui a capacidade do acontecimento, da ação, do *evento* da experiência do tempo presente.

A partir do conceito do autor Milton Santos, em que o espaço não se trata somente de um lugar físico, mas onde é possível observar a subjetividade acontecer, as pesquisas de campo se deram como um modo de atualização das mesmas pelo encontro presente. “(...) o espaço aparece como um substrato que acolhe o novo, mas resiste às mudanças, guardando o vigor da herança material e cultural, a força do que é criado de dentro e resiste, força tranqüila que espera, vigilante, a ocasião e a possibilidade de se levantar”. (SANTOS, 1997, p. 37). Não é possível mais recuperar memórias em sua totalidade, os espaços utilizados na pesquisa são como uma aposta nas nossas *peles rompidas* por traumas e que ainda resistem.

Assim nessas periferias do Brasil em que fomos criadas, há mulheres que também guardam a memória e a história do mundo, são as que sobreviveram a processos socioeconômicos e raciais violentos com único objetivo de destruí-las. E em meio a suas próprias histórias, que insistiram tanto em apagar, resistem ainda *aos ecos dos latidos dos cachorros*, que outrora as perseguiram.

Os campos dessa pesquisa serão apresentados um a um, e como já citado foram realizados fundamentalmente na região do Vale do Jequitinhonha nas cidades de Araçuaí (MG) e Medina (MG); como também na cidade de Bom Jesus da Lapa (BA), localizada no sertão baiano, seguindo a procissão dos romeiros da cidade Medina. E na região do grande ABC paulista na cidade de Mauá (SP), onde morei grande parte da minha vida.



पुस्तक  
का  
संख्या  
12345

द्वारा  
श्री  
विकास  
सिंह

पुस्तकालय  
द्वारा  
पुस्तक  
का  
संख्या  
12345

द्वारा  
श्री  
विकास  
सिंह

पुस्तकालय  
द्वारा  
पुस्तक  
का  
संख्या  
12345

द्वारा  
श्री  
विकास  
सिंह

पुस्तकालय  
द्वारा  
पुस्तक  
का  
संख्या  
12345

द्वारा  
श्री  
विकास  
सिंह

## *Vale do Jequitinhonha*

### *Histórico*

O processo de formação histórica do Vale do Jequitinhonha perpassa a questão da história oficial colonialista de Minas Gerais e seu ciclo de mineração, fator que segundo consta, sua decadência acelerou um processo de povoamento da região. Ao apresentarmos qualquer histórico de alguma região, é natural cairmos na oficialização de discursos colonizadores que através da apresentação de seu povoamento apaga sempre a presença histórica anterior dos povos originários. Assim ressaltaremos o povoamento do território anterior ao da coroa portuguesa, pois este se deu somente décadas mais tarde, a partir da falência do período aurífero da capitania de Minas Gerais.

A história desta localidade, anterior ao século XVI, sempre foi marcada por disputa territorial para diversas populações ameríndias e posteriormente para com as populações escravizadas que fugiam das minas. Essa região era habitada principalmente pelos povos indígenas pertencentes ao tronco linguístico: Macro-Jê; como os Kamakã-Mangoió, os Pataxó, os Monoxó, os Kumanaxó, os Kutaxó, os Kopoxó, Panhame, Kutataoi, os Maxacali, os Malali e os Makoni, dentre outros, (PARAISO, 2014). “Os pataxós habitavam as áreas do interior da Bahia compreendidas entre os rios Cachoeira e Pardo e os Kamakãs margeavam os rios Colônia, Pardo, Jequitinhonha e das Contas” (NASCIMENTO, 2006, p. 235).

Na região também havia (e ainda há), muitos quilombos estabelecidos, a partir da resistência aos processos de escravização da população africana nas minas de diamante e ouro. Assim há indícios de que a primeira miscigenação ocorrida na região foi afro-indígena. “Já os primeiros negros vieram para o sertão baiano se refugiando da escravidão nas comunidades quilombolas, causando desconforto e preocupação às autoridades coloniais.” (NASCIMENTO, 2006, p. 235). Na cópia de uma carta do desembargador de Ilhéus no final do século XVIII, anuncia a presença da população africana escravizada, que fugiam das minas para as aldeias da região. Receoso por estar em desvantagem faz uma espécie de aliança com esta população.

Devo dizer a V.M. que em algumas destas aldeias se acham metidos alguns escravos que fugiram lá debaixo e um mulato ladino que me dizem, é capitão de uma das aldeias [...] e esta foi uma das razões porque me não resolvi a fazer a paz, receoso de que os ditos escravos me fizesse alguma traição, vendo-me com tão pouca gente”. (Cópia da Carta de Desembargador e Ouvidor de Ilhéus aos Exmos Governadores. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Brasil – Avulsos (6 de Agosto de 1783), p. 160 apud SOUSA, Maria Aparecida Silva. A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2001, p. 53 apud NASCIMENTO, 2006, p. 236)

A carta apresenta, de maneira não muito clara, um movimento que já se estabelecia ali para além do governo português, onde o território não era de familiaridade da coroa e ainda possuía um acesso dificultoso. Tornar evidente as populações que habitavam anteriormente o território, são fundamentais para se entender como se dá um processo de apagamento de outras histórias em prol de uma história única oficial. A evidência contida nesta carta de que há outras populações no local, muito antes da conquista ibérica adentrar a capitania, é fundamental para se entender a existência de culturas afro-ameríndias, mesmo que seja através ainda de uma carta ao governo português.

A autora Maria Hilda Baqueiro Paraiso, em seu livro *O Tempo da Dor e do Trabalho, A Conquista dos Territórios Indígenas nos Sertões do Leste*, afirma que a região fez parte de um projeto da Coroa denominada de *zona tampão* da capitania da Bahia à região das Minas que funcionou como uma espécie de barreira natural conveniente ao governo. Uma zona, que durante alguns séculos ficou aquém da exploração e da conquista.

A delimitação espacial da lógica da implantação de um modelo social numa determinada área, a qual foi denominada zona tampão. Essa denominação decorreu da necessidade de configurar um espaço que, em decorrência de um conjunto de medidas político-administrativas adotadas pela Coroa portuguesa, permaneceu interdito por aproximadamente cem anos. Constituído-se, ao mesmo tempo, em barreira ao acesso às zonas de mineração e refúgio de vários grupos indígenas. (2014, p. 21)

Durante um período mais ou menos de cem anos, entre 1700 até 1808, houve a interdição para tal zona, não havendo a possibilidade de conquista, uma *zona proibida* à exploração. “(...) localizada entre o rio das Contas, ao norte, e Doce ao sul, tendo a zona de mineração em Minas Gerais a leste, e que transformou em refúgio de várias etnias indígenas foragida do contato com os colonos.” (PARAISO, 2014, p. 21). No entanto, como ocorreu à decadência do período da mineração, houve o avanço dessa conquista para os *sertões do Leste*, ou médio e baixo Jequitinhonha, incentivados posteriormente, muito pelo processo da agricultura e da pecuária, ocorridos em larga escala. Iniciando na localidade uma exploração forte nestes setores da economia.

Se o Alto Jequitinhonha chegou a ser uma área de atração de população no século XVIII, por força da extração do diamante e ouro, o Baixo e o Médio Jequitinhonha tornaram-se áreas de imigração no século XIX e primeiras décadas do século XX, quando a expansão da pecuária de corte propiciou a vinda de mineiros (de outras regiões), nordestinos e, principalmente baianos. Nas últimas décadas, no entanto, essas sub-regiões tornaram-se áreas economicamente estagnadas e expulsoras de população, notadamente o Baixo e Médio Jequitinhonha. (MATOS, 2000, p. 890).

A região, muitas vezes famosa por ter sido considerada durante muito tempo, o “vale da miséria” no Brasil, no final do século XX teve sua população como migrante para as grandes capitais do país e suas regiões metropolitanas, principalmente São Paulo, em períodos de fortes secas, pela sua característica climática semiárida e por uma estagnação nos setores de sua economia. A região do baixo e médio sofreu uma espécie de esvaziamento demográfico sazonal, ocasionando uma intensificação e uma piora do seu IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). “As populações do Vale do Jequitinhonha ainda ostentam indicadores típicos de regiões deprimidas, tais como: alta mortalidade infantil e baixa esperança de vida, níveis de fecundidade relativamente elevados, forte evasão de migrantes para outras regiões e estados (...)” (MATOS, 2000, p. 885).

Atualmente ainda sofre com estes fatores, pois apesar de ter havido certo investimento através de programas sociais na região, nos últimos 30 anos pelo

governo federal, ainda há um alto índice de miséria e que atualmente se intensifica, com os cortes e a precarização desses programas no governo atual.

Alguns desses fatores determinaram a natureza social e racial da minha família, nascida e criada na região, produzindo nossas existências a partir desse escopo histórico, minimizadas por dinâmicas econômicas resultantes desses processos coloniais.



### *Araçuaí (MG). Trajeto 1*

A cidade de Araçuaí localizada no médio Jequitinhonha, foi onde realizei o primeiro trajeto dessa pesquisa e algumas entrevistas gravadas em vídeo com minha avó materna Elita, onde vive atualmente. A cidade, um dos polos mais famosos da região do médio Vale, possui sua população em torno de 36 mil habitantes, com um clima já fortemente árido e com poucas precipitações de chuvas, não diferindo muito do clima da região como um todo, apesar de ser banhada pelo rio Araçuaí, um dos afluentes do rio Jequitinhonha.

Entre as primeiras décadas do século XIX, a cidade foi fundada por Luciana Teixeira, que na época diziam possuir um estabelecimento semelhante a um bordel, onde os canoieiros da região faziam algumas paradas de suas viagens pelo rio Araçuaí, sendo também a que cedeu as terras de sua propriedade, para formar o *Calhau* ou *Kiau* (primeiro nome de Araçuaí). Sua economia se baseia principalmente na agropecuária, em comércios locais e nas práticas de mineração mais esporádicas, atualmente<sup>1</sup>.

Araçuaí também é uma região reverenciada pela sua produção de cerâmica, através da qual uma parte de sua população sobrevive. (DALGLISH, 2013). Todavia anteriormente a fundação da cidade no século XIX, a região inicialmente povoada por uma população ameríndia e quilombola, possui grande expressividade dos povos Maxacali, que nos dias atuais se encontram em estado de luta pela restituição de seus territórios. Próximo à cidade também há a população Pankararu e Pataxó, que foram obrigados a migrar para a região na época da ditadura militar. Atualmente possuem alguns de seus territórios restituídos, como a aldeia *Cinta Vermelha Jundiba*, a qual visitei em 2014. Assim como também a população da comunidade Quilombola do Baú, que também obteve o reconhecimento do seu território no ano de 2008<sup>2</sup>. O povoamento do

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/saberesplurais/municipio/aracuai/>>. Acesso: 29 dez.2020.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.aracuai.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/guia-turistico-cultural-de-aracuai/36957>>. Acesso: 20 dez. 2020.

Vale no geral, a princípio se deu pelas populações nativas locais, como já mencionado e posteriormente pelas populações negras que foram escravizadas para trabalhar nas jazidas minerais, o que resultou em uma grande quantidade de quilombos, criados por conta das inúmeras fugas dos escravizados das minas. “São eles, os ex-escravos, a população negra que mineirou, cavou, construiu, plantou, colheu e fez florescer um Vale de riquezas imensuráveis”. (FOGAÇA, 2017, p.19)

A cidade ficou famosa também pela sua forte representatividade cultural e por um crescimento sociocultural, no início dos anos 2000. A região possui também fama por conta de ter grandes artistas da cerâmica e do entalhe, como Mestre Zefa, Lira Marques, Marcinho Barbosa, dentre outros. Artistas estes, atuantes também no campo social, como no caso de Marcinho, um dos responsáveis pela Associação de Artesãos de Araçuaí<sup>3</sup>, a qual também fui sua aluna, durante três anos. Como também foi a sua mentora, Mestre Zefa, a qual lhe ensinou a técnica do entalhe e também muito atuante na associação, durante sua vida. A produção de Marcinho Barbosa transita entre o universo do popular e o universo da arte barroca religiosa, retratando as relações entre o sagrado e o profano nas festas da região. Como ambos, a artista Lira Marques<sup>4</sup> é também atuante na política social e cultural do município, possui como principal produção a cerâmica. Técnica com a qual produz máscaras inspiradas em referências do universo simbólico dos povos de origem negra e indígena, que remontam e refletem sua ascendência, modeladas a partir do “rastros de seus antepassados.” A artista recupera um passado e reconstrói sua “etnicidade” de maneira viva e mobilizadora. Lira desenvolve também, uma pesquisa sobre música popular da região, com Frei Chico (Francisco van der Peöl), figura religiosa atuante nas

---

<sup>3</sup>Disponível em: <<https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/2020/07/08/mostra-virtual-marcinho-aracuai/>>. Acesso: 23 dez. 2020.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/2020/07/08/mostra-virtual-artesas-lira-e-zefa-de-aracuai-mg/>>. Acesso: 23 dez. 2020.

Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/saberesplurais/artista/mestra-lira-marques/>>. Acesso: 21 dez. 2020.

manifestações culturais da localidade, com quem foi fundadora do “Coral de Trovadores do Vale”. (FROTA, 2005).

Resquícios de memórias presentes em tais produções recobram e reivindicam um direito de ancestralidade e pertencimento que fazem parte de uma proposta estética de suas criações dentro de suas poéticas, as quais fortemente me baseio. O processo de desintegração cultural, social e econômico que sofreu a população negra e indígena através da escravidão pelo sistema colonial na região, como já sabido, ocasionou a dissolução de memórias e as culturas destas populações e são recobradas em uma narrativa de corpo, mente e barro, nas obras desses grandes artistas.



6



9

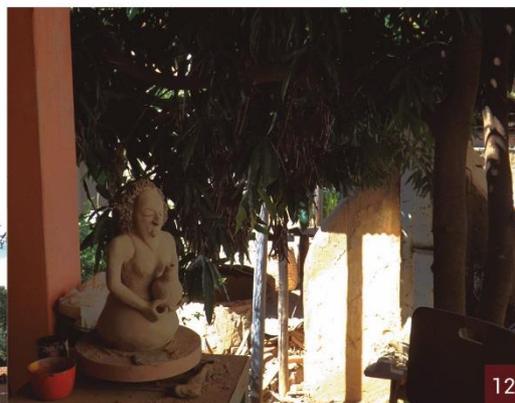


8



7

6. Canoeiro entre o rio Jequitinhonha com rio Araçuaí. Foto Talita Rocha. 2014 / 7. Aldeia Cinta Vermelha Jubiabá. Foto Talita Rocha. 2014 / 8. Pajé da Aldeia Cinta Vermelha Jubiabá. Foto Talita Rocha. 2014 .9. Araçuaí. Foto Talita Rocha .



10. Avó no pé de andu. Foto Talita Rocha 2017. / 11., 12. Associação dos Artesãos de Araçuaí. Foto Talita Rocha. 2014.

Visito a cidade com bastante frequência para visitar minha avó Elita. E durante algum tempo, também por interesse artístico na feitura da cerâmica. Na ocasião da entrevista para esse processo de pesquisa, em julho de 2019, afirma gostar muito de Araçuaí, diz ser uma cidade tranquila, com muita coisa para se fazer, como a feira, festividades da cidade, gosta de suas atividades culturais de modo geral. Atualmente aposentada, acha um lugar bom para se viver uma vida tranqüila. Minha avó materna sempre se ocupa com alguma atividade, como fazer biscoitos, viajar e também vai a algumas reuniões do partido dos trabalhadores (PT).

Minha avó Elita nascida no final dos anos 40 e criada na região de Medina na fazenda Porção, na ainda de terra e recém-construída BR-116, trabalhou desde muito cedo no roçado, desde que se entende por gente, como diz. Sua mãe veio a falecer muito precocemente, sendo assim criada pela minha tetravó materna Minelvina e pelo meu bisavô materno José. Conta que sua mãe era uma *“morenona do cabelão, parecendo índia”*. Em uma das entrevistas narra um episódio que faz parte de diversas histórias orais sobre as memórias de grande parte das famílias no Brasil:

*“- A Senhora tem memória da sua mãe?*

*- Da minha mãe eu tenho, minha mãe era assim meu tipo. Morena do cabelão, parecendo índia. Que tinha descendência de índio na família da minha avó. Ai saiu mais ou menos. (...) eles contavam que, peraí xo lembrar...acho que a avó de minha avó, foi pegada com cachorro, os grandão pegavam os índios com cachorro, porque eles corriam muito, escondia...ai os grandão, botava os cachorros no mato pra pegar os índios.”<sup>5</sup>*

---

<sup>5</sup>Entrevista com minha avó Elita em Araçuaí (MG) realizada em julho de 2019.

Não se fala quase nada de quem é negro ou indígena na família, faz algumas menções aos indígenas e quando há alguma referência ao negro, este sempre é tratado como *moreno*, também quando fala de si mesma, fala que é morena do cabelo anelado, saindo “*mais ou menos*”, como afirma. “(...) a ‘morenidade’ brasileira é um recurso simbólico de fuga de uma realidade em que o racismo e a discriminação são constantes.” (NASCIMENTO, 2006, p. 234).

Uma das reflexões geradas através dessas viagens é de que a miscigenação atravessa diretamente os discursos recolhidos, como um modo e muitas vezes uma estratégia de apagar memórias de afro-ameríndios. Assim os usos constantes dos termos “*mais ou menos*” e “*moreno*”, como uma maneira de suavização do racismo ou de não afirmação, é um dos elementos que caracterizam o processo de embranquecimento da população. “Para Abdias, o branqueamento da raça negra é uma estratégia de genocídio. Esse branqueamento começou pelo estupro da mulher negra e originou os produtos de sangue misto: o mulato, o pardo, o moreno, o pardavasco, o homem de cor. (MUNANGA, 2019, p.88). Todavia irei discutir mais profundamente sobre este processo, nas partes que se seguirão.

Ao mostrar seu álbum de fotografias, existiam algumas fotos de mulheres indígenas da família, em que não se sabia falar muito sobre. Dizia que eram fotos de familiares, fotos de homens e mulheres que não se lembrava exatamente qual vínculo possuíam. Esses apagamentos também podem ser relacionados a uma diluição promovida pelo processo da miscigenação, nos empurrando para um abismo do não-saber ou não-dizer e do não-lugar. “Todos os lugares de memória são objetos no abismo” (NORA, 1984, p. 24). Não há uma definição, o que nos faz aproximar cada vez mais de um lugar de completa inexistência.

Como era o costume, minha avó Elita casou-se aos 19 anos com meu avô Olinto. Teve seu primeiro filho, que veio a falecer, engravidando na sequência da minha mãe Reny. No total teve oito filhos, dois deles falecidos recém-nascidos. Nessa época ainda moravam na margem da BR-116 e com o passar dos anos, começou a trabalhar em uma escola rural próxima a sua casa. Posteriormente, como já não trabalhavam mais para o dono da fazenda em que moravam, foram expulsos e mudaram-se definitivamente com a família para a

cidade de Medina, onde arrumou um novo emprego em uma outra escola. Durante muitos anos minha avó trabalhou em diversas escolas na região e posteriormente em Belo Horizonte, vindo a se aposentar na função de merendeira e voltando recentemente para o Vale, para a cidade de Araçuaí.

Também trabalhou em algumas casas de família e em uma dessas casas começou seu contato maior com o universo da política. Em meados dos anos 70/80, uma filha de uma de suas empregadoras das casas onde trabalhava, a convidou para uma reunião do Partido dos Trabalhadores (PT). Como também já participava de reuniões na igreja católica o chamado “Clube das Mães” e “Clube dos Casais”, que muitas vezes também discutiam sobre estratégias políticas e sociais da região, já possuía certo interesse em política e acabou indo e participando mais efetivamente das reuniões do partido.

Nessa mesma época filiou-se ao PT junto com sua amiga Eva, uma das organizadoras da romaria para Bom Jesus da Lapa (BA). Tempo este que também começaram a questionar as posturas e ações do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Medina, onde quem comandava eram algumas oligarquias ligadas aos partidos como UDN e PFL, como cita. Segundo ela, houve uma guerra entre os “grandãos” e os “pequenos”, com muitas perseguições e inclusive chegou a perder o seu emprego por conta da luta política, sofrendo algumas perseguições. Um dos fazendeiros da época chamado Mozar, com grande influência na região, pediu para que a diretora da escola a mandasse embora. Porém afirma que tal diretora, não querendo demiti-la, contratou um advogado para que entrasse na justiça com as demais mulheres que sofreram perseguição política. Conta que ganharam a ação e com isso ainda conseguiram a contratação de mais funcionários para a escola. Afirma que era considerada uma *mulherzinha* na época, por se envolver com política e que ganhava o povo na argumentação, “-*tinha que ter argumento*”.

Nos anos 80 se candidatou a vereadora da cidade de Medina pela primeira vez pelo Partido dos Trabalhadores, conta que as reuniões aconteciam em uma padaria pela manhã e frequentemente eram abordados por policiais, pois ainda havia a proibição de reuniões políticas nesse período ditatorial.

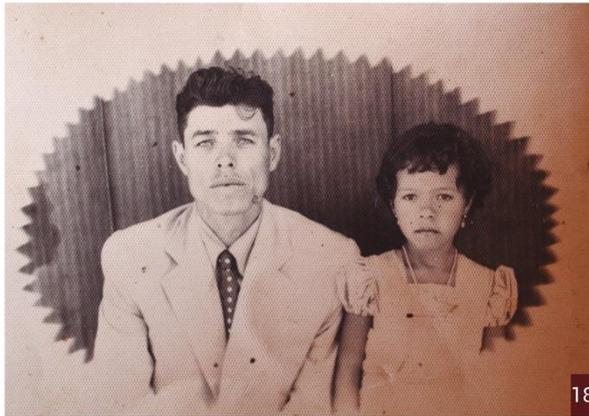


13, 14, 15 e 16. Avó Elita. Arquivo Pessoal.

Conta que meu avô Olinto não simpatizava muito com seu envolvimento com política. Este devido ao seu grande adoecimento pelo alcoolismo sofreu um AVC (Acidente Vascular Cerebral) no início dos anos 90. Foi neste mesmo período após sua recuperação, que minha avó decidiu se separar e mudar para Belo Horizonte junto à alguns de seus outros filhos, já estabelecidos na cidade.

A luta política sempre foi um fator determinante em sua vida, de sobreviver em uma das regiões consideradas mais pobres economicamente do Brasil. O Vale do Jequitinhonha, em tal época era um lugar de disputas territoriais violentas, onde os mais desprovidos, “os pequenos” ficavam a mercê “dos grandes”, os coronéis, latifundiários da região. A luta, palavra citada com grande frequência pela minha avó, está vinculada a possibilidade de mudança de condição, de não aceitar as estruturas predeterminadas por processos sociais e históricos. Essa luta estabelecida anteriormente corroborou para um avanço em um campo político mais amplo, no qual resultou até mesmo no meu acesso à universidade, no acesso aos grandes centros, para além de um contexto somente de subalternização.

As falas da minha avó, mulher negra afro-indígena, nascida e criada no Jequitinhonha, possui uma escuta que se faz presente em mim. “Ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida.” (KILOMBA, 2019a, p.42). Sua vida não é a minha, mas influenciou diretamente no que sou, influenciou e ainda influencia uma compreensão de onde falo e de onde me escutam. Assim não pretendo traduzir as falas da minha avó Elita, mas encontrar onde estas fazem morada em mim.



17, 18 e 19. Álbum Familiar. Arquivo Pessoal.



## *Bom Jesus da Lapa (BA). Trajeto 2*

A Romaria Seu Zé Teixeira, no dia 25 de julho de 2019 fez 30 anos. Durante todos esses anos, no dia da trabalhadora e do trabalhador rural, a romaria está presente na cidade de Bom Jesus da Lapa na Bahia.

Várias pessoas da Comunidade Bonfim já visitaram Bom Jesus da Lapa- BA, a nossa história começa no ano 1989, quando Elizema Teixeira da Cruz (filha de Eva e Zé Teixeira) foi convidada pela avó (D. Ana—in memoriam) para a viagem. Esta voltou entusiasmada pediu aos pais para fazerem romaria. Em maio de 1990, Elita Souza Rocha e alguns outros romeiros (as) reacenderam o pedido de ajudá-lo na organização da viagem. (...).<sup>6</sup>

Em 2015, foi o ano em que acompanhei minha avó Elita pela primeira vez na Romaria, na ocasião no ano anterior havia falecido meu avô materno Olinto em decorrência de um segundo AVC que sofreu e por isso decidi ficar mais próxima a minha avó, conhecendo mais sobre sua história e da família. Grande parte da vida morei em São Paulo e possuía contatos mais esporádicos com ela.

Nesta ocasião decidi ir com o intuito de vê-la em um contexto para além do familiar, em um lugar do seu lazer, do seu sagrado e de sua luta política. Ouvia muito falar de suas histórias, de sua participação no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Medina, de como lidava com a “sabedoria do mato”, as ouvia através da minha mãe, que dizia que eu tinha forte semelhança com ela, “*Você puxou sua avó*”. Sempre tive uma admiração enorme pela minha avó e sua vida, pois foi a primeira mulher que vi romper com o casamento na família, uma referência de independência, uma figura imponente e de força.

Durante os trajetos de Araçuaí para Medina, de Medina para Bom Jesus, tivemos diversas conversas sobre as origens dos nossos familiares, sempre contava histórias sobre minhas duas famílias (paterna e materna), pois conhecia ambas. Minha avó contava essas histórias apontando alguns lugares nos trajetos

---

<sup>6</sup> Texto do folder de Comemoração dos 30 anos de Romaria Zé Teixeira.

da viagem e as paisagens relacionadas à essas histórias: “-*Ta, tavendo aquele lajedo lá atrás? Foi ali que nasceu sua mãe, galeguinha, puxou a raça do seu avô*”. Ou “*essa fazenda aqui oh, chama Braúna seu avô, pai do seu pai, era gerente<sup>7</sup> de lá, morenã alto*”.

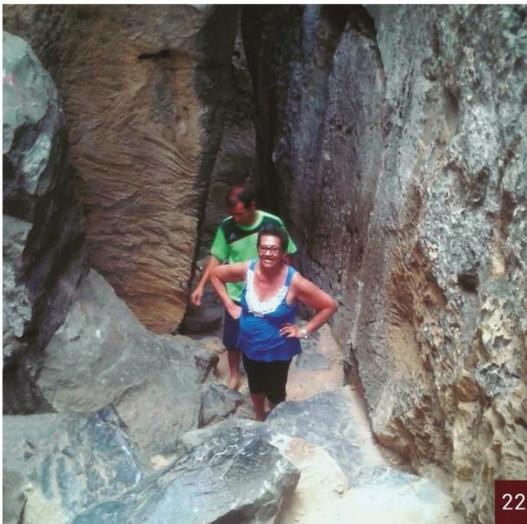
A viagem de Medina ao Bom Jesus dura em média 12 horas de ônibus, a estadia na cidade é de dois dias inteiros. Já são estabelecidos de antemão os rituais dos romeiros. No primeiro dia, os romeiros ficam livres para aproveitar o lugar, ir à feira, subir no alto do cruzeiro, ver o rio São Francisco, beber na praça ou assistir as missas celebradas durante todo o dia. No segundo dia é o compromisso da missa do dia 25 de julho e todos ficam na função desta celebração.

A movimentação é grande no segundo dia. Logo pela manhã todos participam da preparação das ofertas. A missa celebrada pelo padre Vilmar, possui sempre viés sociopolítico, há um discurso forte voltado para os direitos básicos, direitos a terra, direitos a uma existência digna. Na ocasião, havia sido assassinado um trabalhador do Movimento Sem-terra (MST) da região e este foi citado e homenageado pelo padre.

Ao final dessa viagem fui visitar o alto do cruzeiro com minha avó, onde existe uma pedra que se deve bater e deve soar como um metal para que se possa voltar ao local, como uma espécie de permissão. Caso não soe, segundo a crença, há o risco de morte. “Muitos romeiros sobem o morro da Lapa para bater com um fragmento rochoso a pedra do sino. Muitos creem realmente que poderão morrer em breve, caso a pedra não emita um barulho esperado”. (CASTRO, 2008, p. 40). Como a pedra soou, voltei mais algumas vezes ao Bom Jesus.

---

<sup>7</sup> Espécie de capataz da fazenda.



20. Bom Jesus da Lapa (BA). 2019 / 21 e 22. Alto do Cruzeiro. 2015.

Com o objetivo de fazer essa pesquisa de mestrado, no ano de 2019 repeti a viagem e fui novamente para Medina, onde partem os ônibus da romaria para Bom Jesus. Ficamos o dia todo na casa de Dona Eva no bairro do Bonfim, ponto de encontro de todos os anos. Dona Eva militante atuante no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Medina até hoje, é apresentada pela minha avó como sua companheira de luta e é também casada com Zé Teixeira, que dá nome à romaria:

A Romaria é organizada pela família de Zé Teixeira e Vanilde Gil, com parceria das Comunidades de Rurais e Urbana, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Medina-MG, o Programa Terra da Gente, o ITAVALE (Instituto dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Vale do Jequitinhonha), Sindicato dos Trabalhadores Rurais de cidades vizinhas, o Santuário de Bom Jesus da Lapa e os padres, em especial Padre Vilmar (Taiobeiras-MG), a Rádio de Bom Jesus da Lapa-BA, a CUT-MG (Central Única dos Trabalhadores, Tríplice Assessoria e é claro de todas as pessoas que todos os anos fazem a Romaria Zé Teixeira.<sup>8</sup>

Pouca coisa mudou desde a primeira vez que fui, exceto que este ano estava sendo comemorado os 30 anos de romaria. A relação estabelecida com os romeiros sempre foi muito amistosa, pois a maioria são conhecidos de longa data da minha família. Desta vez, fui junto ao ônibus dos músicos com a minha avó, onde estes tocavam e cantavam a noite toda, músicas ligadas ao contexto de suas vivências:

*1. Quem disse que não somos nada, que não temos nada para oferecer? /Repare nossas mãos abertas trazendo as ofertas do nosso viver...*

*2. Nosso direito vem, nosso direito vem, se não vir nosso direito o Brasil perde também...*

---

<sup>8</sup> Texto do material impresso em comemoração aos 30 anos de romaria.

3. *A igreja da Lapa foi feita de Pedra e Luz, vamos todos visitar, meu senhor Bom Jesus...*<sup>9</sup>

Durante a viagem há sempre muita comida feita pelos próprios romeiros, o clima sempre é de muita generosidade e animosidade. Dentro do ônibus vão de banco em banco oferecendo alimentos, desde paçoca de carne até uma cachaça de alambique com jatobá. Fazem apostas para ver quem bebe mais, sorteiam brindes e até uma passagem para o ano seguinte. Ocorrem diversas paradas na estrada, a mais importante é Riacho de Santana no estado da Bahia. Há diversas bancas comerciais de produtos locais, como requeijão, doces, rastelos de alho e cebola, esteiras de palha e outras mercadorias. Os romeiros ficam ansiosos por esta parada, pois é a pausa para o café e a última antes de chegar a Bom Jesus. Muitos em Medina esperam esta viagem o ano todo, fazendo economias e até uma espécie de consórcio para pagar aos poucos a passagem.

A cidade de Bom Jesus da Lapa (BA) se estabeleceu, a partir da configuração das romarias em volta do misticismo de sua igreja, uma gruta na beira do rio São Francisco. O dito turismo religioso é o que fomenta grande parte da sua economia local, além de outras atividades como a agricultura e os comércios.

O grande diferencial entre Bom Jesus da Lapa e as outras cidades da região é o morro em estilo gótico e suas grutas que lhe conferem um clima místico e diferenciado. Sua população em 2009 era de 63.508 habitantes conforme dados do IBGE. Possui uma área total de 4148,5 km<sup>2</sup>. Suas atividades econômicas estão baseadas na agricultura, comércio, turismo e pesca, sendo as mais fortes fontes de renda, o turismo religioso e a fruticultura irrigada do 2º maior projeto de irrigação da Bahia, o Projeto Formoso.<sup>10</sup>

Ao chegar à cidade, os romeiros se hospedam em diversos lugares, alguns vão para os hotéis, que são poucos, e outros para casas de moradores locais já conhecidos. Na chegada são dados os informes da programação do fim de semana como de costume e avisam aos mais velhos que não se afastem muito do grupo. No primeiro dia desta vez, fomos à feira comprar painéis de alumínio

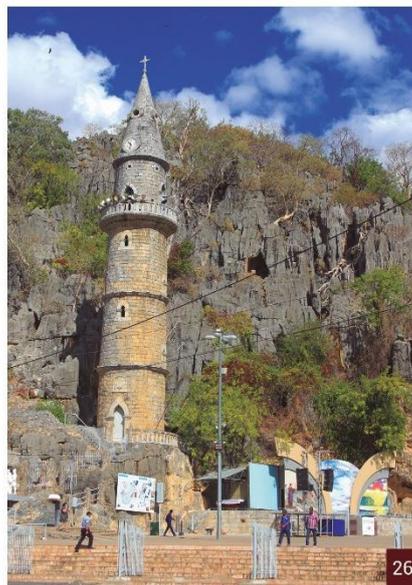
---

<sup>9</sup> Músicas cantadas pelos romeiros durante a viagem de Medina (MG) para Bom Jesus da Lapa (BA).

<sup>10</sup>Disponível em [http://www.bomjesusdalapa.ba.gov.br/texto/a\\_cidade](http://www.bomjesusdalapa.ba.gov.br/texto/a_cidade). Acesso: 10 dez. 2019

batido e presentes para meus tios e minha mãe, isto já se estabeleceu como um ritual nosso.

Como nos anos anteriores, no segundo dia é celebrada a missa pela manhã, enfatizando mais uma vez a luta pelos direitos dos trabalhadores rurais. Padre Vilmar, que durante esses 30 anos celebrou todas, faz questão mais uma vez de dar a devida importância aos que foram assassinados no respectivo ano nessa luta. Citando seus nomes, rezando por estes e entoando cantos.



26. Gruta de Bom Jesus. 2019 / 27. Parada Riacho de Santana(BA). 2019.

Esta viagem perpassa um dos principais lugares que expressam fortemente uma religiosidade de um típico “catolicismo popular brasileiro”. (CASTRO, 2008, p 37). Práticas fortemente exercidas na região do Vale do Jequitinhonha, onde é comum a presença de romeiros. A majestosa igreja esculpida naturalmente pelo rio São Francisco, dispõe de um espaço interno amplo, dividido em diversas galerias, na principal são celebradas as missas. Possui outras pequenas grutas, como São Geraldo, Gruta do Bom Jesus, Gruta da Soledade, dentre outras, que funcionam como capelas de alguns santos. Há também uma sala de ex-votos<sup>11</sup>, chamada Sala das Promessas, que se apresenta como uma espécie de museu.

---

<sup>11</sup>“Abreviação latina de *ex-voto suscepto* ("o voto realizado"), o termo designa pinturas, estatuetas e variados objetos doados às divindades como forma de agradecimento por um pedido atendido. Trata-se de uma manifestação artístico-religiosa que se liga diretamente à arte religiosa e à arte popular(...). As motivações do presente votivo são muitas: proteção contra catástrofes naturais, cura de doenças, recuperação em virtude de sofrimentos amorosos, acidentes e dificuldades financeiras.” (EX-VOTO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5433/ex-voto>>. Acesso em: 30 nov. 2020.



23, 24, e 25. Ex-Votos. 2019 .

Com relação à origem do lugar, segundo minha avó, contam que houve um resgate de uma menina que se afogava no rio São Francisco e que o próprio Bom Jesus a tirou da água. Porém há muitas outras versões sobre sua origem,

uma dessas também seria a de um andarilho que encontrou as grutas e colocou a imagem de Jesus. “(...) a versão histórica mais aceita é a aquela que consta nas publicações dos padres redentoristas e de Kocik (2000) que relata a saga do ourives português Francisco Mendonça Mar que, após sair da prisão, teria se deslocado como andarilho pelo sertão baiano quando encontrou as grutas da Lapa (...)” (CASTRO, 2008, p. 34).

As romarias para Bom Jesus são bem comuns na região do Norte de Minas e Sul da Bahia, a de Zé Teixeira não é a única na cidade de Medina, mas é tida como a mais tradicional. Há um preparo durante o ano todo para a viagem e segundo o próprio Zé Teixeira, a organização durante esses 30 anos foi se aprimorando, pois já passaram por muita coisa. As primeiras viagens foram feitas em caminhões chamados pau-de-arara<sup>12</sup>, com cerca de 60 pessoas cada. Alguns romeiros contam que preferiam este tipo de transporte, pois havia mais união. Afirma também que no início, chegou-se a ir em média cinco ônibus e que com o tempo foi diminuindo a quantidade de romeiros, pois muitos se converteram às igrejas neopentecostais. Neste ano tiveram somente três. Há também outra romaria que organizam para Aparecida do Norte (SP), mas muitos dizem gostar mais de Bom Jesus, pois se sentem mais à vontade e falam que a “pedra” foi feita por Deus mesmo. “(...) em Bom Jesus da Lapa, a gruta e o morro são os lugares Sagrados”. (CASTRO, 2008, p. 38)

As histórias das romarias feitas de Medina para Bom Jesus da Lapa atravessam diretamente a nossa história familiar, se imbricando a uma necessidade de luta pela subsistência na região, como por exemplo, sua ligação direta com a luta dos trabalhadores rurais. Minha avó conta que a primeira vez que foi à Bom Jesus possuía cerca de 15 anos, indo com sua avó materna Minelvina (minha tetravó). Essa por sua vez, já havia feito a viagem inúmeras vezes andando, o que levava em média um mês para se chegar.

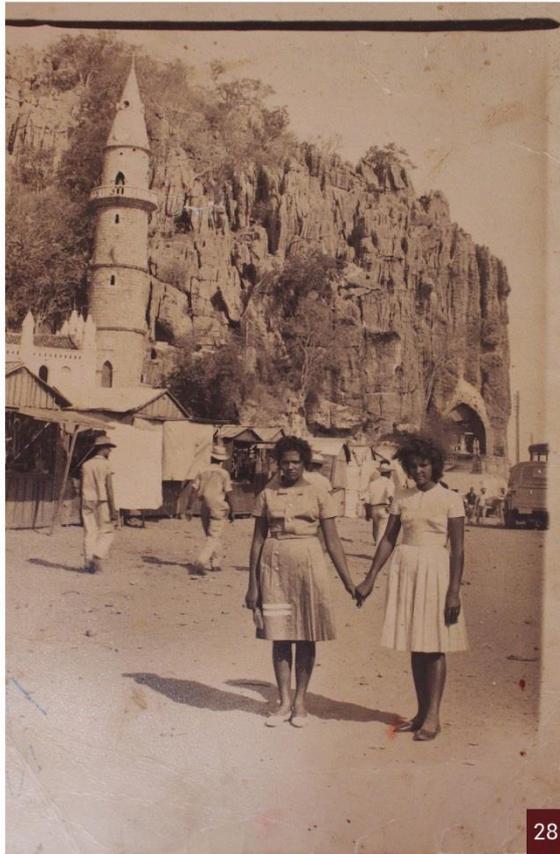
Em alguma instância, essa viagem religiosa proporciona uma força exterior ao cotidiano, em que é possível exercer alguma esperança, de que a realidade social irá mudar e será passageira, se unindo à luta política.

---

<sup>12</sup> Caminhão coberto de lonas que transportam pessoas. Utilizados de maneira irregular, durante migrações da região nordeste para a sudeste, ou como no caso em romarias.

Para minha avó, Bom Jesus da Lapa também é um lugar onde conseguiu obter certo lazer, se estabelecendo como sujeita da própria vida, exercendo algum tipo de liberdade. Socialmente e racialmente, o seu lugar é fundamentado pelo trabalho e pela subalternidade, ocupando ao longo da vida, funções consideradas socialmente e economicamente menores, como merendeira, faxineira, trabalhadora rural e doméstica. Viver para além desta determinação socio-histórica é uma maneira de resistir à subalternização de seu corpo. Romper com o silêncio imposto pela sua condição, se dá a partir da construção de um lugar seguro, um lugar de afeto. Bom Jesus da Lapa é um lugar onde é possível exercer sua subjetividade e falar, por isso também a minha escolha desse campo.

A hierarquização violenta do falar atravessa a impossibilidade de falar sobre si mesmo, de contar quem se é. Este interdito causa muitos silêncios baseados na eliminação e no apagamento das nossas origens. “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher-negra, pobre’ como um item respeitoso na lista de prioridades globais.” (SPIVAK, 2010, p.126 apud RIBEIRO, 2019, p.74). Falar da história da minha avó, é falar da minha própria, é desenhar minha subjetividade, conhecendo-a e me apropriando dela.



28



29



30

28. Primeira viagem da minha avó Elita para Bom Jesus. Arquivo Pessoal./ 29. Início da Romaria Zé Teixeira para Bom Jesus. Arquivo Pessoal. / 30. Beira do rio São Francisco. Arquivo Pessoal.



***Homens-Ausências: Todos os homens da família estão mortos***

Diferentemente do que ocorre com as mulheres consultadas nesse processo, não houve a possibilidade de considerar os homens como lugares de memórias, pois estes se fundamentam basicamente em ausências, cuja suas presenças são vivas nas falas das mulheres que entrevistei. Pouco se sabe sobre as figuras masculinas mais velhas de ambas as famílias, o que ocorre também com algumas figuras mais jovens e ligadas diretamente à minha existência, como no caso do meu pai Gilberto e meu padrinho e tio Valdecir; ambos homens negros mortos precocemente. Portanto estes campos realizados que se seguirão, mesmo que sobre os homens da família, são pautados nas falas e nas presenças ainda das mulheres, da minha avó materna Elita e agora da minha tia paterna Geralda, complementadas por algumas falas da minha mãe Reny e da minha tia Adalgiza.

A ausência masculina é uma realidade em grande parte das famílias no Brasil, na minha família não foi diferente. As mulheres assumiram o protagonismo e a tarefa de suprirem essas ausências. Ausências estas que possuem dimensões individuais e sociais variadas, como abandono parental, doenças, mortes precoces e etc., se relacionando com questões de gênero, raça e classe. É sabido que essa ausência atrelada às questões sobre masculinidades negras é um fator que afeta diretamente esses cenários familiares.

São variadas as causas dessas ausências, no entanto se considerarmos o recorte das diversas violências sofridas pelos homens negros, muitas vezes através de doenças como o alcoolismo, por exemplo, ou em casos de violências diretas, como assassinatos. É fundamental pensarmos que a ausência masculina negra não é uma aleatoriedade, pois quando consideramos as condições estruturantes para a existência digna desses homens, constatamos sua forte ineficácia.

O racismo, mais uma vez, permite a conformação das almas, mesmo as mais nobres da sociedade, à extrema violência a que populações inteiras são submetidas, que se naturalize a morte de crianças por “balas perdidas, que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde, que se exterminem milhares de jovens negros por ano, algo denunciado há tempos pelo movimento negro como genocídio. (ALMEIDA, 2020, p. 123).

A maioria dos homens da minha família estão mortos, isto é um fato e em sua maioria, são negros. A masculinidade negra é tida como um fantasma, em que sua ausência é normalizada, pois como afirma o autor Sílvio Almeida (2020), sua morte é naturalizada assim como o viver em estado de precariedade social também o é. Homens negros estarem mortos, serem alcoolistas ou habitarem as periferias, é visto cotidianamente como algo da ordem do comum, do cotidiano. Essa visão, muitas vezes, é determinada por um contexto social e racial, resultante do passado escravista do nosso país. No qual apesar de serem triplamente subjugadas, quem sobrevive em sua maioria são as mulheres negras e indígenas.

A construção social da masculinidade negra é totalmente pautada em estereótipos deturpados e com valores discriminatórios de diminuição, vistos sempre como uma ameaça. É fundamental que sejam considerados esses fatores, pois são ligadas fortemente a causa de suas mortes e o porquê também de suas ausências.

As figuras masculinas na minha família se estabeleceram quase sempre como narrativas construídas *sobre* e não por *estes*, sendo suas corporeidades raramente defrontadas com a minha. Desde a minha infância lidei com essas ausências; primeira a do meu pai, falecido quando possuía 11 meses e segunda, já na adolescência, com o assassinato do meu padrinho. Porém, esses rastros de suas presenças, sedimentados em vozes femininas, em um passado de vestígios de violência, permeado por um sistema onde suas presenças são descartáveis para a nossa sociedade, são fundamentais para a minha constituição enquanto sujeito, ou seja, lembrar-me deles também é importante para saber quem eu sou. Minha subjetividade foi formada por estas ausências,

na inexistência dessas masculinidades, mas na presença também dessas mulheres-memória.

### *Medina (MG). Trajeto 3*

Segundo consta, a cidade de Medina foi fundada no início do século XIX por um espanhol chamado Leandro Medina. E anos após sua chegada houve a do padre chamado Manoel Fernandes e de Bartolomeu de Vasconcelos, que submetendo à escravidão cerca de 50 pessoas indígenas e negras escravizadas, explorando a mão-de-obra dessas populações, fixaram-se em fazendas pelas redondezas, iniciando trabalhos de criação e de agricultura. Durante um período, pertenceu ao município de Araçuaí e Pedra Azul, se emancipando somente em 1938. Sua economia atualmente gira em torno da exploração da pecuária e da mineração de mármore e granito, pois a paisagem ao redor da cidade é montanhosa e contém grandes quantidades desses tipos de rochas<sup>13</sup>. Também situada na região do médio Vale, é mais próxima do município de Vitória da Conquista (BA), (180 KM). Apesar de pertencer ao estado da Bahia, é um polo importante da região, onde grande parte da população de Medina acessa para trabalhar e ter outros tipos de assistência.

Como no Vale de maneira geral, possui um IDH, (Índice de Desenvolvimento Humano) baixo com relação ao restante do estado de Minas Gerais. Há poucas oportunidades de empregos, muitos trabalham nas minas, na área rural e em comércios locais, o que obriga também a população a migrar constantemente. A educação e o saneamento básico são escassos e a falta de água é recorrente. Na ocasião em que visitei faziam oito dias que a cidade era abastecida por caminhões-pipa.

A história do município é registrada somente com o processo de conquista do território pelo espanhol. Cabe salientar que os estudos apresentados sobre a região dos *Sertões do Leste*, (PARAISO, 2014), são apresentados como territórios utilizados exclusivamente para exploração econômica. Todavia, proponho que se considere a população ali formada para além desse cenário, o

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/medina.pdf>>. Acesso: 23 out. 2020.

qual seja possível rever suas memórias coletivas e individuais. De modo que a discussão pautada no histórico das minhas famílias ali originadas, seja um caminho possível para tantas outras, irem além de um determinismo social e histórico, que apesar de serem elementos fundamentalmente constitutivos, não são os únicos.

A cidade sempre se apresenta com um certo ar de violência para mim, ouvia muitos casos de assassinatos e *“Medina sempre foi violenta”*, segundo minha mãe. Associava a cidade mais a família paterna do que a materna, apesar de ambas serem da mesma região. *“Ta vendo aquela fazenda ali, (apontando com o dedo), chama Braúna, seu avô, pai do seu pai, era gerente de lá. Parece que morreu ali. Ele era o valentão de Medina.”*<sup>14</sup>, dizia minha avó Elita.

Quase nunca ouvi falar do meu avô paterno Manoel, conhecido como Deca. Era citado, raras vezes, pela minha avó Elita, pois ambas as famílias já se conheciam antes mesmo do casamento dos meus pais, dizia que era um *valentão*<sup>15</sup> da cidade, que quando chegava na feira local, ninguém ficava próximo e era muito violento. Afirmava que os mais velhos da cidade contavam, que havia sido morto em uma *tocaia*<sup>16</sup>, em uma espécie de vingança.

Em reuniões da família do meu pai, raramente se falava dele. Muitos ficavam esquivos quando se questionava sobre, não mostravam também fotos. Nunca havia visto fotos suas até esse presente campo. Para saber mais sobre sua figura entrevistei minha tia, irmã do meu pai, Geralda, que mora atualmente na cidade de Mauá (SP).

A família do meu pai, também oriunda da região do Vale, mudou-se para São Paulo no início na década de 80, indo primeiramente os homens. Inicialmente foi meu pai Gilberto, para trabalhar em algumas empresas na zona portuária na cidade de Santos (SP) e posteriormente seus irmãos, como meu padrinho Valdecir, que foi trabalhar na região industrial de Mauá. Aos poucos

---

<sup>14</sup> Conversas realizadas com minha avó Elita a caminho de Bom Jesus da Lapa (BA).

<sup>15</sup> Espécie de cangaceiro da região.

<sup>16</sup> Espécie de cilada para atacar ou matar outra pessoa.

toda a família foi se estabelecendo na cidade, sendo as últimas a chegar minha avó Otília, tia Geralda e tia Adalgiza.

A casa da minha tia Geralda era um dos lugares que mais frequentei quando criança. Quando fui visitá-la em 2019, possuía praticamente a mesma configuração, os mesmos móveis, a fotopintura<sup>17</sup> da minha avó Otília e do meu pai na mesma parede, a mesma cristaleira. O único objeto posterior a minha infância, era uma foto do meu padrinho Valdecir em um porta-retratos na estante.

Minha tia sempre que me encontra lamenta a morte precoce do meu pai, falecido com apenas 35 anos. Sua figura, já idosa, possui um sotaque muito presente no norte de Minas, apesar de ter mais de 30 anos que fixou residência no estado de São Paulo, seu dialeto pouco mudou. Sempre ocupada com trabalhos domésticos, atualmente mora com minha tia Adalgiza, também irmã do meu pai, com quem divide esses trabalhos.

Na entrevista perguntei das memórias mais antigas que possuía e a primeira coisa que foi dita, era de suas saudades da fazenda onde nasceu e cresceu, descrevendo um lugar grandioso, com gado e plantação. Lugar, onde morou com meu avô paterno Deca e sua avó paterna Francisca (bisavó paterna), entre a região de Medina e Comercinho (MG). Dizia ter sido uma época boa de sua vida, pois não gosta muito de Mauá, onde mora atualmente. A casa que descreveu onde morou quando criança, foi um fator que me chamou atenção na entrevista, pois sentia muita nostalgia do lugar, com seus “23 cômodos”, se tratando aparentemente de uma fazenda no estilo colonial.

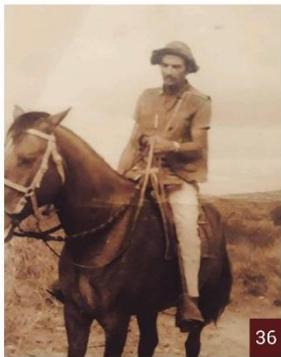
Outro fator que me chamou a atenção foi dizer que morou com minha avó Otília a partir dos 5 anos de idade, quando perguntei o porquê, desviou do

---

<sup>17</sup> “Processo inventado por André Adolphe Eugène Disdéri (1819-1889/90) em torno de 1863, a fotopintura é obtida a partir de uma base fotográfica em baixo contraste - que tanto pode ser uma tela quanto uma imagem sobre papel - sobre a qual o pintor aplica as tintas de sua preferência, geralmente guache, para o papel, e óleo, para as telas. Essa técnica apresenta a vantagem de dispensar a exigência de grande talento do pintor para o difícil gênero do retrato, transformando-o na maior parte dos casos num mero colorista, ao mesmo tempo que libera o cliente das fastidiosas sessões de pose exigidas pela pintura tradicional. Já em 1866 encontramos os primeiros praticantes deste processo no Brasil, que era denominado nos países de língua inglesa de *photographyoncanvas*”. FOTOPINTURA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3871/fotopintura>>. Acesso: 04 dez. 2020.

assunto. Também questionei sobre meu avô Manoel, disse que se lembrava de quando se separou da minha avó Otília, e de quando vieram para São Paulo e ficou no Jequitinhonha, falecendo depois de uma doença que não soube muito explicar o que era. Tal informação se contrapõe a versão que minha avó Elita conhece de seu possível assassinato em uma tocaia, o que também não se possui muita certeza.

A figura do meu avô paterno se desenha em meio a esses rastros de violência, em que não se sabe ao certo o que de fato aconteceu. Não se sabe, quais foram os fatos por detrás dessas histórias. Trata-se também somente de uma figura esmaecida e que construiu uma outra família, quando se separou da minha avó Otília.



31. Medina(MG). 2015 / 32. Tia Adalgiza. Foto Talita Rocha. 2019 / 33. Tia Geralda. Foto Talita Rocha. 2019 / 34. Foto-Pintura: Avó Otilia e pai Gilberto. Arquivo Pessoal / 35. Tia Geralda. Foto Talita Rocha. 2019 / 36. Avó paterno Deca. Arquivo Pessoal.

Perguntei também sobre o pai do meu avô Deca, afirmou que se chamava Hipólito e que não teve muito convívio. Desfrutou de maior contato mesmo com minha bisavó paterna Francisca, com quem morou parte da infância. Dizia ser amorosa, alta, forte e que parecia com minha tia Maria, sua irmã, ambas consideradas pela minha tia, como *morenas*. Com relação aos pais da minha avó Otília, se lembra somente de seu avô materno, chamado Hepídio. Da sua avó materna Maria sabe o nome, mas nunca a viu.

-Chamava Hepídio, era baixinho e moreno.  
Parecia com mãe.

Nos dois campos houve certa resistência e dificuldade em descrever fisicamente como eram nossos antepassados, indo muito para adjetivos que falavam mais as características de suas personalidades. Também não citou a palavra negro e normalmente quando se refere ao meu pai, fala *moreninho*. Observo também aqui, a partir da palavra *moreno*, a questão do apagamento se agregando ao aspecto presente da suavização das questões raciais.

Outra conversa realizada foi com minha tia Adalgiza, que não quis gravar em vídeo. Lembramos de histórias de quando eu era criança, que me levava junto nas casas que trabalhava limpando e arrumando. Minha mãe na época também trabalhadora doméstica, como no seu local de trabalho não se podia levar criança, minha tia me carregava. Em algumas dessas ocasiões também me levava nesses trabalhos para dormir junto com ela, quando tinha que *dormir no serviço*. Grande parte da sua vida trabalhou em *casas de família*, e também me ensinou como deveria trabalhar nessa função.

Sempre girava em torno dessa tia, a história de que foi trazida pelo meu avô de algum território indígena da região de Medina, que era *índia mesmo*. Em contraponto a minha tia Geralda considerada não tão *índia assim*, já inserida anteriormente na família. Ouvei durante muito tempo, outros tios em ocasiões

falarem sobre seu temperamento forte, diziam ser da *raça*<sup>18</sup> e que eu era igualmente *bocuda*<sup>19</sup>.

Como citado anteriormente, a região de Medina possui uma população fortemente miscigenada, com grande predominância de fenótipos indígenas e negros. Os processos sociais e históricos da localidade e a intensificação de sua pobreza econômica se deram a partir do modelo colonial de exploração, que assolava as populações que possuíam essas origens, sendo ao longo dos séculos condenadas a uma miserabilidade econômica, passada de geração para geração. Assim ocupar cargos empregatícios pouco valorizados, passa a ser um lugar de determinação social, onde essas populações racializadas são destinadas a ocupar, mesmo saindo de suas regiões de origem e buscando melhores condições de vida nos grandes centros. E não foi diferente com a minha família, mesmo indo aos centros econômicos do país, ainda ocuparam lugares fortemente subalternizados, possuindo ainda empregos mal remunerados. De maneira que o não-saber sobre as origens ou saber-se muito pouco, é também um indício de determinada hierarquização cultural, em que as suas histórias de origens são tidas como pouco relevantes.

Cabe ainda afirmar que, a presença e a negligência de narrativas de pessoas racializadas na família, se dão principalmente por conta de um processo de apagamento racial. De modo que falas que diminuem suas presenças ou suas importâncias, possui uma função pautada na diluição dessas memórias. Para tanto, assim como as ausências masculinas são tidas como estratégias de dissolução dessas existências, dizer ou não-dizer também são vistas aqui, como formas de silenciamentos e apagamentos.

---

<sup>18</sup> Utilizam-se do termo com uma conotação fortemente racista.

<sup>19</sup> Termo usado para dizer que não obedecia ninguém.

Santo  
Aurélio

MAVA-SP

Ribeirão  
P. Reg

DIADEMA

ABC  
Pau d'Arco

Rio Grande  
da Serra

## ***ABC Paulista***

### *Histórico*

O grande ABC paulista ou atualmente ABCDMRR, (iniciais dos nomes dos municípios), ficou conhecido por ter sido palco de lutas de resistência à ditadura, sendo as mais famosas as Grandes Greves de trabalhadores nas décadas de 70 e 80. A região é formada por sete cidades, sendo: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Caracteriza-se, principalmente, por ter uma zona conurbada à cidade de São Paulo, fazendo parte da região metropolitana. Sua composição habitacional em sua maioria é de migrantes das regiões Norte e Nordeste do país, como também do estado de Minas Gerais. Essas populações fixaram-se na região, substancialmente em busca de oportunidades de empregos.

A região foi fundamental para a construção dos Sindicatos dos Metalúrgicos e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), como também pela formação e criação do Partido dos Trabalhadores (PT). Cabe frisar que também fez parte da construção da minha memória familiar, principalmente através da figura do meu padrinho Valdecir, que foi um dos líderes do Sindicato dos Metalúrgicos de Mauá e Santo André, integrando inicialmente também a CUT e o PT e posteriormente a Força Sindical.

A história contemporânea do ABC é construída pelas revoltas dos trabalhadores contra os abusos das empresas acerca de seus direitos. “As paralisações metalúrgicas foram o resultado da ação espontânea dos trabalhadores, sendo que a presença do sindicato operário (em especial em São Bernardo) foi relevante ao longo de toda a atuação do proletariado metalúrgico vinculado à indústria automobilística” (CATANI, 1989, p. 01).

O movimento sindical na região também tem por sua base histórica, as ações de resistência anteriores, feitas por líderes da AP (Ação Popular), no início dos anos 60. A cidade de Mauá integrou também esse cenário, abrigando uma

das principais resistências da época, o Betinho (Herbert de Souza), que viveu clandestinamente no bairro Jardim Zaira, na época ditatorial.<sup>20</sup>

No ABC, as lideranças da AP (Ação Popular) se concentravam no Jardim Zaíra, em Mauá, e na Vila Palmares, em Santo André, como ressaltou um dos colaboradores do grupo, Padre Rubens: Chegamos aqui e já encontramos uma base sindical bastante forte na época, em 64, tanto que a direção do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Bernardo. (...) <sup>21</sup>

O movimento sindical e a Ação Popular são uns dos muitos exemplos a se apresentar das resistências presentes nesse território. A história do ABC é bastante extensa e não será possível dar conta nesta pesquisa, justificando assim seu caráter mais introdutório, para que seja possível visualizar o contexto em que influenciou também minha trajetória familiar.

---

<sup>20</sup> História do período em que Betinho viveu no bairro. Disponível em: <<https://smabc.org.br/nome-frio-betinho-em-maua/>>. Acesso: 27 dez. 2020

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/expocom/EX14-0635-1.pdf>>. Acesso: 20 out. 2020

Z.

A.

I.R.A



“Ce que saber de onde eu vim, fi?  
Direito dos confins (...)  
Eu vim do **Z. do A. do I. R. A.** Todos os gueto de Mauá, orgulho de ser de lá”

Música: *De Onde eu vim*. Red Lion

#### ***Mauá (SP) .Trajeto 4***

Uma vez por mês minha mãe ligava para minha avó Elita do orelhão do conhecido bar do Jorge na favela do Macuco, no bairro Jardim Zaira em Mauá. Quando criança para mantermos algum tipo de contato, ligávamos e mandávamos cartas com fotos de alguns acontecimentos na família, pois ficávamos anos sem vê-la. Lembro-me, que sempre queríamos ir para Medina visitá-la, mas nunca conseguíamos. Acontecendo somente muito tempo depois, quando no final dos anos 90 foi morar em Belo Horizonte.

Nessa pesquisa esses trajetos se interpenetraram, não se apresentando de maneira linear, pois as narrativas se cruzam diversas vezes. O Vale do Jequitinhonha se apresentou para mim, primeiramente no ABC paulista, assim como o ABC se apresentou no Vale. Essas duas periferias do Brasil se conectam pelas bordas, se alimentam não somente por questões sociais e lutas políticas semelhantes, mas também por nossas memórias afetivas e individuais. Mauá foi a cidade onde nasci, mas também foi onde aprendi como era Medina, os modos de agir, os dizeres, as comidas que minha família possuía conhecimento. Era o Vale no ABC e o ABC no Vale.

A cidade de Mauá (SP) teve uma origem semelhante à da região do ABC paulista como um todo. Anteriormente chamada de Pilar, surgiu no final do século XIX, posterior a construção da estrada de ferro São Paulo Railway, que

ligou a baixada santista à região do planalto. Em 1926 mudou seu nome para Mauá; em homenagem ao Barão de Mauá, Irineu Evangelista de Sousa.<sup>22</sup>

Inicialmente pertencente à Vila de Santo André, emancipou-se em 1954. A partir dos anos 60, fez parte dos contextos migracionais ocorridos nessa década até meados dos anos 90, pois a existência de grandes fábricas nos seus polos industriais Sertãozinho e Capuava, onde se localiza a Refinaria da Petrobrás, empresas como Braskem, Magneti Marelli (antiga COFAP), Ultragaz, Liquigás e a Phillips dentre outras, eram grandes atrativos para essas populações.

A partir de 1950, com a instalação do parque industrial paulista no ABC, em especial a indústria automobilística, e a construção das rodovias pautadas pelo Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), a dinâmica do território metropolitano altera-se significativamente, consolidando o padrão periférico de crescimento e urbanização. (...) (NUNES, 2017, p. 04).

Sua ocupação desenfreada se deu de maneira mais intensa em meados dos anos 70 e 80, a população imigrante não conseguindo lugar para morar, começou a ocupar áreas ociosas de latifúndios da localidade. (PUNTSCHART, 2016). No final da década de 70, meu pai se estabeleceu no ABC paulista. Veio para São Paulo nos grandes fluxos migratórios dessa década, pois era uma das poucas alternativas que restavam para os problemas da miséria na região do Vale do Jequitinhonha e Norte de Minas, ir para as áreas mais urbanizadas do país. Famílias inteiras migraram para esse centro urbano, em busca de melhores condições de vida.

Com o aumento das indústrias nas cidades localizadas ao redor de São Paulo, aumentava também a população de baixa renda, atraída tanto pelos empregos, quanto pelo baixo custo dos terrenos. Ao mesmo tempo, a instalação das rodovias interestaduais (Dutra; Rio-Bahia) facilitou a chegada de um grande número de migrantes,

---

<sup>22</sup> Disponível em: (<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/saopaulo/maua.pdf>). Acesso: 13 set. 2021.

advindos principalmente de Minas Gerais e do Nordeste. (NUNES, 2017, p. 04)

Minha mãe branca Reny e meu pai negro Gilberto, casaram-se em 1988, os dois da região da cidade de Medina, ambos nascidos em zonas rurais próximas. Meu pai já morador da cidade de Mauá desde os anos 70, chegou em São Paulo aos 19 anos, trabalhando primeiramente na zona portuária de Santos (SP) e posteriormente como eletricitista do metrô da cidade de São Paulo (SP). Voltou para o Vale no final dos anos 80 para se casar com a minha mãe, trabalhadora doméstica e datilógrafa. O casamento, segundo minha mãe conta, foi uma festa de *“parar a cidade”*, com muita comida e música a noite toda. Logo após, mudaram-se definitivamente para o município de Mauá.



37, 38, e 39. Casamento dos meus pais. Arquivo pessoal.

Meses depois acabou perdendo seu emprego no metrô começando um processo de alcoolismo, vindo a falecer aos 35 anos, pelas complicações de um aneurisma ocasionado pela doença. A partir daí minha mãe decidiu ficar e continuar a vida na cidade, formamos naquele momento, uma típica “família brasileira, dois contra o mundo”<sup>23</sup>

Uns anos após a morte do meu pai, no início dos anos 90 minha mãe casou-se novamente. E fomos eu, meu irmão mais novo, minha mãe e meu padrasto, morar na chamada favela do Macuco, localizada no bairro jardim Zaira, maior bairro da cidade.

Em seus 5 km<sup>2</sup>, concentra, segundo a Prefeitura, 100 mil habitantes, o que representa 22% da população mauaense e faz do território o mais populoso da cidade. (...) A área é dividida em partes chegando até o Jardim Zaira 6. (...). Ao chegar ao Jardim Zaira, a sensação é de que ali se inicia outra cidade, diante da variedade de estabelecimentos comerciais, da intensa movimentação, dos muitos problemas estruturais.<sup>24</sup>

A favela do Macuco, que faz parte do Zaira 6, (subdivisão do Jardim Zaira), ficou conhecida durante muito tempo pela sua alta taxa de homicídios e recorrentes casos de violência, como também pelas condições precárias de vida, falta de saneamento básico, esgoto a céu aberto e grandes áreas com risco de desabamentos. Em 2011 morreram mais de 11 pessoas e 300 ficaram desabrigadas, por conta das chuvas e os deslizamentos de terra.<sup>25</sup> A área, ainda considerada de grande risco, abriga mais de 10 mil moradores nesta situação. Foi também palco para várias chacinas da chamada *guerra do PCC* no final dos anos 90, (Primeiro Comando da Capital).<sup>26</sup>

Ao longo dos anos, sempre convivi com esses tipos acontecimentos. Aconteciam algumas chacinas na porta da escola, ou algum colega de classe

---

<sup>23</sup> Música “Negro Drama”, In Sobrevivendo no Inferno. Racionais Mc’s.

<sup>24</sup>Disponível em: <<https://www.dgabc.com.br/Noticia/2150411/jardim-zaira-60-anos-de-historia>>. Acesso: 10 out. 2020

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/01/deslizamento-de-terra-mata-mae-e-filho-em-maua-sp.html>>. Acesso: 04 fev. /2020

<sup>26</sup> Facção criminosa que se estabeleceu primeiramente na cidade de São Paulo.

era assassinado pelo tráfico ou pela polícia, um contexto em que as periferias de São Paulo, de modo geral se formaram. As frases mais faladas eram, “*Entra mudo e sai calado*” e “*você não ouviu nada*”.

A favela foi melhorando aos poucos, com o acesso da população às melhores condições de vida. Através da criação de programas sociais básicos, como também a criação de empregos, aumento do poder aquisitivo e acesso à universidade. No início dos anos 2000, mudamos de casa e fomos para uma área asfaltada do bairro, lugar também considerado de risco, onde vivi até os meus 28 anos. O Jardim Zaira foi minha casa durante grande parte da minha vida, mesmo ingressando na universidade, continuei no bairro até 2018, quando me mudei para Belo Horizonte.

Ao longo dos anos, tivemos grande ajuda do meu padrinho Valdecir, que assumiu esse lugar da figura paterna durante um tempo, realizando o último pedido do meu pai para que cuidasse da minha mãe e de mim. Sempre me contava como foi o exato momento que se tornou meu padrinho:

*-Tata farofa, seu pai pediu pra eu cuidar de você, quando morreu. Eu tava na laje da sua avó com ele e você no colo dele, quando começou a passar mal, tava sentindo umas dor de cabeça que não passava nunca, mas não parava de beber não! Pediu pra eu cuidar de você, daí dali ele já não voltou. Você é inteligente igualzinho Gil.*

Todos os finais de semana, na maior parte da minha infância, eu ia para casa da minha avó Otília no bairro Itapark, também em Mauá. A minha família paterna morava em um mesmo terreno com três casas, incluso a do meu padrinho. Assim continuou depois do falecimento da minha avó paterna, os finais de semana eram como se eu visitasse meu pai, a memória deste se fazia viva. Meu padrinho contava inúmeras vezes essa história, de como meu pai lhe cedeu esse lugar. Os dois eram os irmãos mais próximos, minha mãe conta que eram os mais parecidos e possuíam gostos e interesses semelhantes.

Meu padrinho Valdecir Fernandes da Silva, chegou em São Paulo com mais ou menos 17 anos, sendo primeiramente padeiro, operário de construção civil e depois ingressando na Philips aos 20 anos. Lugar onde iniciou a luta política e ganhou o apelido de *Véinho*, como ficou conhecido durante toda a sua vida. Entrou na política efetivamente no final dos anos 70, quando aconteceu as

maiores greves do ABC na época, criando a CUT e posteriormente a Força Sindical.



43



40



42



41

40, 41. e 42. Jardim Zaira. Fotos Angela Vieira e Thiago Rocha. 2019 / 43. Padrinho Valdecir. Arquivo Pessoal.

Atuante na região até o final da sua vida, que também foi muito voltada para a luta política, assim como a da minha avó Elita, ela no Vale, ele no ABC. Vindo a ser posteriormente presidente e secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Mauá e Santo André, cargo no qual estava quando foi assassinado. Possuo algumas memórias de quando haviam reuniões políticas em sua casa, festas do sindicato e durante um tempo, algumas concentrações de greves.

A dificuldade para falar de sua morte me acompanha desde sempre e se manteve durante essa pesquisa. Lembrar e escrever sobre me faz revivê-la. Meu padrinho foi uma das pessoas mais importantes da minha vida. Era o mais próximo da figura do meu pai, sua perda foi como perder meu pai pela segunda vez. A sua morte violenta e traumática marca também meus rastros e trajetos.

Na manhã do dia 12 de dezembro de 2003, escutei uma voz feminina de longe dizendo:

*- Mataram o Véinho, mataram o Valdecir. Não conta pra Talita ainda não.*

Lembro que não levantei da cama, continuei deitada e pensei que devia ter ficado um pouco mais em sua casa, pois estava lá alguns dias anteriores. Pensei como se esse fato pudesse ter evitado sua morte e continuar ali sem me mover também a evitaria de acontecer.

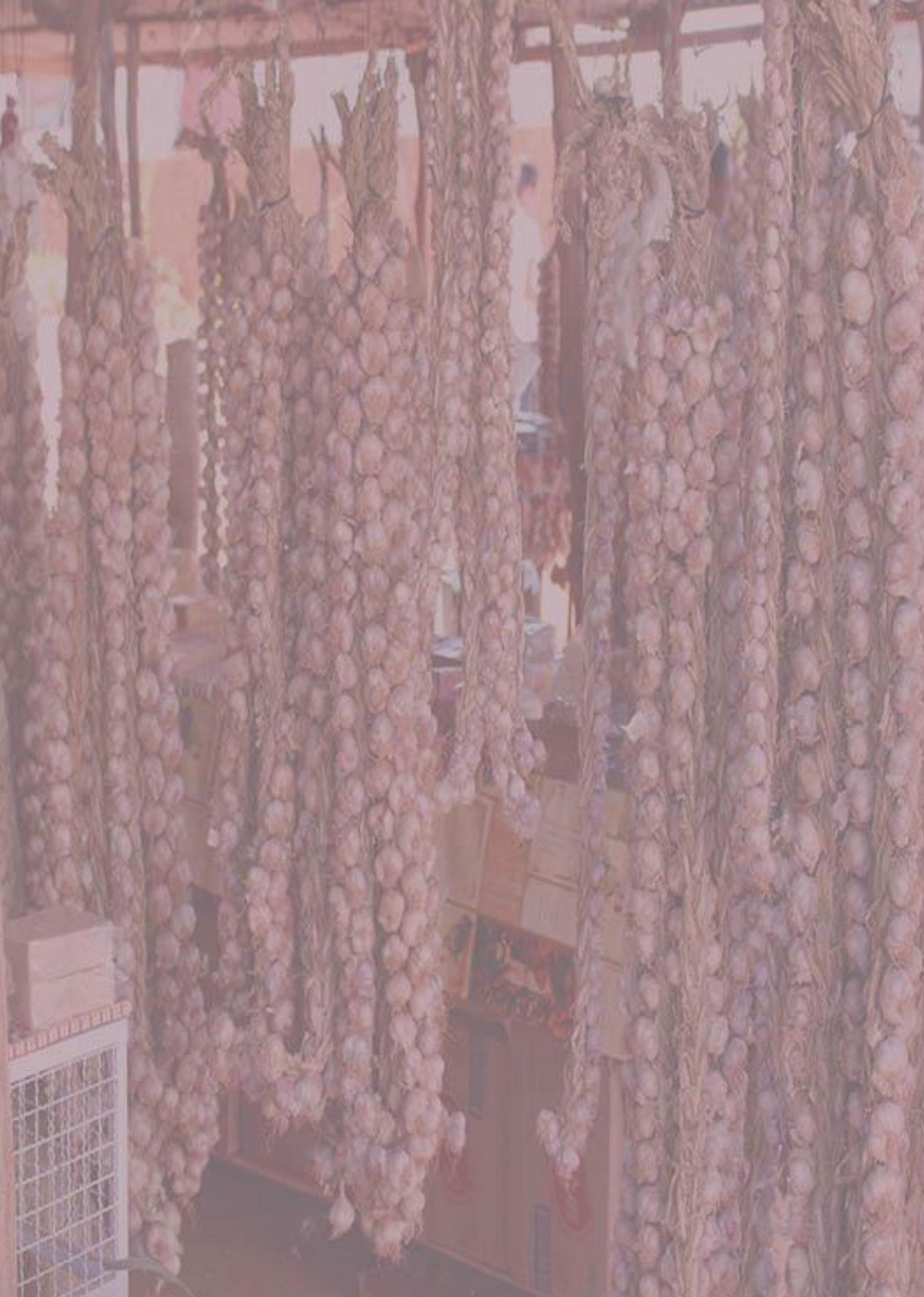
Na casa, onde morava não tínhamos telefone, então todas as ligações eram feitas no bar do Jorge ou recebíamos recado de um telefone na casa da irmã do meu padrasto, que levava cerca de trinta minutos para chegar alguma notícia ou recado. Na época contabilizei esse tempo como se fosse os trinta minutos que ele ainda estivesse vivo. Meu padrinho recebeu ameaças durante todo o ano de 2003, uma dessas em formato de carta, outra foi a invasão de sua casa por três homens armados, na qual estava presente e fui refém, durante cerca de cinco horas.

Quando eu e minha avó Elita discutíamos sobre o caso da sua morte, em Bom Jesus da Lapa (BA), segundo ela, dentro da luta política existe várias

formas de nos matar, a direta como no caso do meu padrinho e a indireta, a falta de reconhecimento e os silenciamentos, que ela também sofreu. Portanto não podemos morrer duas vezes.

*“-Ta, existem várias formas de nos matar, e eu morri, eu tô é morta por dentro, não foi só seu padrinho que morreu.”*

A partir desses caminhos e trajetos da memória desenhados nesse processo de pesquisa, busquei rastros e indícios que pudessem ser utilizados em meus processos artísticos. Considerei essa parte a dos *Trajetos*, como um primeiro momento que fosse utilizado para se produzir um conjunto de trabalhos visuais. Nessa primeira parte, busquei ressaltar a construção desses percursos feitos nesses territórios da minha memória. Sendo a segunda parte a dos *Rastros*, a ressignificação desse material apresentado em toda sua brutalidade nessa primeira, sendo problematizadas e modeladas pela manipulação de seus insumos na segunda.



*Rastros. Parte 2*

*...No princípio de tudo, era sangue.*



## ***Rastros. Parte 2***

### ***Rastros de Sangue (Introdução da Segunda Parte).***

Esta segunda parte visa esmiuçar, analisar, expor, retorcer, expurgar e sangrar os processos artísticos realizados. Desta forma, a partir da apropriação da minha história apresentada na primeira parte em formato de trajetos, pretendo nesta apresentar o conjunto de trabalhos visuais produzidos, com a intenção de mobilizar e demonstrar através desses rastros, possíveis reconstruções dessas memórias.

Os rastros são os vestígios, as pistas deixadas no tempo presente de algo que aconteceu, de cenas que se formaram em um passado, mas que suas marcas permaneceram ainda no presente. Entre uma marca deixada e outra, como um detetive desesperado que busca solucionar a cena de um crime, busco reconstruir e narrar essas cenas de apagamentos.

O tempo passado se apresenta como o que atravessa rapidamente, o que nunca está e se reconhece a partir da impossibilidade de sua captura e de seu enquadramento, se dá para o presente como um vestígio de algo, em um movimento rápido e irreversível. Sendo sua apreensão somente pela identificação de rastros, por marcas não apagadas, resquícios vivos em um presente, de um tempo que já não mais existe.

A possibilidade de reconstrução em sua natureza está no ato de presumir o que aconteceu e não saber exatamente o ocorrido. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” (BENJAMIM, Walter, 2008, p. 224). Apropriar-se das fagulhas e restos da memória é o que conseguimos fazer. E aqui visto; através do ato de escrever, de produzir visualmente, um modo de tornar presente algo que se esforçaram para apagar, elegidos aqui como modos de resistir aos jogos dos “senhores da memória” (LE GOFF, 1990).

Para o Pr<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup>. Jaime Ginzburg, a natureza do rastro e sua compreensão, são fundamentais para se entender a complexidade da história da sociedade brasileira. “Em ‘A interpretação do rastro em Walter Benjamin’ de Jaime Ginzburg, o rastro é elegido como concepção fundamental para o entendimento da realidade brasileira em seus recalques e não ditos.” (VASCONCELOS, 2012, p. 251). Os “não ditos” são as forças que se localizam entre uma pista e outra, entre um rastro e outro, onde tento descobrir o que aconteceu e foi apagado, são os recalques cristalizados que precisamos remexer, para que possam ser restituídas as partes fundamentais da nossa memória, enquanto povo subalternizado e racializado. A prática da escrita individual, já aqui explicitada, auxilia como um contraponto a objetificação de nossos corpos, que foram desprovidos de história.

Em cada resquício habita a possibilidade de se chegar mais próximo do que ocorreu, mais perto da cena originária, porém se esgota como possibilidade do real e passa a ser da ordem da narrativa. Referenciando-me ao gesto de costurar a memória que faz a artista Rosana Paulino em sua obra, pois é de onde retira a nutrição de seu trabalho visual, baseado nesse gesto. “Sua obra se nutre da memória, que pode ser pessoal e íntima, ou coletiva, fala de sua origem e da condição da mulher negra no mundo contemporâneo e ao mesmo tempo de ancestrais que foram despojados de suas individualidades, afastados de suas raízes para virar objetos da ciência” (NERY&PICCOLI, 2018, p. 10)

A importância da identificação desses vestígios/rastros promove a releitura de narrativas já construídas, de narrativas já sedimentadas, viabiliza “(...) escovar a história a contrapelo”. (BENJAMIM, 2008, p. 225). Surge assim a possibilidade de representar quem não se sabe absolutamente nada sobre, dos sujeitos *sem nomes da história*. Busco reunir os restos que sobraram da minha memória, pois os rastros são tudo o que temos, é tudo o que tenho.

## *Por uma Árvore Genealógica*

*Não existe uma...*

Meus trabalhos artísticos se iniciaram com uma forte motivação de refazer minha ancestralidade. Deparando-me, primeiramente, com as ausências e a falta de informação dos meus antepassados. A partir da frase sempre dita comumente “Está tudo no sangue”, iniciei minha pesquisa com meu próprio sangue, como maneira de investigar visualmente minha ancestralidade e também como possibilidade de reconstruí-la.

O campo de trabalho que esse material me deu, dentro de sua natureza visual, possui sua relevância enquanto suporte recorrentemente utilizado por artistas na história da arte: como Ana Mandieta, Caetano Dias, Nazareth Pacheco, dentre outros. Até enquanto material científico, como repositório que carrega nosso material genético e também nosso axé<sup>27</sup>. Me utilizo principalmente da materialidade do sangue como poética fundamental para reunir meus rastros e vestígios de memória, trata-se de uma linha que os costura. O sangue nessa pesquisa se apresenta como uma maneira de reconfiguração, reunindo os restos.

A opção por se tirar o meu sangue e não utilizar qualquer outro é devido a questão da própria natureza da pesquisa, em que a manipulação do meu próprio corpo se faz necessária como potência de criação poética, permitindo trabalhos com uma natureza de campo visual mais expandido, dentro das questões fundamentais de ancestralidade e linhagem.

Por meio desse, enxergo um pedaço ínfimo dos meus antepassados que se personificam. Através de uma análise de resultados de um laboratório artístico ficcional, de um enquadramento possível, é analisado em uma espécie de lente

---

<sup>27</sup> Força vital primária, presente nas religiões de matrizes africanas. Força que move a vida e o orixá.

microscópica. Apresentam-se entre formas e mais formas, as imagens de meus avós, meus bisavôs, meus avós, meus pais, tios, primos...

Colocar o sangue no papel é uma tentativa primeira de ver quem são meus antepassados, um modo de preencher esses vazios, de construir uma árvore genealógica, que me foi negada e a tantos outros. Árvore esta, iniciada nas viagens com minha avó Elita para Bom Jesus da Lapa (BA), (Parte 1), onde me contava sobre alguns dos nossos, antepassados ainda vivos em sua memória. Os resultados são marcas que parecem mais feridas, uma textura quase de casca, que também produzimos no corpo, apresentando-se ainda como ferimentos, traumas e rompimentos da nossa pele.



44. Elita Souza Rocha da Silva (Avó materna) / 45.. Olinto Hormindo Rocha (Avô materno) / 46. Otília Rosa de Jesus (Avó Paterna) / 47. Deca, Manoel Fernandes da Silva (Avô paterno) / 48. José Vieira de Souza (Bisavô materno) / 49. Maria Francisca Maria de Jesus (Bisavó materna) / 50. Carlos Gomes Teixeira ( Trisavô materno) / 51. Delminda Maria de Jesus (Trisavó materna) / 52. João Vieira de Souza( trisavô materno) / 53. Minelvina Maria de Jesus (Trisavó Materna) / 54. Hipólito (Bisavô Paterno) / 55. Francisca Dindinha (Bisavó paterna) / 56. Sem nome / 57. Sem nome / 58. Sem nome / 59. Ninguém Sabe.

Os *sem nomes* estão presentes como pingos de sangue, são fundamentais estar, pois assim se estabelecem em uma tentativa, para que não sejam mais somente os não-ditos e vazios da história. O sangue aqui não significa, ele é. Não representa simbolicamente o rastro, trata-se do próprio.

A reação do material com o ar altera sua coloração, a sua mudança é quase instantânea a retirada do corpo e quando colocado em contato com o papel, oxida e se transforma já em outra coisa, com tonalidades mais amareladas e enferrujadas. A coleta do material é feita pela retirada no meu braço, em um ambiente de assepsia. São colocados em tubos anticoagulantes, onde é possível obter seu estado líquido por mais tempo. Sua reação com o ar é prevista, quando se considera sua materialidade orgânica, não ficando isento também da passagem do tempo.

Essa segunda parte irá se organizar a partir da investigação dos rastros encontrados. Trata-se de um convite ao leitor para que este acompanhe o processo como um detetive que perseguiu pistas na parte anterior e que agora analisa os vestígios encontrados e suas elaborações sobre esses passados. Irei expor alguns dos trabalhos produzidos ao longo da pesquisa, que tentaram remodelar estas memórias apresentadas. Em cada rastro se apresenta algo que foi encontrado e reconfigurado, sendo estes os seguintes: Sangue Sujo. Rastro 1; Raiva. Rastro 2; Luto. Rastro 3; Luta Rastro 4; Amor. Rastro 5 (Considerações finais). Além desse trabalho *Árvore Genealógica*, serão também apresentados os seguintes: 1. *Instável Linhagem*, (Rastro 1); 2. *Receita como Preparar sua Raiva* (Rastro 2); 3. *Tentativa de conter a raiva*, (Rastro 2); 4. *Série Retrato Falado*, todos os homens negros da família estão mortos (Rastro 3); 5. *Meu pai Gilberto sorrindo ou O negro de terno*. (Rastro 3); 6. *Padrinho Véinho ou O sindicalista* (Rastro 4); 7. *Série "Ta, você saiu me puxando!"* (Rastro 4); 8. *Série Álbum familiar ou deixa ele* (Rastro 4); 9. *Série Brutal (meus ex-votos)*, (Rastro 5).

# ESCRAVA FUGIDA

Desappareceu d'esta cidade de junho do corrente anno, a escrava Felicidade, de côr parda e idade 19. annos, natural da provincia Paraná, pés grandes, pernas um pouco arcadas, nadegas salientes, modo muito com as ilhargas quando anda, bocca desdentada na frente, cabello carapinha, cortado a cabelleira, trajava n'essa occasia e paletot de cassa azul. Procede-se com todo o rigor da lei, e quem a tiver acoutado, e gratificado a quem apprehendel-a e levar n'ella ao commendador Felix d'Almeida Pereira Coutinho, em Mogy-mirim João Manoel Alfaya Rodrigues e cidade de Santos a Alfaya & Filhos

## ***A miscigenação como máquina de apagar memórias***

### *Breve Histórico*

Os aspectos da miscigenação ocorrida no Brasil interferiram diretamente no apagamento de memórias advindas dos povos escravizados, de origem africana e ameríndia. E tais processos afetaram nosso direito à memória, como já sabido. Pois ao tentar acessá-las, de maneira recorrente, me deparei com grandes lugares de ausências e apagamentos. Pretendo aqui cotejar, como o processo social da miscigenação apagou e até mesmo extinguiu, grande parte das nossas memórias individuais e coletivas e conseqüentemente como isto me configura e me atravessa.

Ao buscar entender esse processo socio-histórico, busco um entendimento próprio de uma subjetividade moldada no movimento de embranquecimento e esquecimento. Resultado este do processo racial que me configurou e a todos os relegados ao lugar da subalternidade e da negação de direitos. “Nesse sentido, a pobreza a que estão condenados os negros no Brasil, é parte da estratégia racista de naturalização da inferioridade social dos grupos dominados a saber negros ou afrodescendentes e povos indígenas.” (CARNEIRO, 2005, p. 30). Para tanto, a miscigenação racial é vista aqui como uma máquina de apagar memórias.

Ao pensarmos amplamente, como indivíduo constituído a partir desse processo, nos confrontamos com a construção da nossa identidade nacional brasileira, onde se escolheu um tipo de narrativa social para justificá-la, a qual a miscigenação fez parte. A miscigenação e seu consciente incentivo no final do século XIX, pós-abolição da escravidão africana de 1888, foi um dos elementos utilizados para a construção de um discurso de construção de um país republicano. Sendo usada como um processo de embranquecimento da população, uma solução para o chamado *problema negro*. “Não há perigo de que o problema negro venha surgir no Brasil. Antes que pudesse surgir seria logo resolvido pelo amor. A miscigenação roubou o elemento negro de sua

importância numérica, diluindo-o na população branca”. (MUNANGA, 2019, p.141). A negritude era tida como um problema a ser solucionado, sendo as relações afetivas raciais consideradas uma solução para esse conflito.

A construção da nossa narrativa histórica se deu através desta, vista como uma solução para esconder a ferida da escravidão, ocorrida até então recentemente no país e que afirmavam manchar a história da nova República recém-proclamada.

Não por coincidência, o hino da República, criado em início de 1890 – portanto, um ano e meio após a abolição da escravidão – entoava orgulhoso: “Nós nem cremos que escravos outrora/ Tenha havido em tão nobre país!” Ora o sistema escravocrata mal acabara e já se supunha que era passível de esquecimento. (SCHWARCZ, 2012, p. 22)

A crença de que outrora nem parece que tivéssemos escravos presente no hino da República, é um início do modo de abrandar e diminuir outras narrativas, que não estivessem em confluência do que acreditavam ser o novo Brasil. Acreditando assim ser um país pautado na modernidade, e que jamais compactuaria com esse nível de violência permitido pelo processo de escravidão, dissimulando um passado colonial fortemente traumático, criando o “mito da democracia racial”. (MUNANGA, 2019, p. 77)

Não obstante, havia os que defendiam a miscigenação como modo de síntese racial que formaria um ser tipicamente brasileiro, se valendo do chamado “mito das três raças”. O sujeito mestiço, a síntese, a representação da identidade nacional, continha uma expectativa de embranquecimento e não uma expectativa de mescla genuína de culturas, promovendo a diversidade de povos de maneira igualitária, como muitas vezes foi defendido por autores como Darcy Ribeiro e Gilberto Freire.

Para o autor Kabengele Munanga, no livro *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*, Darcy Ribeiro é uma figura fundamental para se entender essa contradição, “Darcy aprofunda suas contradições a respeito da consciência própria do mestiço quando afirma que os mulatos só progridem na medida em que negam sua negritude e tentam

participar biológica e socialmente do mundo branco”. (MUNANGA, 2019, p. 96). Acreditando assim também, em certa inferioridade de outras populações não-brancas.

Para Munanga o processo de miscigenação/mestiçagem é fundamental para se entender que tipo de identidade se procurou construir e qual foi seu resultado. Em seu livro, o autor afirma que houve uma aposta na miscigenação, porque acreditavam na realidade, que seria um processo que assimilaria o negro e o indígena, mas nunca o branco, se estabelecendo, na já citada hierarquização das culturas. Traz-nos um panorama altamente sofisticado, sobre como os diversos pensamentos sobre miscigenação foram constituídos ao longo da história e como tal processo corrobora para o chamado racismo à brasileira<sup>28</sup>. Esta base nos mostra a profundidade da discussão, para além de um louvor do ser miscigenado, como foi construído a partir do século XX.

Diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos e na África do Sul, houve no Brasil o incentivo e o elogio da “mistura das raças” (negra, branca e indígena), pautada muitas vezes por um pensamento fortemente eugenista e racista da época, que esperavam com o passar dos anos um sujeito inteiramente branco. Muitos defendiam uma crença na evolução racial, considerando que o mais evoluído dentre as consideradas “raças humanas”<sup>29</sup> iria predominar, em uma ânsia de um embranquecimento total da sociedade.

Em seu livro *Nem Preto nem Branco, muito pelo contrário: Cor e raça na sociabilidade brasileira*, a autora Lilian Schwarcz afirma que a diluição dos povos indígenas e negros, no processo de miscigenação foi uma aposta, que garantiria que por volta de dois séculos o “mal de cor”<sup>30</sup> iria ser solucionado na sociedade brasileira. Serviria como uma ferramenta de apagamento a longo prazo, dos

---

<sup>28</sup> O autor em sua entrevista chamada *A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil, faz um panorama de como o racismo se difundiu no país*. Entrevista de Kabengele Munanga. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005). Acesso: 10 dez. 2019.

<sup>29</sup> Argumentação apresentada da época, pois partimos do conceito biológico de que raças humanas não existem, mas sim um processo de racialização fundamentado em crenças sociais da época.

<sup>30</sup> Consideravam a população negra e indígena um problema e um mal a serem resolvidos.

povos que diferiam dos brancos europeus aqui presentes. Pois se acreditava que até 2012, a população brasileira seria predominantemente branca. (SCHWARCZ, 2012, p. 26).

A mudança de uma visão negativa e de degradação da sociedade tida à miscigenação para uma visão em parte positiva, de síntese e de identidade multiétnica se deu nos anos 30. Compondo a crença de que haveria uma dinamização das três culturas e o resultado seria um ser tipicamente brasileiro.

Para além do debate intelectual, tudo leva a crer que, a partir dos anos 1930, no discurso oficial “o mestiço vira nacional”, ao lado de um processo de desafricanização de vários elementos culturais, simbolicamente clareados. Esse é o caso da feijoada, naquele contexto destacada como um “prato típico da culinária brasileira”, carregando consigo a representação simbólica da mestiçagem. (SCHWARCZ, 2012, p. 58)

Entretanto, tal visão não considerava o processo de opressão e hierarquização presente entre essas culturas, minimizando o que não fosse da cultura europeia ou até mesmo acreditando que essas fossem culturas menores que seriam assimiladas com mais facilidade.

O que se estabelece nessa hierarquização é um juízo de valor dicotômico e prejudicial às culturas afro-ameríndias, formando parte de um conjunto de ações que auxiliavam o apagamento das culturas não-brancas e conseqüentemente, resultando em um chamado “racismo à brasileira” ou “racismo brando”<sup>31</sup>.

Lélia Gonzalez em seu texto *A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade*, afirma que aquilo o que chamamos racismo brando, seria uma forma altamente perversa desse processo racial, como um crime que não pretende deixar rastros. “O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais

---

<sup>31</sup> Entrevista de Kabengele Munanga. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005)>, Acesso: 10 dez. 2019.

eficaz: a ideologia do branqueamento”, (GONZALEZ, 1988, p. 73). Esta ideologia é o que garantiria a eficácia desse sistema.

A miscigenação abranda o passado de colonização escravista do Brasil, pois traz um modo de suavizar nosso passado de violenta exploração. Um procedimento que nos coloca aparentemente, como portadores de um certo pacifismo domesticável, um quase humanismo.

A ideia do abrandamento que vem da nossa natureza miscigenada, se dá através de um falso acolhimento e afetividade, pois consideram que possuímos um pedaço deles, um pedaço branco, portanto somos os “quase da família”<sup>32</sup>. A ideia de amor afetivo permeia fortemente essas relações, pois somos considerados “- Os de casa”. Construimos assim o chamado “racismo cordial” (SCHWARCZ, 2012, p. 109), em que se firma no lugar do cotidiano e da ordem do privado. O que garante também a sua eficácia e sofisticação, no sentido mais negativo da palavra.

Outro elemento que sustenta essa sofisticação e perversidade citada por Lélia González, seria o componente do privado, que sustenta nosso “racismo brando”, pois encobre e desloca a nossa questão estrutural para a área de ocasiões individuais e privadas, da ordem do cotidiano, não a deslocando para um campo sociopolítico. De maneira que isso sustenta, dizeres, como “- Racismo não existe”, ou “- Nem tem tanto negro no Brasil assim”, “- Eu tenho uma empregada negra e ela é como se fosse da família”, “O primo, do cunhado, do meu genro é mestiço, racismo não existe, comigo não tem disso”<sup>33</sup>.

No Brasil se insere tal elemento eufemista do afeto nas relações interraciais, no início da já citada República, onde estas relações eram consideradas toleráveis. Ora sabemos que tolerar não é aceitar e que essa esperança na

---

<sup>32</sup>Este discurso é muito comum em relação às pessoas negras e racializadas com ascendência negra e indígena e que se encontram em lugares de trabalhos subalternos, vide caso das empregadas domésticas. Há uma introdução à discussão no texto do Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Marcos P. Natali, em seu ensaio relacionando o amor ao escravizado, ao amor de uma elite cultural pela literatura, colocando em discussão, o caso do racismo na obra do escritor Monteiro Lobato. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/141-marcos-p-natali-questoes-de-heranca-do-amor-a-literatura-e-ao-escravo>>. Acesso: 10 nov. 2019.

<sup>33</sup>Muitas dessas falas são comuns e com grande frequência faladas, e bastante escutadas por pessoas negras e mestiças. Essa é uma citação irônica presente em uma música do grupo de rap Racionais Mc's, chamada “Qual mentira vou acreditar”, no disco *Sobrevivendo no Inferno*.

diluição e no desaparecimento desses povos, é o que assegurava fortemente esse sistema. Ou seja, garantiriam o embranquecimento total da população, pois a aposta na superioridade da “raça branca”<sup>34</sup> era uma realidade. “(...) projetou-se aqui a imagem de uma democracia racial, corolário da representação de uma escravidão benigna.” (SCHWARCZ, 2012, p. 41).

Não sabemos ao certo como é possível haver um tipo de escravidão benigna, onde os corpos de outros seres humanos são subjugados e transformados em objetos ou em mercadorias. Contudo uma das marcas do discurso da sociedade brasileira sobre si mesmo é o de “camuflar o conflito”, em que o deslocamento da questão e do debate para um outro campo é feito, gerando permanentemente uma instabilidade na credibilidade do discurso.

Faz parte de um certo modelo brasileiro negar e camuflar o conflito antes mesmo que ele se apresente de forma evidente. Em 1900, por exemplo, diante da constatação de que este era mesmo um país mestiço e negro, preferiu-se simplesmente retirar o quesito “cor” do censo demográfico. (SCHWARCZ, 2012, p. 97).

As estratégias utilizadas de embranquecimento, como a demonstrada pela autora, se associam à diluição e ao apagamento das características que tenham qualquer relacionamento direto com as populações subalternizadas. O elemento *da cor* ser simplesmente retirado do censo, como se nunca houvesse existido, é promulgar um esquecimento paliativo dessas populações, com um apagamento fundamentado na liquefação.

Para se ter tal desejo realizado de branquitude completa, as culturas negras e indígenas são colocadas também na ordem do *vergonhoso*, como cita a autora Lia Vainer Schucman em sua tese *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*, evocando o autor Guerreiro Ramos.

Guerreiro Ramos, em 1957, publicou um artigo intitulado “A patologia social do ‘branco’ brasileiro”, que tem como tese central o fato de que, devido ao racismo e a um ideal de beleza e estética brancas,

---

<sup>34</sup> O conceito de raça branca é utilizado como forma de visualizar as dicotomias construídas em relação à composição social de raça negra. Utilizamos raça nesse trabalho como categoria sociológica.

a população brasileira produziu significados positivos à branquitude, em contrapartida a significados negativos estéticos e culturais relacionados aos negros. Assim, para o autor, a patologia do “branco” brasileiro consiste em que, apesar de a grande maioria destes ter ascendência miscigenada cultural e biologicamente com os negros, este é um fator negado por eles. (...) A patologia então seria o fato de que o branco brasileiro considera vergonhosa sua ancestralidade e cultura negras, enaltecendo a cultura europeia/branca, da qual não faz inteiramente parte”. (SCHUCMAN, 2012, p. 22)

Essa categoria de poder, a partir da constituição do ser branco traz como justificativa a citação deste autor dos anos 50, discutindo como este branco ibérico, não é também tão branco assim, mas que com afínco flerta e se identifica com uma cultura europeia, que não faz parte totalmente em uma espécie de patologia desejante desse *eu* branco positivado.

Os mestiços, os negros e indígenas miscigenados ocupam falsamente certa centralidade no debate da identidade nacional, pois flertam com a possibilidade de ascender socialmente, possuindo o elemento de branquitude. Todavia não passa de uma falsa promessa, de um horizonte eurocêntrico prometido e por muitos almejado, em que negam sua origem bastarda, se fazendo inimigo dos povos escravizados.

Segundo Viana, os mestiços são produtos históricos dos latifúndios, e portanto, uma força nova na história colonial. Neles nota-se a tendência a expungir de si, por todos os meios, os sinais da sua bastardia originária. Mameluco se faz inimigo do índio e o mulato desdenha e evita o negro. Ambos foram utilizados para combater e destruir os quilombos. Mameluco, capitão sanguinário e truculento a serviço dos bandeirantes, e o mulato, capitão do mato e terrível perseguidor de escravos foragidos. (MUNANGA, 2019, p.64)

A humanidade que nos é dada em partes por conveniência, vincula-se diretamente a nossa limitação em adentrar a totalidade do mundo da branquitude, algo que se deseja a priori, até mesmo por imposição. Todavia para se reverter tal processo é fundamental mudar a perspectiva, olhar para o que sempre insistiram tanto em eliminar em nós. Pois como afirma a autora Sueli

Carneiro, a condenação dos negros do Brasil à pobreza sejam pretos, pardos ou indígenas é uma realidade e uma estratégia racista (2005, p. 30).

O corpo mestiço/pardo não deixa de se vincular as classes menos favorecidas pelo processo histórico, pois é também racializado, mesmo obtendo algum componente da branquitude, essa condição determina também a nossa subalternidade. Portanto um lugar social também marginalizado visto muitas vezes como fruto que degrada a sociedade.

Para o médico Nina Rodrigues que acreditava que não era possível haver uma “melhoria” racial no Brasil por conta da existência dos nossos corpos, pois o sintoma de degenerescência já estava presente na nossa constituição de sujeito configurada pela mestiçagem, não sendo possível assim um embranquecimento total da sociedade, o que era desejado pelo racismo científico<sup>35</sup> da época, como é o caso do médico. Acreditava que nossa constituição já haveria um componente racial no nosso sangue, que não permitiria uma dita maior evolução, que chegasse ao sujeito branco.

Nina Rodrigues, por exemplo, um famoso médico da escola baiana, adepto do darwinismo racial e dos modelos do poligenismo – que defendiam que as raças humanas correspondiam a realidades diversas, fixas e essenciais, e, portanto, não passíveis de cruzamento – acreditava que a miscigenação extremada era ao mesmo tempo sinal e condição da degenerescência. ” (SCHWARCZ, 2012, pp.20-21).

Para o médico que possuía uma visão negativa da miscigenação, apostar a construção da nação nesse processo era apostar em sua ruína, pois para ele o elemento degradante era inerente. Sua visão racial defendia que a evolução seria uma categoria fixa, onde o elemento de pureza racial não poderia ter nenhum tipo de mistura, diferindo assim das visões de Darcy Ribeiro e Gilberto Freire, que acreditavam que as outras culturas deveriam ser incorporadas, mesmo que ao final fossem embranquecidas.

O caráter de ambivalência deste lugar racial é determinado a partir do lugar de branquitude. De maneira que, a identidade unívoca brasileira acaba por não

---

<sup>35</sup> Crença altamente difundida pelo grupo de eugenistas da época, que acreditavam que a “raça branca” era superior as demais.

se constituir e fica em constante estado de devir, como uma promessa e como uma solução para a construção de uma identidade nacional republicana. Entretanto ser colocado *em nenhum, nem outro lugar, pertencer e não-pertencer*, nos vincula a um lugar de espera de um dia se chegar à um estado de branquitude. “O mestiço brasileiro simboliza plenamente essa ambiguidade, cuja consequência na própria definição é fatal, num país onde ele é de início indefinido. Ele é ‘um outro’, ‘o mesmo e o diferente’, ‘nem um nem outro’, ‘ser e não ser’, ‘pertencer e não pertencer’”. (MUNANGA, 2019, p.141).

A partir de uma espécie de pacto social, entre os sujeitos miscigenados e os brancos de classe alta, ocorre uma manutenção e ainda uma hierarquização de lugares sociais e o surgimento de uma espécie de racismo interno. De maneira que a princípio utilizados como aliados da Casa-Grande, posteriormente a utilização é a de mão de obra barata, ainda na condição subalternizada, anteriormente escravizado, adentrou somente a cozinha, na promessa de vir a ser senhor.

Essa tentativa do mestiço em ter uma posição específica na sociedade brasileira é provisória e ilusória, porque o branco superior, de classe alta, o repele. E como, por sua vez, ele foge dos negros e índios das classes inferiores, acaba numa situação social indefinida torna-se um desclassificado permanente na sociedade colonial. (MUNANGA, 2019, p.64)

Definidos pela branquitude como *pardos somos* os indivíduos que impera uma real indefinição, fruto do embranquecimento desejado e não realizado. “Como ninguém se autodefine como pardo (pardo é sempre uma definição externa), esse conceito funciona tal qual uma opção do tipo: ‘nenhuma das anteriores’”. (SCHWARCZ, 2012, p. 98). Schwarcz situa a procura de uma definição mais precisa do que as categorias utilizadas comumente pelos órgãos institucionais e censitários, que nos definem em sua grande maioria como *parda*. De modo que se baseiam principalmente na cor da pele, origem social e geográfica. “No lugar de definições precisas, no país usa-se muito mais a cor do que os conceitos como raça quando é preciso identificar a pessoa alheia ou a si próprio”. (SCHWARCZ, 2012, p. 95).

Outros termos também são comumente usados como uma espécie de *etc.*, no caso mestiça (o), mulata (o) e morena (o) são altamente utilizadas de forma pejorativa. A autora Grada Kilomba, ao explicar-nos o termo *mestiço*, *mulato* etc. em seu livro *Memórias da Plantação*, evidencia como sempre estão associados a um lugar de inferioridade, de caráter animalesco:

O fato de esse termo ser sinônimo de perturbação e inferioridade fica nítido nos dicionários, onde a palavra M. está associada a outros termos degradantes como “bastarda/o”, análogo a “ilegítima”. Enquanto isso, mulata ou mulato, ambos derivados da palavra portuguesa mula, (ou seja o cruzamento de uma égua) são usadas especificamente para identificar as pessoas negras com ascendência branca. Mestizo (espanhol), métis (francês) ou mestiço (português) significa muitas vezes, “vira-lata”, o cruzamento entre dois cães de duas “raças” diferentes, e são termos usados para as negras ou indígenas com ascendência branca. Todos os termos têm uma conotação animal ofensiva e estão relacionados à ideia de infertilidade e proibição. (KILOMBA, 2019a, p.150).

Uma outra dimensão do racismo interno seria a oposição entre agressividade e docilidade. Nós enquanto negros miscigenados, pardos, mulatos, os *etc.*, éramos vistos como uma espécie de escravo dócil, passível de dominação, o *vira-lata*. Nossa passabilidade<sup>36</sup> se ligava também a essa crença de ser “mais manso”, termo também animalesco. Fato esse que nos faz adentrar ao mundo da branquitude com certo privilégio, ainda que seja pela área de serviço e ainda no lugar de subalterno. A miscigenação, produto de um projeto de país republicano, máquina de estraçalhar memórias, é vista como uma domesticação de nós enquanto selvagens, povos negros e indígenas escravizados. Coloca-nos em um lugar, onde não se permite ou muitas vezes é dificultado o acesso às memórias dos povos que não são de origem branca

---

<sup>36</sup>Termo utilizado para designar alguns afrodescendentes, que desfrutam de certos privilégios da branquitude, principalmente econômicos. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sobre-brancos-mesticos-e-afroconvenientes/>>. Acesso: 10 fev. 2019.

Uma espécie de “passing” usufruída pelo sujeito miscigenado, como cita Kabenguele Munanga, em seu livro *Rediscutindo Mestiçagem no Brasil*, (MUNANGA, 2019, p. 97)

européia<sup>37</sup>. A minha constituição de mulher negra parda se deu em meio a essa hierarquia de memórias, em que a ideia foi sempre embranquecer e nunca escurecer. O direito e o acesso a essas memórias são dificultados por sua própria natureza de rastro, todavia a ressignificação está em curso.

---

<sup>37</sup> Sentido discursivo e genérico em oposição aos termos negro e indígena.

Você é Negra!

Eu até ESqueço!

é Negra!

Eu

Esqueço!

**ESCRAVA**  
 VENDE-SE uma, mulata de 38 annos, com um filho de 3 annos de cor clara e compra-se um negrinha de 10 a 12 annos. Para tratar á rua Quitanda n. 20.  
 3-3

**ESCRAVO FUGIDO**  
 Está fugido, ha um anno, mais ou menos, Benedicto, mulato, tocado a indio, cabellos quasi lisos, de 54 annos mais ou menos, baixo, falla pausada, tem falta da perna direita, pelo que usa de perna de páu; monta entretanto bem a cavallo e tem o officio de carpinteiro. Foi montado em um macho pequeno, rosado. Quem o

**AMA DE LEITE.**  
 Venda-se por pouco tempo uma praezosa amoa, com muito e bom leite, com uma filha parva de 3 annos, muito bonita, tendo seccido ha pouco um filho de 10 dias; trata-se na rua de Pedreira da Olinda n. 29.  
**Ama de leite.**  
 Aluga-se uma de côr parda-livre, com cria de um mez, e affiança-se a boa qualidade do leite Quem preci-

— No dia 30 do p. p., da Cidade de Olinda, hum muleque de idade de 9 annos, por nome Benedicto, seco do corpo, cor aberta procurando a cabra, tem huma fistola em hum dos olhos, que vive lagrimando, varias marcas pela cara procedido de feridas de huma mascara de flandes, foi vestido de camiza de algodãozinho tão somente, promete-se recompensar bem a quem der noticias certas, ou o trocar em Olinda, nos Quatro Cantos, sobrado N. 14; protesta-se proseguir com o rigor da Lei contra quem o furtou, e quem o esta' possuindo sem o de

**VENDE-SE**  
 uma mulata de 25 annos de idade, com uma filha de 11 mezas, cosinha, lava e engonima perfeitamente e faz todo o mais serviço de uma casa de familia; não tem molestias nem vicios. Para ver e tratar na rua da Mergem, terceira casa dobrando a esquina da rua da Figueira.  
 N. 33

**ESCRAVA FUGIDA**  
 Desappareceu d'esta cidade em 9 de junho do corrente anno, a escrava Felicidade, de côr parda e idade de 19 annos, natural da provincia do Paraná, pés grandes, perás um pouco arcadas, nadegas salientes, movendo muito com as ilhargas quando anda, bocca desdentada na frente, cabello carapinha, cortado a meia cabelleira, trajava n'essa occasião saia e paleot de cassa azul. Protesta-se com todo o rigor da lei, contra quem a tiver acoutado, e gratifica-se a quem apprehendel-a e levar na cidade ao commendador Felix d'Alreu Pereira Coutinho, em Mogy-mirim a João Manoel Alfaya Rodrigues e na cidade de Santos a Alfaya & Filho.  
 (6" (\*)

60, 61, 62, 63, 64 e 65. Anúncio de escravizados negros miscigenados.

No dia 30 do p. p., da Cidade de  
a, hum muleque de idade de 9 ann  
nome Benedicto, seco do corpo, cor  
a procurando a cabra, tem huma fist  
com dos olhos, que vive lagrimando,  
marcas pela cara procedido de ferid  
uma mascara de flandes, foi vestido  
za de algodãozinho taõ somente, p  
se recompensar bem a quem der no  
certas, ou o trocar em Olinda, nos Qu  
Zantos, sobrado N.º 14; protesta-se p  
ir com o rigor da Lei contra quem

*“Eu não acho que você seja negra! Eu até esqueço que você é negra!” (...)* dito que sua negritude não é *significante” Grada Kilomba, in Memórias da Plantação, (2019a, p. 146).*

*Como já te adiantei, sou negra, uma juntada de pretos e pardos. Ora, não me peças explicações sobre coisas que tu inventaste como esse “pardo”. Só sei que a cada dia que passa, ele fica mais negro. (...). Ah, me esqueci de te avisar dos afrodescendentes, é a nova maneira de chamar os negros, ou seja, os pretos e pardos. “Sueli Carneiro. In: A construção do outro como não-ser como fundamento do ser (2005, p. 24).*

### *Sangue sujo. Rastro 1*

A partir da miscigenação, a dita degradação do meu sangue vista pelo racismo científico, é um fator que se vincula às visões negativadas e racistas atuais, de aspectos da minha personalidade ou físicos de origem negra. Determina processos de racismos em que ainda associam a minha ancestralidade negra à algo da ordem do ruim, do sujo, do insignificante, portanto passível de ser eliminado. Tudo o que não é positivado, da ordem da branquitude, da dita normalidade é negativado e colocado na ordem do animalesco, do bruto, do raivoso, do descontrole, como cita a autora Grada Kilomba (2019a, p.150), como se devesse ser escondido e eliminado de nossa sociedade. E que segundo Darcy Ribeiro e Gilberto Freire deve ser diluído, embranquecido, para que uma nova *raça*<sup>38</sup> possa surgir, acreditando que somente eliminando o elemento da negritude, possa haver real progresso no Brasil. “Nós tornamo-nos então a ameaça, o perigo, a violência, a agressividade, o problema, o caos, a sujidade, mas também o desejável, o sexual, o perverso, o excitante, o místico, e exótico. Nos tornamos aquilo que não somos” (KILOMBA, 2019b, pp. 16-17).

Ser branco está ligado a uma moralidade, uma distinção social de certa nobreza, ao puro, ao não maculado, a ordem. “Isto permite que a branquitude se construa como: ideal decente, civilizada, honesta, limpa, generosa, emancipada e liberal, em absoluto controle da ansiedade que sua história colonial possa causar. (KILOMBA, 2019b, pp. 16-17), habitando os lugares de *gente bonita, civilizada*, de gente que não oferece nenhum perigo a sociedade, nenhuma criminalidade, acima de qualquer suspeita, os de sangue limpo e puro. “O conceito (*de raça*), portanto, parecia mais afinado com os termos de geração ou qualidade de sangue, guardando ainda uma correlação direta com os estatutos

---

<sup>38</sup> Aqui o termo também é utilizado de maneira irônica, no sentido social.

de pureza ou limpeza de sangue e os sentidos que evocavam desde o século XV.” (LOTIERZO, 2017, p. 95).

E o resto é a gente....

Na instável linhagem que possuímos, não afirmamos nada, não somos ninguém, não existe linhagem, somos “os etc.” (SCHWARCZ, 2008, p. 98), os pardos, os *qualquer coisa*, os *cara de pobre*, os negros. Aquele papel fino de pão que serve a mesa todos os dias. Somos subalternizados até pela mesa de café da manhã. Pardo é ninguém, fundamental para fazer a vida social funcionar, mas estamos em todos os lugares e somos os suspeitos.

O processo de indefinição é algo que compõe a nossa subjetividade de indivíduo miscigenado, o que ocasiona muitas vezes o sentimento de não pertencimento. Todavia este pertencimento também não é no local da branquitude. A autora mexicana Glória Anzaldúa, em seu clássico texto *La consciência de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência* nos apresenta a nossa condição dual e ambivalente, no *entre*, analisando o lugar movediço em que nos encontramos. No entanto, cabe suscitar que estes caminhos não estão em lugares igualitários, onde as culturas são equiparadas e a miscigenação se trata de um processo natural e em que há equidade, muito pelo contrário.

El choque de un alma atrapado entre el mundo dele espíritu y el mundo de la técnica a veces la deja entullada. Nascida em uma cultura, posicionada entre duas culturas, estendendo-se sobre todas as três culturas e seus sistemas de valores, la mestiza enfrenta uma luta de carne, uma luta de fronteiras, uma guerra interior. Como todas as pessoas, percebemos a versão da realidade que nossa cultura comunica. Como outros/as que vivem em mais de uma cultura, recebemos mensagens múltiplas muitas vezes contrária. O encontro de duas estruturas referenciais consistentes, mas geralmente incompatíveis, causa um choque, uma colisão cultural. (ANZALDÚA, 2005, p.705) <sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> A autora escreve em dois idiomas, para frisar a condição da mulher mestiça. No texto original escreve em espanhol e inglês, na tradução permanece o espanhol e opta-se por traduzir o inglês ao português.

Apesar de a autora afirmar que recebemos diversas mensagens das culturas que nos transpassam, estas nos atravessam a partir de uma ordem estratificada determinada pelo colonialismo, onde a versão que é dada da nossa realidade é a branca. Propõe-nos a aprender a “equilibrar as culturas”. Entretanto ao consideramos a subjugação atual de um povo em razão de outro, ainda estamos em desvantagens.

Precisamos ser ninguém, somos estes esmaecidos, esquecidos de nós mesmos, os da amnésia racial, os que não lembram de si próprios, os negros de pele clara, de cor aberta<sup>40</sup>. Aquela pele que faz esquecer do nosso passado escravista. São os que são lembrados que são negros, quando já não servem mais aos propósitos dos senhores da casa-grande.

E que somos lembrados, quando presente em lugares da branquitude, pela sensação de *you não deveria estar aqui*, um sentimento que vem dos anteriores a nós, os que habitavam a cozinha, a senzala, mas agora estão sentados ao lado da cadeira dos filhos, netos, bisnetos dos senhores, com ainda uma herança nossa passada de geração para geração, a de: *Você não deveria estar aqui, você não é daqui, você não deve ultrapassar a cozinha*. “A negritude, por outro lado, é significada pela marcação. Eu sou marcada como diferente e incompetente: - “Você não é daqui” “, (KILOMBA, 2019, p. 62). Não cabemos nesse formato, mas insistimos em falar, insistimos em dialogar: *Seu texto não cabe neste formato, você não deveria estar no centro da cidade se divertindo, na praia, no funk, você deveria estar somente na sua função de trabalho, nos servindo*. Neste caso, tudo bem e tudo funciona normalmente.

Estes ecos ainda nos habitam. Estou procurando uma interlocução, algo além do eco no narcisismo da branquitude, mas assim como a figura de Narciso, não há escuta, há somente uma repetição do que se é dito pela própria voz, uma repetição e um amor à própria autoimagem:

Narcisismo, narcisismo é o amor direcionado a imagem de si próprio: excessiva admiração pela própria aparência; a incapacidade de amar e reconhecer outros, como objetos de amor. Narcisista é esta

---

<sup>40</sup> Termo utilizado comumente na área da moda, para designar cores mais claras, como amarelo, tons pastéis etc.

sociedade branca patriarcal na qual todos nós vivemos, que é fixada em si própria e na reprodução da sua própria imagem, tornando todos os outros invisíveis” (KILOMBA, 2019b, p. 13)

Odiamo-nos o tempo todo, nos matamos o tempo todo, nós somos obrigados a amar muito mais a branquitude. E este trabalho, este processo de pesquisa, por mais que não pareça, é um gesto de amor a nós mesmos, esta tentativa de cavoucar e entender minha imagem, quem sou para além do que me disseram que sou, é sobretudo um ato de *Amor*.

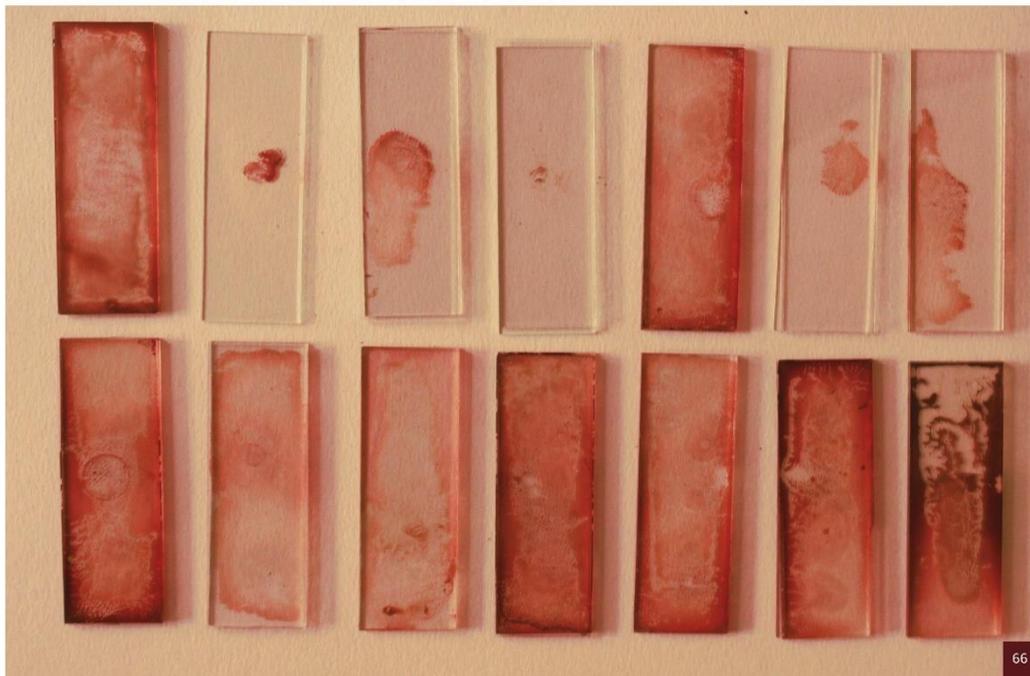
Somente na guerra é possível definir o lado a qual pertencemos na trincheira, e é certo que estamos em guerra. Tento explicar que a miscigenação foi um crime, um dos mais violentos, um crime de roubo, de estupro das nossas memórias. Precisamos lembrar, mas lembrar-se de que? Lembrar que viemos “pra sabotar seu raciocínio, abalar seu sistema nervoso e sanguíneo” e como canta Mano Brown, nossa “palavra vale um tiro e temos muita munição” e “ainda é pouco” <sup>41</sup>.

A guerra que se estabelece em nosso interior, essa luta pela própria carne não está findada, estas vozes nos rasgam e nos transformam em sujeitos sem lugar. Todavia a ambivalência e neste ponto, considero essas vozes como algo que nos penetram de um modo violento e de choque, ocasionam estados de hesitação e “A contenda interior resulta em insegurança e indecisão. A personalidade dupla ou múltipla da mestiza é assolada por uma inquietude psíquica”. (ANZALDÚA, 2005, p. 705). Diferindo do que normalmente se discursa sobre a mestiçagem, onde o abrandamento dos processos coloniais violentos é corriqueiro, considerar uma guerra nesse interior subjetivo, auxilia o entendimento real do que se passa e de quem de fato nós somos.

Meu sangue dança e queima nestas lâminas de laboratórios. 50% negra, 45% branca, 5% indígena? Ou 10% negra, 40% branca, 50% indígena? Ou 50% 50%? Em uma tentativa exata de medir quem sou, de quem eu posso ser, de quem me deixaram ser.

---

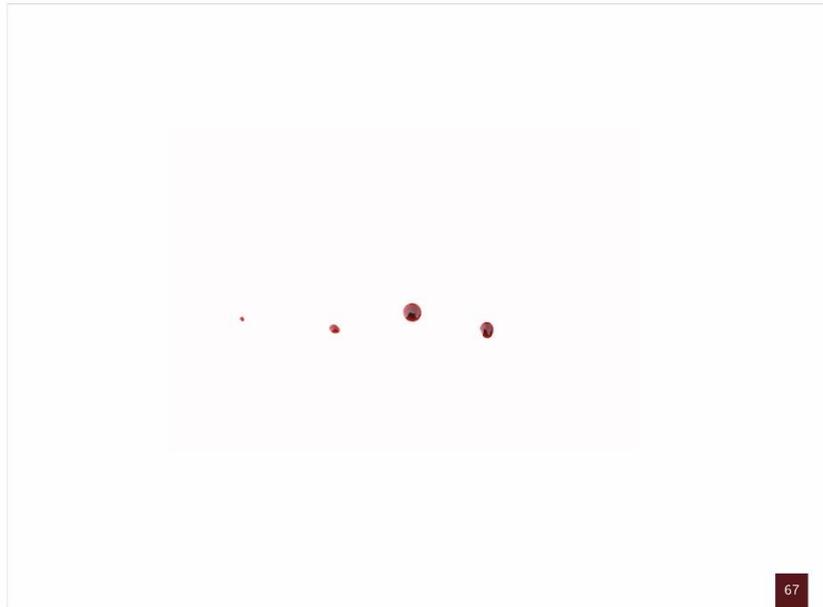
<sup>41</sup>Música “Capítulo 4, Versículo 3. In: Sobrevivendo no Inferno. Racionais MC’s



66. *Instável Linhagem. Esfregaço sanguíneo. Sangue sobre lâminas de vidro. 2019*

Na instável linhagem vem o desejo de se afirmar alguma coisa, somos uma dança violenta e perversa. Uma dança de sobreposição de cores, onde a branca me faz esquecer a qual ancestralidade respondo e o que devo lembrar. O capitão do mato interno nos obriga a obedecer, somente dizer sim senhor, bate continência para matar os nossos, é daí que vem a cor vermelha. Servimos, cegados por essa luz branca ferina, que queima nossa visão nos enlouquecendo. “Tanta brancura que me queima”, (FANON apud KILOMBA, 2019b, p. 14).

Mas não podemos nos esquecer do vermelho, não podemos esquecer do que nos fizeram esquecer.

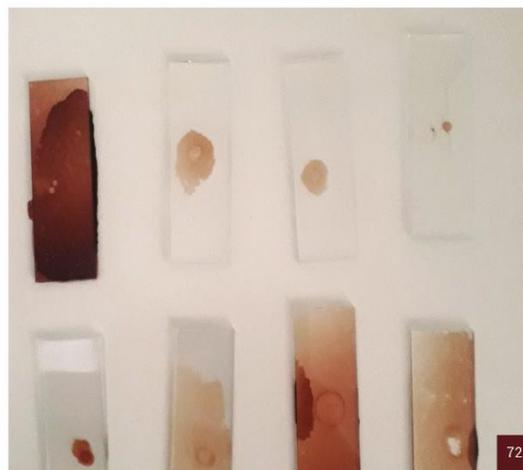


67. *Brancura que cega, queima e faz esquecer. Sangue sobre papel. 2019*

Não obstante, este caráter ambivalente que gera tal cegueira, pode ser rompido por acontecimentos da ordem do emocional, muitas vezes dos nossos traumas, o que faz crescer uma restituição do lado da história dos *vencidos*. Que nos obriga a reconhecer que estamos desse lado das trincheiras. Sabemos que somos configurados pela nossa natureza de colisão, pela nossa natureza formada na *guerra* de sociedades. Esta por sua vez, ao mesmo tempo em que carrega a possibilidade de destruir-nos, também carrega a de unir destroços.

O sangue retirado do meu corpo é protagonista nos trabalhos. A solução que este apresenta se dá não somente na sua plasticidade, na sua composição imagética, como também em sua composição bioquímica. O centro do palco que ocupa é onde se encontra toda a discussão sobre a miscigenação, toda a questão de ancestralidade e linhagens. Dá conta da elaboração e de uma

construção de uma nova memória. O sangue coletado é retirado e utilizado ainda em seu estado líquido, o que permite a mobilidade para as pinturas nas lâminas, sua manipulação se liga diretamente ao seu movimento, ao movimento que o próprio corpo carrega, o movimento que é possível enxergar nossa memória, reiterando a ideia de que o sangue dança em meio a uma guerra.



68, 69, 70 e 71. Frames do vídeo instável linhagem/ 72. Detalhe Instável Linhagem, esfregaço sanguíneo. Sangue em estado líquido sobre lâminas. 2019

Interessa-me também sua forma sólida, seca e apresentada em uma materialidade de assentamento de diluições, para que seja também possível sua análise. O esfregaço sanguíneo ou distensão sanguínea<sup>42</sup> feita nessas lâminas é geralmente utilizado para exames laboratoriais, buscando identificar alguma anomalia na morfologia celular. Trata-se de uma análise microscópica, do meu sangue visto como sujo. Tento visualizar e comparar como seriam as formas para estas questões raciais, nessa quase análise ficcional laboratorial da miscigenação.

Aparentemente são localizadas duas ou mais possibilidades nessa existência. No entanto são caminhos que produzem uma instabilidade identitária, determinando um cenário de agonia e desalinho. Não se define um limite e isto passa a ser da ordem da asfixia, o que a princípio deveria ser libertador.

Se o movimento entre fronteiras coloca em evidência a instabilidade da identidade, é nas próprias linhas de fronteiras, nos limiares, nos interstícios que sua precariedade se torna mais visível. Aqui mais do que a partida ou a chegada, é cruzamento de fronteira, é estar ou permanecer na fronteira, que é o acontecimento crítico. (SILVA, 2000, p. 89).

O ato de permanecer na fronteira é uma forma de enxergar os dois lados, esses dois limiares que são visíveis a partir da precariedade deste estado fronteiriço. É possível afirmar que estar *entre*, nos traz um constante tensionamento, em meio às nervuras e feridas produzidas por esse processo, possibilitando criar narrativas, através desse estado do permanecer no meio, entre linhagens precárias.

---

<sup>42</sup> Técnica utilizada em laboratório para se analisar a morfologia sanguínea.

ah, me Esqueci

chamar Os Negros

pretos e pardos.



## ***Raiva. Rastro 2***

*Sinto tanta raiva que nem sei se é só minha...*

O meu sangue utilizado como um circuito em movimento possui como um de seus rastros, a raiva, a violência, que pulsa e o faz circular, produzir e escrever. Nesta raiva também há o desejo de resistir, juntamente com o de seguir e esquecer. No entanto, quanto mais acontece a aproximação de memórias passadas, esta traz consigo cargas traumáticas. Cenas de violências ocorridas tanto em meu passado individual quanto coletivo, apresentando reações imediatistas também violentas. “A violência aumenta à medida que o presente se aproxima do passado”, (KILOMBA, 2019, p. 222). Se aproximar de cenas mais originárias carrega a possibilidade de uma reatividade, pautada em certo automatismo e repetição, contudo tentaremos sair deste lugar.

Esse circuito é o principal modo de investigação de violências, não mais aquele que cega, mas o que ferve, onde é possível percorrer uma memória, escutar os seus sons borbulhando. São tentativas de conter a raiva, mas não para que seja paralisada e anulada, mas para que se realize não mais de maneira descontrolada.

Ao contrário da figura do ressentido que não efetiva uma ação, que mora no lugar da apatia, da inveja paralisante, procuro expurgar o ressentimento. Ao contrário disso, passamos a ser uma possibilidade de resposta, pois a passividade não nos ampara de forma alguma.

A passividade com que o ressentido suporta as ofensas encobre sua agressividade. O resultado é um "envenenamento psíquico", no dizer de Scheler, causado pelo retorno sobre o eu das pulsões agressivas originalmente voltadas contra o agressor. O ressentido é um vingativo que não se reconhece como tal. (KEHL, 2005, p. 164).

Não nos envenenamos mais, queremos cozinhar a raiva, nos alimentarmos dela e liberá-la, e assim efetivar este sentimento como uma ação que possa nos reconfigurar em sua potência. A raiva aqui possui uma função mobilizadora, direcionada a uma ação e não mais a uma manutenção de um funcionamento

dominante, de domesticação e paralisia. Para isto devemos prepará-la e cozinhá-la:

## 73. RECEITA: COMO PREPARAR SUA RAIVA.



### Modo de Fazer:

1. *Jogue tudo na panela.*
2. *De maneira violenta e tranquila, saboreando as cores.*
3. *Acrescente o sangue e o corante. Suje seu sangue, mexa até ele desaparecer.*
4. *Cozinhe em fogo alto até a fervura. Ferva seu sangue junto com sua terra.*
5. *Forre com um paninho bordado para descansar.*

### Ingredientes:

*1 colher de chá de sangue líquido*

*1/5 xícara de argila da sua terra*

*100mL de água*

*1/5 xícara de corante (para dar aquele gosto identitário)*

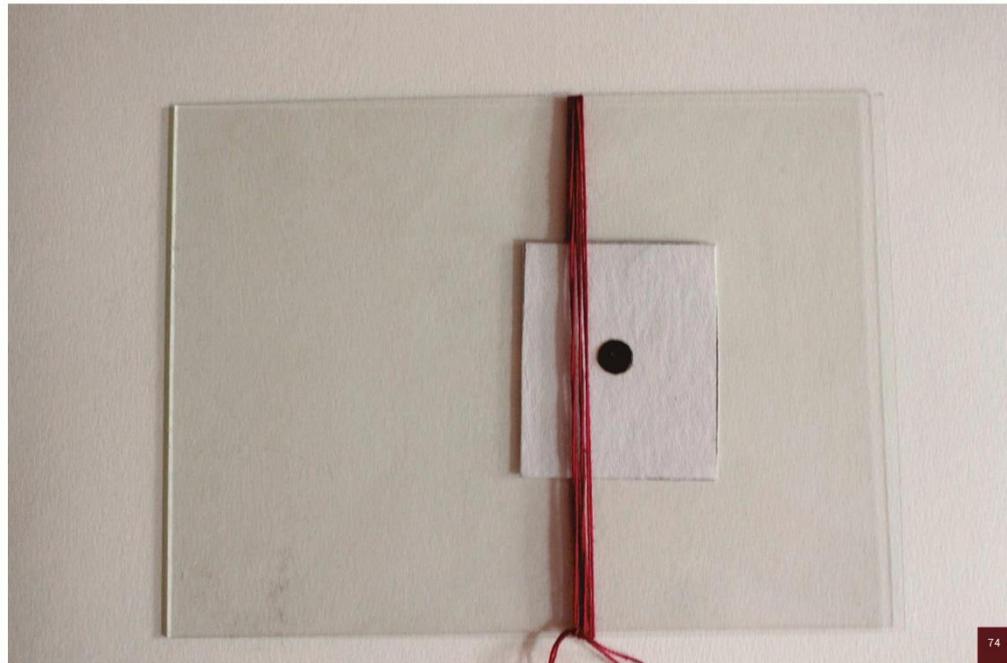
Sua preparação dá um tempo para organizar esse sentimento através dos suportes trabalhados. A receita realizada busca dar vazão a este, como a panela de ferro batido, boa para cair no chão e não quebrar, resistente a quedas, segundo minha avó Elita. Utilizo também a argila e o urucum/corante do Vale do Jequitinhonha e o meu sangue. A fervura é o mais importante, pois trata de um processo de depuração e ebulição da raiva, o que irá condensar a argila e fazer com que o sangue desapareça.

Não pretendo mais esconder a raiva e sim usá-la como ingrediente. Não há uma disposição de poupar ninguém, mas de reagir, pois o impulso agressivo que há, deve ser acolhido e cozido em fogo brando. “Eu não posso esconder minha raiva para poupar vocês da culpa, ou não magoá-los, ou evitar que vocês reajam com raiva, pois fazer isso é banalizar todo nosso empenho” (LORDE, 2020, p. 162). A autora Audre Lorde, em seu artigo, *Os usos da raiva. Mulheres respondendo ao racismo*, nos fala dessa força como potência, uma forma de impulsionar a luta antirracista, retirando este sentimento do lugar do descontrole que lhe é destinado. Convida-nos a ver outra faceta desse sentimento. “O meu medo da raiva, não me ensinou nada. O seu medo dessa raiva também não vai ensinar nada a você”. (LORDE, 2020, p. 155). Segundo a autora, esta deve ser positivada e usada como mola propulsora, como modo direcionado e assertivo de resistir.

Trata-se de uma força que age para se ter como resultado uma forma de não deixar que continuem, de *não deixar barato*, “Brown: ‘Levantar a cabeça, perder o medo e encarar. Se tomar um soco, devolve’”. (KEHL, 1999, p. 96). Convido a devolver, sendo a partir de uma receita que deve ser seguida, logo depois de um ataque sofrido e que ferveu o sangue, como uma reação cínica, a qual nos ensinaram a temer, não devendo mais ser evitada. Escondida atrás de um medo, de um descontrole iminente, de um caos inevitável.

O trabalho apresentado, *Tentativa de conter a raiva ou “mira na cabecinha”*, também captura este sentimento por meio de enquadramentos, linhas, vidros. O uso do sangue em estado seco, em um formato de tiro, é um

modo de congelar o momento exato do seu movimento, do disparo na nossa “cabecinha” e enquadrá-lo.



veja Rio ASSINAR BUSCAR

CIDADE | BEIRA-MAR | COMER & BEBER | PROGRAME-SE | CRIANÇAS | COLUNISTAS | HOTÉIS | CARROS

Beira-Mar Cidade

## ‘Mira na cabecinha’: relembre frases e episódios polêmicos da Era Witzel

Afastado nesta sexta (28) por suspeita de corrupção, governador protagonizou cenas e discursos que deram o que falar enquanto esteve no cargo

Por Cleo Guimarães - Atualizado em 28 ago 2020, 16h35 - Publicado em 28 ago 2020, 16h22

75

74. Tentativa de contenção da raiva ou mira na cabecinha. sangue sobre vidro e papel, amarre tudo e espere passar. 2020 / 75. Notícia de Jornal Sobre o plano de governo de Wilson Witzel, na época candidato a governador do Rio de Janeiro

Notícia de Jornal Sobre o plano de governo de Wilson Witzel, na época candidato a governador do Rio de Janeiro.<sup>43</sup>

O movimento da violência do estado, da branquitude é sempre direcionado e nunca contido, busco entender o porquê somente um lado deve evitar a raiva e o outro não, a utilizando sempre.

Não podemos permitir que nosso medo da raiva nos desvie ou nos seduza a nos contentarmos com algo que não seja o árduo trabalho de escavar a honestidade, temos que levar muito a sério a escolha desse tema e as fúrias nele entrelaçados, porque, tenham certeza, nossos oponentes levam muito a sério o ódio que sentem de nós e do que estamos tentando fazer aqui. "(LORDE, 2020, p. 161)

Não é possível não sangrar, não ser instável, não ser deslocado, não ser manifesto. O que está em jogo, caminha no meu corpo inteiro. Para a gente não tem reconhecimento, só ressentimento e um auto-ódio. *Eu tô com ódio por dentro e indo a caminho do centro*<sup>44</sup>.

Quando tentamos sair do lugar que nos é destinado socialmente, neste momento há contenção, há morte. "Minha reação ao racismo é a da raiva. Tenho vivido com essa raiva, ignorando-a, alimentando-me dela, aprendendo a usá-la antes que ela relegue ao lixo as minhas visões, durante boa parte da minha vida" (LORDE, 2020, p. 155).

Não é de hoje que a branquitude nos acusa de sermos violentos, dos incivilizados, dos brutos, selvagens, dos raivosos. Não é de hoje também que esta é a fábrica de violências, que produzem marcas nas nossas veias e artérias, resultando em dores finas, em coágulos. Onde moramos e morremos também, nos impedindo de circular, de *tomar de assalto*<sup>45</sup>, de revidar e apavorar o centro. A raiva como mobilização talvez possua esta força, de também nos realocar, sair

---

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/cabecinha-frases-episodios-polemicos-witzel-afastado/>>. Acesso: 09 out. 2020.

<sup>44</sup> Referência a música Diário de um Detento, Racionais MC's.

<sup>45</sup> Retirar de surpresa e sem permissão.

de certa marginalização. Todavia ao fazer o movimento de ir, vem acompanhado de rejeição, de impedimentos, o que acaba minando as forças que possam gerir algo novo. Não queremos mais nos envenenar, nos voltarmos contra nós mesmos, pois não temos muita coisa.

Precisamos enterrar nossos mortos...

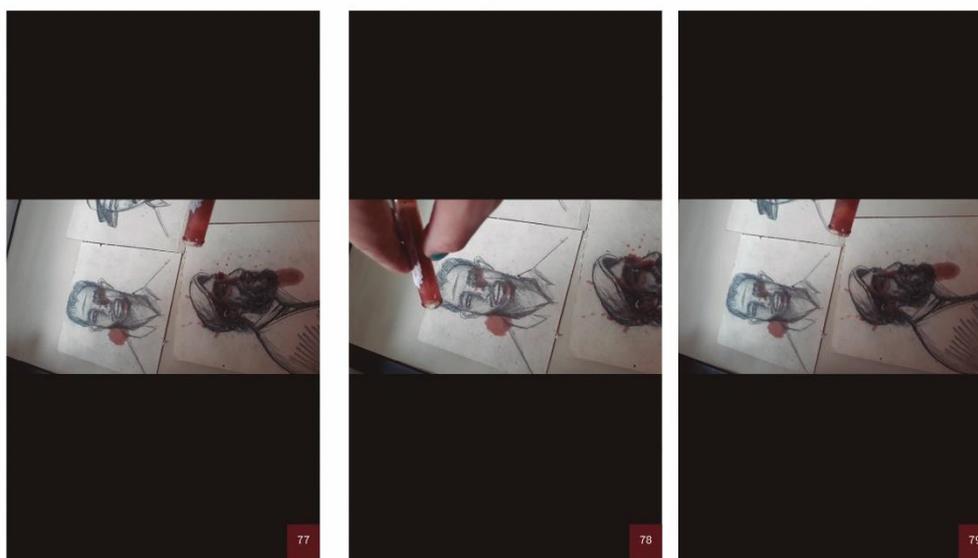


*Luto. Rastro 3*



76. Retrato Falado, Todos os homens negros da família estão mortos. desenho sobre papel e sangue. 2020.

Buscar entender os lugares da ausência dos homens negros na família, é ir de encontro ao luto e ao terceiro rastro, contraditoriamente ir de encontro também à presença deles. Normalmente estes sempre se encontram no lugar da morte, do vazio, como já discutido na *Parte 1*. A ausência destas masculinidades negras é naturalizada e descrita, através de uma construção feita pelas *mulheres-memória*<sup>46</sup>. Suas presenças passam a existir a partir das nossas narrativas, das nossas lembranças.



77, 78, e 79. Frame do vídeo *Retrato Falado*. 2020.

A série produzida, *Retrato Falado: Todos os homens negros da família estão mortos* visa discutir aspectos dessas masculinidades formadas na não presença. Os desenhos produzidos criam imagens desses homens. Seu processo de construção se dá a partir de falas, jogando com o termo comumente utilizado pela polícia: *retrato-falado*. Primeiro se escuta sobre esses homens, depois se desenha o retrato e por último se derrama o sangue. “O Retrato

<sup>46</sup> Ver parte 1, texto sobre as mulheres- memória.

Falado, hoje denominado de Representação Facial Humana, é a representação de uma pessoa, por intermédio de uma imagem, conforme a descrição de seus caracteres físicos gerais, caracteres físicos específicos e de seus aspectos distintivos<sup>47</sup>. Lugar em que, de maneira recorrente, homens negros são descritos e estigmatizados de maneira excessiva como suspeitos de crimes.

Homens negros, e pessoas negras em geral, são representadas excessivamente nos noticiários como criminosos. Significa que são mostrados como criminosos de modo exagerado, mais do que o número real de criminosos[...]. Então, você educou um povo deliberadamente, por anos, por décadas, para crer que homens negros, em especial, e pessoas em geral, são criminosos. Quero ser clara. Não estou falando só de pessoas brancas. Pessoas negras também acreditam e morrem de medo de si mesmas. (MALKIA, Cyril. Diretora- Executiva da Center for Media Justice, em depoimento no documentário A 13ª Emenda de Ava Duvernay, *apud* BORGES, 2020 p.52).

Essas masculinidades negras são fortemente atravessadas por processos de desumanização resultantes do racismo. A criminalização dos seus corpos passam a ser algo normalizado em nossa sociedade, principalmente pela distinção de aspectos fenotípicos e sociais, que são citados de forma induzida e taxativa nesses processos jurídicos e pela mídia televisiva, destaca-se mais fortemente os aspectos de pessoas racializadas, criminalizando-as.

Procurei nesta série transpor esses lugares sociais desses homens, em vez de colocá-los nos lugares de suspeitos de crimes, são colocados como vítimas de crimes cometidos pelo Estado. Quero saber o que aconteceu com esses homens. Nessa tentativa de criminalizar o outro lado, a branquitude, amparada pelo Estado, comete crimes contra esses homens negros. Tanto os chamados crimes diretos, assassinatos cometidos pela polícia militar e crimes políticos, quanto os indiretos, a negação de direitos básicos e acessos aos serviços essenciais, como saúde e educação, por exemplo.

---

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://institutodeidentificacao.policiacivil.go.gov.br/secao-de-retrato-falado-srf#:~:text=O%20Retrato%20Falado%20teve%20sua,dos%20precursores%20da%20identifica%C3%A7%C3%A3o%20humana.>> Acesso: 20 set. 2020.

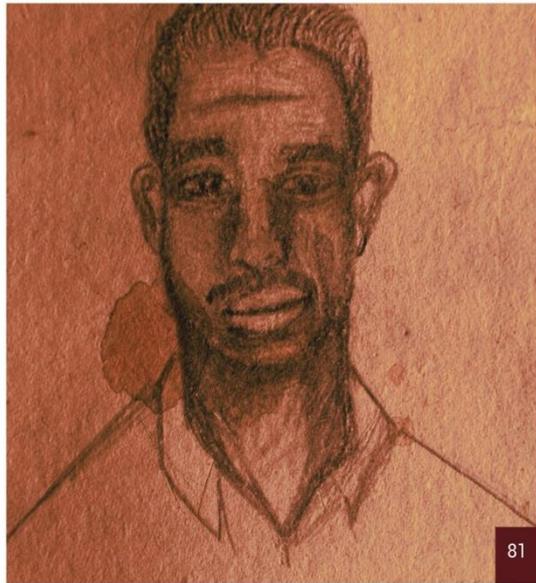
O autor Silvio Almeida em seu livro *Racismo Estrutural* nos aponta como o racismo se estrutura em mecanismos sociais de destruição, pautados na morte, indo muito além da violência policial, com uma sofisticação, que parte também da negligência de elementos básicos de direito desta população. “A expulsão escolar, a pobreza endêmica, a negligência com a saúde da mulher negra e a interdição da identidade negra seriam juntamente com o sistema prisional, partes de uma engrenagem social de dor e morte.” (ALMEIDA, 2020, p. 124). Tanto quanto entender a política de extermínio da polícia em relação as populações negras e periféricas, é também fundamental entender essas variadas formas dessa engrenagem de extermínio, pautadas no impedimento da existência real e não sobrevivência de corpos racializados.

Duas mortes serviram de impulso para fazer este trabalho, a primeira do meu padrinho Valdecir, assassinado em 2003 e a segunda do meu pai Gilberto, morto por um agravamento de um alcoolismo em 1990.

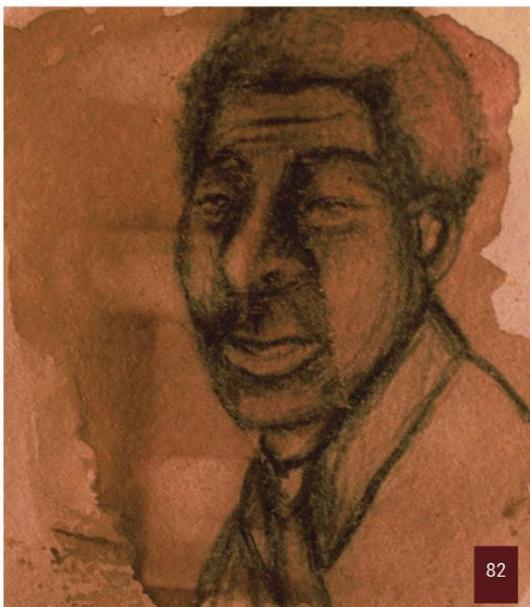
Valdecir Fernandes da Silva, meu padrinho, meu tio, irmão do meu pai, filho de Ogum, santista, sindicalista, metalúrgico e grevista, foi morto em 2003, “não se sabe porque”, mas a polícia disse que iria trabalhar incansavelmente, sete dias por semana, para solucionar o caso. Tomou quatro tiros, um acertou o coração e ninguém sabe por que. Ninguém sabe o porquê foi morto no dia 12 de dezembro de 2003, quando eu tinha 14 anos. Descartaram a possibilidade de assalto, consideraram crime premeditado e político, depois desconsideraram, foi abordado por dois homens que dispararam quatro tiros. Seu assassinato até hoje sem solução, foi arquivado e ainda não sabemos por que.



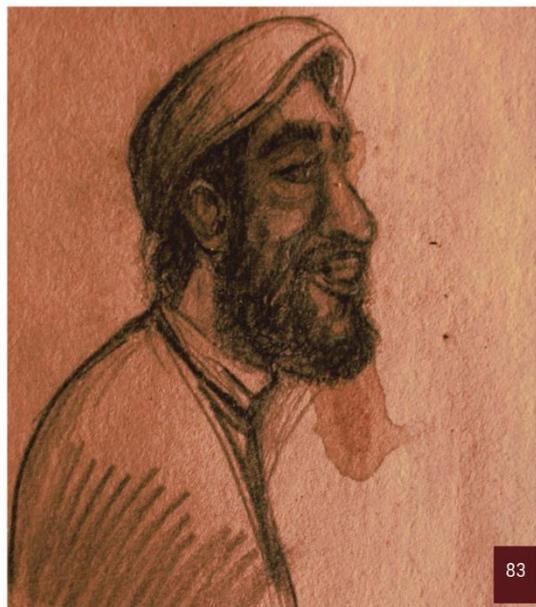
80



81



82



83

80, 81, 82 e 83. Retrato Falado. Todos os homens negros da família estão mortos. Sangue e graffite sobre papel. 2020

Leone Farias Do Diário do Grande ABC 13/12/2003 | 26223

Sindicalistas fazem última homenagem a colega morto

Colegas, familiares e integrantes de diversas entidades sindicais e políticas foram sábado ao velório e ao enterro do secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, Valdeci Fernandes da Silva, 47 anos, o Vêinho, assassinado sexta-feira às 4h40 quando saía de casa para ir a uma assembleia.

O corpo do sindicalista foi velado durante da tarde de sexta-feira até sábado de manhã, no salão do sindicato, na rua Gertrudes de Lima, no Centro da cidade. Às 11h30 de sábado, o caixão foi fechado e amigos e parentes próximos o conduziram até o carro funerário, sob uma salva de palmas. O cortejo rumou para o cemitério Vale dos Pinheiros, em Mauá, cidade onde ele morava, e houve mais uma pequena vigília no local, de 20 minutos, e, em seguida, o enterro.

Muito emocionado, o diretor de base do sindicato sediado em Santo André, Adilson Torres dos Santos, afirmou que Vêinho "era um irmão" para ele, e que, naquela hora, aos sábados, eles faziam churrasco na casa de Silva.

O corpo do sindicalista foi velado durante da tarde de sexta-feira até sábado de manhã, no salão do sindicato, na rua Gertrudes de Lima, no Centro da cidade. Às 11h30 de sábado, o caixão foi fechado e amigos e parentes próximos o conduziram até o carro funerário, sob uma salva de palmas. O cortejo rumou para o cemitério Vale dos Pinheiros, em Mauá, cidade onde ele morava, e houve mais uma pequena vigília no local, de 20 minutos, e, em seguida, o enterro.

Muito emocionado, o diretor de base do sindicato sediado em Santo André, Adilson Torres dos Santos, afirmou que Vêinho "era um irmão" para ele, e que, naquela hora, aos sábados, eles faziam churrasco na casa de Silva.

O ex-prefeito de Mauá Leonel Dantas também foi ao velório, "para prestar solidariedade à família", afirmou que acredita em crime premeditado, por causa do horário que ocorreu. Já o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e da Força Sindical, João Aparecido Dias, disse que prefere esperar a apuração da polícia, mas afirmou que o movimento sindical perde "um companheiro que buscava vitórias para a classe trabalhadora". Sexta-feira, diretores do sindicato levantaram a hipótese de crime político.

Bastante abatido, um dos irmãos, Valdeir Fernandes Silva, 43 anos, o Mineirinho, ex-sindicalista, afirmou que ambos sempre se falavam por telefone. Valdeci, que mora em Montes Claros (MG), citou que, em uma das conversas, Valdeci disse que havia recebido um envelope com um aparelho de barbear e um bilhete que dizia que seria barbeado. Valdeci interpretou o presente como uma ameaça.

Mineirinho acrescentou que, por causa dos receios, o irmão combinava com o vigilante Arlindo Sérgio Mendonça (que estava próximo ao sindicalista e também foi baleado), para avisá-lo sobre algum movimento suspeito.

Sindicalista é assassinado a tiros no Grande São Paulo

O secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e região foi assassinado a tiros nesta sexta-feira. Valdeci Fernandes da Silva foi baleado quando saía de casa, em Mauá, por volta das 5h.

Ele participava de uma assembleia na porta de uma empresa. Em nota, o sindicato afirma que considera o crime um atentado. Ainda não há confirmação sobre possíveis ameaças sofridas por Silva.

"A diretoria considera o ocorrido como um atentado e exige das autoridades policiais competentes a mais completa apuração do crime. Todos os diretores se sentem igualmente ameaçados enquanto não se apuram as razões que levaram a execução do diretor secretário da entidade."

PANORÂMICA

POLÍCIA

Secretário-geral de sindicato é assassinado O secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, Valdeci Fernandes da Silva, 46, foi morto com dois tiros às 4h30 de ontem, em Mauá (Grande SP), quando saía de casa com o seu carro. Segundo a polícia, a mulher dele saiu com outro carro e viu dois homens entrarem nele e no vigilante da rua, Arlindo Mendes, 20 - que passa bem. A polícia não descartou a hipótese de crime premeditado. (DO AGORA.)

Texto Anterior: Insegurança. Servidor tem "manual" de regras de centro Próximo Texto: Violência. Acaba em Minas sequestro de filho de prefeito Índice

Sindicalista é assassinado em Mauá

Glaucio Araújo e Leone Farias Do Diário do Grande ABC 12/12/2003 | 22258

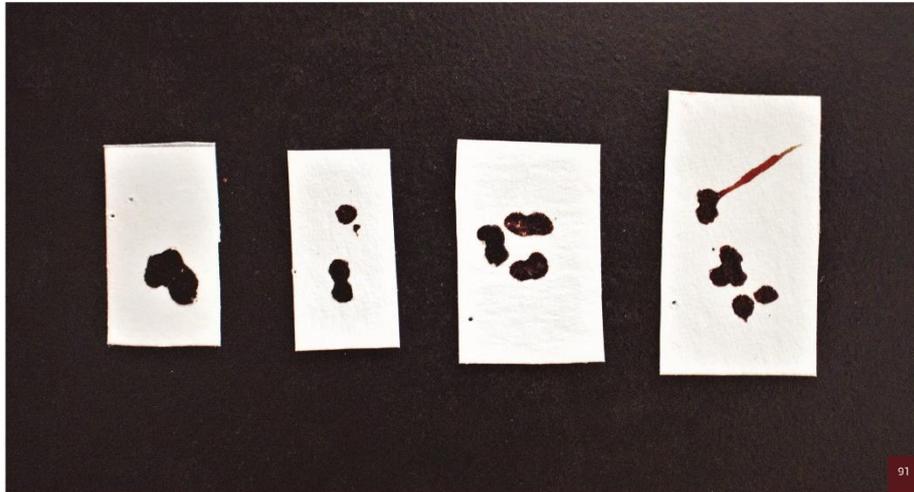
O secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, Valdeci Fernandes da Silva, 47 anos, o Vêinho, foi morto quando saiu de casa, na rua Américo Torenno, no Jardim Kennedy, em Mauá, às 4h40 desta sexta. Ele e sua mulher, Aldemira Moreira de Araújo, 31 também diretora da entidade, seguiram para o prédio da empresa TRW, na cidade, onde participavam de uma assembleia sindical com os funcionários da unidade. Silva foi atingido por um tiro de revólver calibre 38 no peito e morreu assim que chegou ao Hospital Nardoni. Dirigentes sindicais falam em crime político.

Silva manobrou o Astra vermelho para sair da garagem, quando foi surpreendido por dois homens a pé. A polícia ainda não

86, 87, 88, 89 e 90. Notícias de jornal sobre o assassinato do meu padrinho.

Notícias do Assassinato<sup>48</sup>

<sup>48</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u87112.shtml>. Acesso: 14 mar. 2020.



91. 4 tiros. Sangue sobre papel. 2020

Estes desenhos representam os quatro tiros direcionados. Com um gesto mais preciso miro o tubo de sangue e acerto o papel. Procuo não deixar que se espalhe muito pela sua área, secando em uma forma mais restrita, definindo o que seria os lugares atingidos no momento da nossa morte, quando meu padrinho morreu, eu morri de alguma maneira. A prova residual deve ser concisa. Incessantemente durante todos esses anos imaginei a cena toda, lendo as notícias que saíram nos jornais na época, como uma maneira, ainda que traumática, dele se fazer e estar presente.

Seu assassinato aconteceu na madrugada quando retirava o carro da garagem para ir a uma reunião do Sindicato dos Metalúrgicos em Santo André

---

Disponível em:<<https://www.dgabc.com.br/Noticia/284542/sindicalistas-fazem-ultima-homenagem-a-colega-morto>>. Acesso: 14 mar. 2020.

Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1312200309.htm>> Acesso: 14 mar. 2020.

Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u87112.shtml>>. Acesso: 14 mar. 2020.

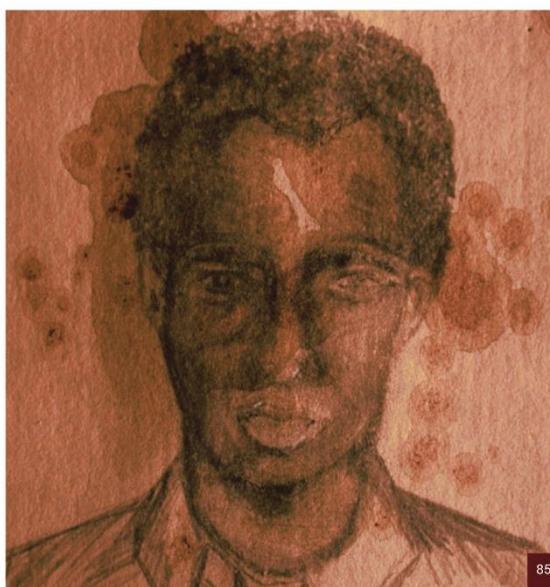
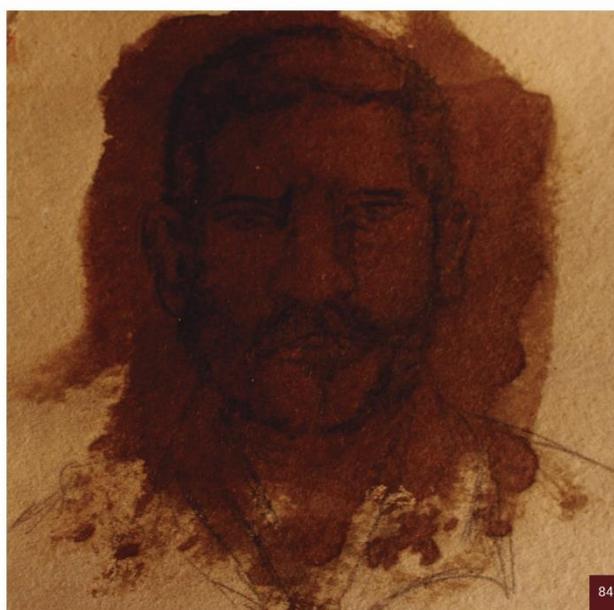
(SP). O crime, que se acreditou ser um assalto comum, possui indícios que foram sendo acrescentados ao caso ao longo dos anos, considerando a possibilidade de motivações políticas.

Posteriormente, as motivações políticas foram descartadas do caso, com o aparecimento de dois suspeitos, que até hoje não foram confirmados pelo vigia baleado, testemunha direta do crime. Seu caso foi arquivado e quando a família tentou reabri-lo houveram novas ameaças de morte. Meu padrinho dizia que não iria ceder, que não iria ceder as ameaças.

A segunda morte impulsionadora desse trabalho foi a do meu pai Gilberto Fernandes da Silva, morto aos 35 anos, por um aneurisma em decorrência de seu alcoolismo. Na época desempregado, recém mandado embora do metrô de São Paulo, onde atuava como eletricitista, um fator que contribuiu fortemente para agravar a doença. Dizem grande parte dos meus familiares, que houve negligência médica em seu caso. Depois de sentir fortes dores de cabeça foi atendido no hospital do Heliópolis em São Paulo capital, muito distante de Mauá (SP), onde morávamos. Na época não havia pronto-atendimento na cidade, o que dificultou seu socorro. Santista, filho de Iemanjá, intelectual, fã de literatura norte-americana, principalmente da *Geração Perdida*<sup>49</sup>, morreu precocemente e não se sabe também o porquê.

---

<sup>49</sup> Termo utilizado para designar uma geração de escritores norte-americanos do início do século XX, no período da Primeira Grande Guerra. Dentre esses escritores se encontram Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald, Ezra Pound, John do Passos, escritor favorito do meu pai, dentre outros.



84 e 85. Retrato Falado, Todos os homens negros da família estão mortos.

A importância de se demonstrar perfis, de identificar de fato quem são esses rostos, de dar corpo aos seus rastros, é importante para se entender a complexidade das diversas masculinidades negras e de suas identidades possíveis, que apesar de serem unificadas e objetificadas são atuantes no mundo enquanto sujeitos dotados de subjetividades distintas e potentes, muito além de tipos suspeitos. São esses, muitas vezes, pai, tio, padrinho de alguém

e retratá-las, é ir ao contrário do que os pintam, pautados em suas diminuições e discriminações.

Mesmo o homem negro conseguindo superar essas dificuldades sociais postas, ainda sim, carrega estereótipos racistas, baseados fortemente em uma superficialização de suas masculinidades. “Ao apagar as realidades de homens negros que têm diferentes entendimentos de masculinidade, a produção acadêmica sobre família negra (tradicionalmente, o contexto da discussão sobre masculinidade negra) coloca uma representação rasa e unidimensional no lugar dessa complexidade vivida”. (HOOKS, 2019, p. 174)

Discutir esses lugares sociais que lhes são destinados e mesmo quando ultrapassados por esses homens racializados, ainda ocorre impedimentos, proporciona uma tentativa de inversão social.

Este homem negro por vezes sofre diversos traumas e violências em sua infância, e ainda passa por riscos de vida a todo momento, e se tiver a magnitude de chegar a uma vida adulta carregando todo esse peso de dores, medos e inseguranças conseguindo se tornar um homem negro graduado, ainda assim, será incompreendido e por sua vez chamado por racistas de negro “raivoso” (ANTONIO, 2020, online)<sup>50</sup>.

O estereótipo de negro raivoso é visto como uma desestabilização dessas subjetividades, como um modo de dizer não deixamos vocês serem outra coisa, que não o que decidimos que seriam: Criminosos, suspeitos, mulatos, animais, não interessando seus nomes e suas histórias, mas sim que devem ser eliminados da sociedade. Ao considerarmos as subjetividades como modo de dar corpo a esse lugar de ausências, busco apontar que possuem histórias relevantes e que devem ser ouvidas e contadas. Tento pintar meu pai, meus tios e avós, para que ganhem novas existências, fundamentais para a construção da

---

<sup>50</sup> Disponível em: <[https://www.geledes.org.br/masculinidade-do-homem-negro/?gclid=EAlalQobChMI0\\_Xdpf-u7AIVTQaRCh1\\_8grpEAAAYASAAEgKGUPD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/masculinidade-do-homem-negro/?gclid=EAlalQobChMI0_Xdpf-u7AIVTQaRCh1_8grpEAAAYASAAEgKGUPD_BwE)>. Acesso: 20 nov. 2020.

nossa memória coletiva afetiva e social, mesmo que não sejam para uma sociedade baseada em branquitude como um todo.



92. *Preparando a barquinha para o dia 2 de fevereiro. 2020* / 93. *Meu pai Gilberto sorrindo ou O negro de terno. 2020*

Retratar meu pai sorrindo é aqui tão importante, quanto retratar um rei ou uma rainha do século XVI na Europa. A tradição do retrato na história da arte se dá a partir de um caráter de distinção de hierarquias sociais, pautadas no pensamento de quem merece ser representando e possui direito a ter uma imagem exclusivamente de si. Mesmo sendo visto como um negro de terno é também um indivíduo, que possui uma casa, uma família, detentor de identidades para além de um determinismo social, pois não se trata do negro, se trata de meu pai Gilberto. O afeto aqui reivindicado é uma distinção, em que a subjetividade é o mote para o rompimento de tipos sociais e apesar de, nos

preceitos do realismo no século XIX, comecem a ser retratados inicialmente pelo pintor francês Gustave Courbet (1819-1877), ainda são tidos como tipos sociais, *sem nomes*. “Segundo Coli, são figuras ‘definidas por traços gerais: idade, sexo, complexão física, classe social a que pertencem. Pouca vontade de caracterização psicológica: as crianças, os velhos que vemos são, antes de tudo, tipos sociais determinados pelas funções que exercem””. (COLI, Jorge, 2010, p. 289, apud LOTIERZO, 2017, p. 131).

No Brasil no início do século XX, mesmo com o rompimento dessa estética realista pelo modernismo daqui, ainda era uma temática que se utilizava dessa parcela da população no lugar também de tipos sociais e raciais, tendo como exemplos algumas obras como, “A negra” de Tarsila do Amaral (1886-1973) e “O Mulato” de Candido Portinari (1903-1962). O modernismo no Brasil instaurado oficialmente na chamada Semana de Arte Moderna de 1922, objetivava romper com os moldes e formalismos academicistas da Arte produzida nacionalmente, para tanto se utilizou de elementos como a Antropofagia<sup>51</sup>, representando o que seria uma arte tipicamente nacional e original, em uma espécie de processo de elitização do popular, em uma tentativa de fomentar uma identidade nacional baseada na construção de um tipo de brasilidade.

Os retratos aqui são vistos, como uma possibilidade pessoal de dar forma a essas ausências ao luto, de pintar suas presenças no mundo, absorvendo a perda e modelando-a. “Em primeiro lugar, o luto normal também supera a perda do objeto e absorve, enquanto dura, todas as energias do Eu(...)” (FREUD, 2010, p.139). Priorizar suas subjetividades, não somente com um intuito individual, mas como um dos modos possíveis de inversão das hierarquias socioculturais.

Para Freud, o luto vem a partir de uma ruptura, que é a morte, ocasionando um estado de desequilíbrio no sujeito, pois este perde aquilo onde reconhece sua afetividade, seu objeto amor. A morte arranca de maneira abrupta o que é da ordem do desejo afetivo, rompendo com esse sujeito. “O luto profundo, a

---

<sup>51</sup> Antropofagia. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo74/antropofagia>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

reação à perda de um ente amado, comporta o mesmo doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo.” (FREUD, 2010, p. 129). Há um não reconhecimento de si. Esse eu não se reconhece depois de sua perda, pois desconsidera sua existência na ausência desse ente.

Podemos pensar quando o luto se localiza de antemão à formação do sujeito diante do mundo, considerando o caso do meu pai que morreu quando eu possuía 11 meses. Esse desequilíbrio é dado já como constitutivo do sujeito, sendo o eu formado através do luto, sustentando assim uma subjetividade formada nos resquícios dessa perda. A perseguição desses rastros, por meio de uma recusa de um fim e de um esquecimento, transmuta tais resquícios, que são absorvidos e transformados em memória e mobilização. Assim no *entre* dessas engrenagens de “dor e morte”, (ALMEIDA, 2020, p. 124), finalmente é possível encontrarmos o silêncio, para que possamos enterrar nossos mortos em paz.

Não dá!

Não dá para ceder!

Crime comum

Não é!



Que o caminho da cura

pode ser a **doença**

Que o céu é o Limite!



(...) É necessário sempre acreditar que o sonho é possível  
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível  
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase  
E o sofrimento alimenta mais a sua coragem  
Que a sua família precisa de você(...)  
Eu vejo o rico que teme perder a fortuna  
Enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda  
(...)  
Que o caminho da cura pode ser a doença  
Que o caminho do perdão às vezes é a sentença  
Desavença, treta e falsa união  
A ambição é como um véu que cega os irmão  
Que nem um carro guiado na estrada da vida  
Sem farol no deserto das trevas perdidas  
Eu fui orgia, ébrio, louco, mas hoje ando sóbrio  
Guardo o revólver quando você me fala em ódio  
Eu vejo o corpo, a mente, a alma, o espírito  
Ouço o repente e o que diz lá no canto lírico  
Falo do cérebro e do coração  
Vejo egoísmo, preconceito de irmão pra irmão  
A vida não é o problema, é batalha, desafio  
Cada obstáculo é uma lição, eu anuncio  
(...)

É incontável, inaceitável, implacável, inevitável  
Ver o lado miserável se sujeitando com migalhas, favores  
Se esquivando entre noite de medo e horrores  
Qual é a fita, a treta, a cena?  
A gente reza, foge, continua sempre os mesmo problema  
(...)

Enfim, quero vencer sem pilantrar com ninguém  
Quero dinheiro sem pisar na cabeça de alguém  
O certo é certo na guerra ou na paz  
Se for um sonho não me acorde nunca mais  
Roleta russa, quanto custa engatilhar?  
Eu pago o dobro pra você em mim acreditar(...)

Música: A Vida é Desafio. In 1000 Trutas, 1000 Tretas. Racionais MC's

## Luta. Rastro 4

...às vezes é forçar a entrada na bicuda<sup>52</sup>, mano!



O sindicalista conta que a base metalúrgica de Santo André foi reduzida de 51 mil trabalhadores em 1978 para 18,5 mil. Em 1989, eram 41 mil trabalhadores. “Com a adoção obrigatória de novas tecnologias, o homem perdeu espaço para as máquinas. A Cofap chegou a ter 13 mil empregados há 10 anos e hoje são apenas 3,8 mil, mas a produção é três vezes maior” – conta Valdecir Veíno.

Entre as empresas que fecharam ou deixaram o Grande ABC estão a Molins, fabricante de máquinas para produção de cigarros, que se transferiu de Mauá para Santa Catarina em meados dos anos 90 dispensando 750 trabalhadores; Companhia Paulista de Laminação, fechada em Mauá em 1995, encerrando 850 postos de trabalho; Pierre Saby, fechada no ano passado com 300 empregados; Brosol, que já teve 3,6 mil trabalhadores em Ribeirão Pires; Nordon, fabricante de equipamentos para cervejarias que fechou com 900 empregados em Santo André; Black & Decker, fabricante de ferramentas que trocou Santo André pelo Triângulo Mineiro eliminando 1,2 mil postos de trabalho; e Fichet, fabricante de estruturas metálicas de Santo André, que empregou 700 trabalhadores antes de falir, entre muitas outras.

“Estamos falando das maiores. As pequenas que sumiram do mapa a gente perde de vista” – comenta Valdecir Veíno. Ele sublinha o estreitamento do mercado de trabalho citando exemplo das transformações ocorridas na empresa da qual é funcionário licenciado. “A Philips chegou a ter cinco unidades no Grande ABC e hoje só são duas. De três mil funcionários sobraram 1,5 mil” – conta.

95

94. *Meu Padrinho ou O sindicalista Veíno*. Acrílica sobre Tela. 2020 / 95. Falas do meu padrinho Valdecir sobre a situação na atualidade nas fábricas do ABC.

<sup>52</sup> Chute, pontapé.

A luta política, citada fortemente nas entrevistas com minha avó Elita, apresentada na primeira parte, é vista como uma possibilidade de romper com os lugares sociais, raciais e de gênero, que nos são determinados. Faz o papel de uma espécie de mola propulsora, que rompe com diversos determinismos sociais, são gritos para se rasgar e romper o outro lado também.

As lutas políticas do ABC paulista e dos trabalhadores rurais do Vale do Jequitinhonha são, ao meu ver, modos de dizer para o mundo que não iremos mais aceitar como nos tratam. De romper com a domesticação de nossos corpos instauradas pelos processos de subalternização colonial. Também é uma forma de elaboração do nosso luto coletivo, em formato de revolta. Assim para autora indiana Gayatri C. Spivak em seu livro célebre, *Pode o subalterno falar?*, nos coloca frente a problemática da voz e da posição do subalterno, que é intermediada muitas vezes pela figura do intelectual. De certo modo, o intelectual seria o que abriria a porta, nos poupando da bicuda ou chute. Todavia se estabelece uma co-dependência dessa figura, o que não resolve o problema da subalternização.

Spivak desvela o lugar incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga o poder falar pelo outro, e por meio dele, construir um discurso de resistência. Agir dessa forma, Spivak argumenta, é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde se possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido. Spivak alerta, portanto, para o perigo de se constituir o outro e o subalterno apenas como objeto de conhecimento por parte dos intelectuais que almejam meramente falar pelo outro. (ALMEIDA, 2010 *apud* SPIVAK, 2010, p. 14).

O segundo silenciamento instaurado pelo desejo de se falar pelo outro, produz ainda neste a condição de objeto, o que não é o caso, pois não pretendo falar pelos meus familiares, muito menos dar voz, pois a minha voz foi feita e construída a partir desses. Trata-se de uma continuidade da nossa linhagem e memória, pois se estou aqui na universidade é graças à essas lutas políticas dos que vieram anteriormente a mim, nada mais. “Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta a construção contínua do subalterno?”

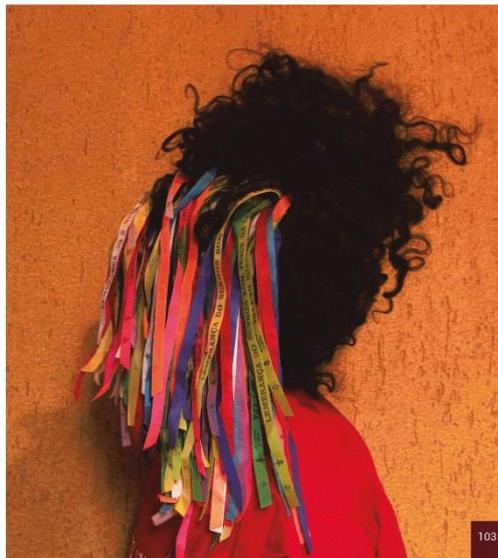
(SPIVAK, 2010, p. 110). Escutar, pois esperamos uma escuta atenta, já conseguimos chutar portas até aqui e vai ser difícil parar.

Fui me fazendo nessas vozes, que caminham no meu sangue, falas que são presentes, vivas e como dizem é do luto à luta. Para tanto: *Não iremos aceitar jornadas exaustivas de trabalhos dentro das fábricas; não iremos aceitar mais a redução dos nossos salários; não iremos aceitar mais 90 por cento da nossa colheita ir para os fazendeiros; não iremos mais aceitar ficar durante 2,3, 4 horas, em um trem lotado para trabalharmos em um emprego mal remunerado; não iremos mais aceitar que nos batem; não iremos mais aceitar casamentos arranjados, que nos estuprem, não iremos mais aceitar que nos matem, que nos silencie, e por fim que nos escravizem. Não seremos apagados ou esquecidos, não iremos mais ser subalternos e não, não iremos ceder!* Gritamos, porque é ainda nossa única possibilidade.

As lutas do meu padrinho Valdecir no Sindicato dos Metalúrgicos no ABC, e da minha avó Elita no Sindicato das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais de Medina (MG), são memórias constitutivas do meu eu. Uma tentativa de mensurar como fui me fazendo e refazendo nessas falas, nestes gestos, nesses ensinamentos, nessas movimentações. As histórias desses dois me deram a oportunidade de visualizar uma saída, trouxeram um vislumbre aos que estavam ao seu redor, que era possível mudar de vida. Fizeram história em um país que destina a colocá-los no lugar dos *sem nomes*. Saí *puxando*<sup>53</sup> aos dois, tive a quem *puxar*.

---

<sup>53</sup> Este termo é comumente usado pela minha família, para designar se alguém possui características herdadas dessa, assim um filho puxa as características do pai, por exemplo.



101, 102, 103, 104 e 105. Série *Ta, você saiu me puxando*. 2020.

A série de fotografias *Ta, você saiu me puxando!* partiu das inúmeras conversas com minha avó Elita, algumas já aqui explicitadas, onde afirma que possui grande semelhanças com sua pessoa: *-Você gosta de viajar igual eu Ta.*

*Cê é do mundo!* Nas fotografias, que são nossos retratos, utilizo-me de elementos que possuem grande significado para nossa trajetória; como as fitas do Bom Jesus, o próprio Bom Jesus, minha pesquisa de Mestrado na parede. Ambas vestem sua camiseta de candidata à vereadora pelo Partido dos Trabalhadores (PT), na década de 80.

O rompimento com o casamento por parte da minha avó no início dos anos 90, também foi onde se consolidou sua luta. Sair de um lugar destinado, como é este, foi fundamental para a construção de sua subjetividade, já também vinculada a sua emancipação por meio da luta política.

A dimensão e a diferenciação dessas lutas entre minha avó Elita e meu padrinho Valdecir podem ser medidas também a partir das questões de gênero, é por meio dessas que ocorre a estigmatização das relações, também pela diminuição e supressão da potência dessas mulheres negras, através de relacionamentos hierarquicamente abusivos. “A questão da ‘mulher’ parece ser problemática nesse contexto. Evidentemente se você é pobre, negra, e mulher está envolvida de três maneiras”. (SPIVAK, 2010, p. 110).

O álbum familiar é o primeiro elemento com o qual me defrontei nessa pesquisa. Costumeiramente há sempre fotos dos casais, fotos posadas, onde estão em alguma ocasião especial e com suas melhores roupas. Uma foto me chamou especialmente a atenção, nesta estão meu avô Olinto e minha avó Elita, com um olhar para baixo, distante, não enfrentando a câmera.



96. Foto Avós maternos Olinto e Elita

A série *Álbum Familiar ou Deixa Ele* se trata de pinturas de casais pertencentes a minha família, baseadas nas fotografias encontradas nos arquivos pessoais de minha avó. Observou-se algum tipo de hierarquização nessas, principalmente de gênero ou até mesmo relatos de alguns abusos de maneira geral. “(...) nem sempre se manifesta na forma de uma violência tão aberta e pública” (DAVIS, 2016, p.181).

Aqui também me utilizo do meu sangue, para frisar uma marca explícita de violência recorrente nestes relacionamentos. O local onde se encontra o sangue se trata de alguns dos sentidos fundamentais para se ter apreensão do mundo, como os olhos, a boca, a cabeça, locais fundamentais para uma radicalização e para a luta. As mulheres aqui representadas de modo submisso são mulheres quase que refém de seus relacionamentos, enquadradas em uma instituição

matrimonial obrigatória, em um funcionamento único e específico de esposas. A moldura utilizada emula *fotopintura*, fortemente utilizada pelas famílias sertanejas, mas que estão se desfazendo. “Mulheres ou homens, ninguém está feliz por aqui. ” (DESPENTES, 2016, p. 15).

Também fez parte dos procedimentos de criação desse trabalho, a música que dá nome a parte do título, *Deixa Deixa*, da cantora e compositora Leci Brandão:

“Deixa ele beber, deixa ele fumar, deixa ele jogar  
É melhor do que ele sacar de uma arma pra nos matar  
Deixa ele gemer, deixa ele gozar, deixa ele voar. É melhor do  
que ele sacar de uma arma pra nos matar (...)  
Deixa ele fazer tudo que ele quiser  
Deixa ele ser moleque dessa mulher  
Deixa ele transar tudo de onde vier. Do que ele sacar de uma  
arma pra nos matar”  
(Música, *Deixa Deixa*. In *Raízes do Samba*. Leci Brandão)

Deixa ele chorar

Deixa ele

do que

Fazer

Tudo

É melhor

Matar

é



97



98



99



100

97, 98, 99 e 100. Série *Álbum de Família ou deixa ele*. Desenho com sangue sobre papel. 2020.



Na música há um aspecto aparente de submissão, como se na frase *deixa ele* que se repete, contivesse quase um processo de desistência e de anulação. Todavia o elemento da anulação primeiramente percebido se faz justificável pelos aspectos de violência posteriormente apresentados, pois é melhor *deixar ele*, do que *ele sacar de uma arma pra nos matar*. Nas pinturas busquei tornar evidente o limite da possibilidade de sermos totalmente e inteiramente sujeitas radicais, das mulheres negras pobres latino-americanas. Quando se sofre violência, não há discussão, ou *deixa ele fazer tudo que ele quiser* ou se morre.

Ser uma mulher negra sujeita e radical requer bases fundamentais, como econômicas e sociais que vão para além de uma vontade somente individual. Pois a possibilidade de se cair no ostracismo é quase inevitável. A autora bell hooks<sup>54</sup>, afirma em seu ensaio *Mulheres Negras Revolucionárias: nos transformamos em sujeitas*, a nossa subjetividade radical se faz necessária, fundamental para rebelarmos contra nossa domesticação e subalternidade.

Perguntando para as mulheres da família sobre o casamento, constata-se que houveram muitas violências sofridas. E quando havia qualquer tentativa de rompimento com essa estrutura, tinha-se como horizonte a própria morte. Outro aspecto que foi fundamental para a realização desse trabalho, foi pensar que qualquer tentativa de rompimento por essas mulheres, havia também um aniquilamento indireto com um preço muito alto a ser pago. Mesmo quando se consegue sair de tal estrutura, como no caso da minha avó materna, há ainda outros impedimentos para que não ocorra um rompimento radical.

Sujeitas Negras radicais são constantemente rotuladas como loucas por aqueles que desejam minar seu poder pessoal e sua habilidade de influenciar os outros. O medo de ser vista como loucas

---

<sup>54</sup> “O nome "**bell hooks**" foi inspirado na sua bisavó materna, **Bell Blair Hooks**. A escolha da **letra minúscula** é justificada pelo interesse da autora em dar mais enfoque ao conteúdo desenvolvido em suas obras e menos a sua pessoa. Disponível em: <<https://almapreta.com/editorias/realidade/editora-lanca-livro-de-bell-hooks-sobre-racismo-em-sao-paulo#:~:text=Sobre%20bell%20hooks&text=O%20nome%20%22bell%20hooks%22%20foi,e%20menos%20a%20sua%20pessoa.>>. Acesso: 25 out. 2020.

pode ser um fator importante que impede as mulheres negras de expressarem suas identidades mais radicais. (HOOKS, 2019, p.118)

Para bell hooks, as mulheres negras e racializadas que sobreviveram, fazem algum tipo de sacrifício ou de anulação. “Aqueles mulheres negras que sobrevivem, que vivem para contar a história, por assim dizer, são as boas meninas, as que sacrificam, as mulheres negras que trabalham duro.” (2019, p. 109). Essa submissão, criticada de certa maneira pela autora, “das mulheres que trabalham duro”, passa a ser apresentada nesse trabalho em conjunto que simbolicamente há uma arma apontada para a cabeças dessas mulheres. “Agradar os homens é uma arte complicada que exige que apaguemos tudo que faça referência ao domínio da nossa potência.” (DESPENTES, 2016, p.107). A anulação ainda que não seja a direta, pela violência física, se dá indiretamente por uma auto-violência, que suprime a existência de qualquer tipo de subjetividade. Passam a ser funções, esposas, mães, trabalhadoras domésticas não-remuneradas e etc.

Outros processos de objetificação do corpo de mulheres negras e racializadas se dão também pela junção exacerbada de uma hipersexualização e uma associação à sujeira, quando estas não são realizadas ao mesmo tempo, onde um imaginário branco, associa a sexualidade a algo que deve ser contido e reprimido. Quando algum sujeito me diz: *Você deve transar bem! ou Achei que você transava melhor, você deve fazer melhor que isso, tenho certeza!*, há uma certeza e uma aposta em uma sexualidade que se acredita ser inerente aos nossos corpos, como a sexualidade é comumente associada à sujeira, logo somos também as *sujas*, as que ameaçam o mundo branco, mas também que são de uma maneira fortemente discriminatória, também desejadas.

Sujeira e selvageria estão ligadas, de forma muito íntima, a aspectos que a sociedade *branca* reprimiu – sexualidade e agressão - consequentemente projetou nas/os ‘Outras/os. Com frequência, a sexualidade é combinada com agressão e experienciada como ‘suja’, caso em que os pensamentos serão duplamente negados. (KILOMBA, 2019a, p. 124)

Os sujeitos de falas dessa natureza normalmente expressadas em âmbitos privados se acham no direito de realizar seus desejos a qualquer custo, e estão

imbuídos ainda de um processo de subalternização, pois não há nenhum tipo de interesse no nosso desejo. E não isso também não é um ato de amor. Há uma repressão que deseja ser realizada por meio de uma projeção nos nossos corpos, somente isso. Cuidemos assim nós mesmas dos nossos desejos.

Esses processos de anulação se dão também através de diversos mecanismos de violência, dentre eles também estão abusos, com roupagem de afeto positivo. Na música, ao deixar este sujeito fazer tudo que ele quer, bater, ser irresponsável, beber exageradamente e ainda estuprar, nos coloca enquanto mulheres na posição de completo desaparecimento. Assim se faz fundamental, não somente não *deixar ele* fazer tudo, mas fazermos tudo o que quisermos, porque precisamos viver para além de sobreviver, precisamos achar um lugar de resistência, para além do medo da morte.

Tornamos sujeitas que anseiam mais do que são ansiadas, que sonham mais, que almejam mais. Minha avó Elita conseguiu que já não fosse passado o casamento, como um valor a ser seguido pelos seus filhos e por consequência por seus netos, como é o meu caso. Não precisamos mais nos casar como única possibilidade social e econômica de subsistência, isso passa a ser opcional, pelo menos juridicamente. Sua luta juntamente com uma geração de mulheres solidificou mudanças ainda que mínimas, fundamentais para que essas estruturas se movimentassem. E como diz Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Disponível em:

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503\\_610956.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html)>. Acesso: 11 nov. 2020.

e o céu

Entre a

favela-inferno

Alaiá, kiriê  
Kiriê, iaiá  
A refavela  
Revela aquela  
Que desce o morro e vem  
transar  
O ambiente  
Efervescente  
De uma cidade a cintilar  
A refavela  
Revela o salto  
Que o preto pobre tenta dar  
Quando se arranca  
Do seu barraco  
Prum bloco do BNH  
(...)A refavela  
Revela a escola  
De samba paradoxal  
Brasileirinho  
Pelo sotaque  
Mas de língua internacional  
(...)A refavela  
Revela o passo

Com que caminha a geração  
(...)A refavela  
Revela o choque  
Entre a favela-inferno e o céu  
Baby-blue-rock  
Sobre a cabeça  
De um povo-chocolate-e-mel  
A refavela  
Revela o sonho  
De minha alma, meu coração  
De minha gente  
Minha semente  
Preta Maria, Zé, João  
(...)A refavela  
Alegoria  
Elegia, alegria e dor  
Rico brinquedo  
De samba-enredo  
Sobre medo, segredo e amor  
A refavela  
Batuque puro  
De samba duro de marfim  
Marfim da costa  
De uma Nigéria  
Miséria, roupa de cetim

Refavela. In Disco: Refavela Gilberto Gil



*Amor. Rastro 5 (Considerações finais)*

*...nem tudo é sofrimento, mano!*

O amor, ainda que um rastro pequeno, está presente como possibilidade de cura, de radicalização possível e liberdade genuína. Quando penso neste processo do amor, primeiramente as dificuldades se apresentam e me deparo com um ódio interno. Tentar sair desse lugar de dureza foi uma das maiores dificuldades enfrentadas nessa pesquisa. Cresci, me fiz e refiz em um lugar onde a rotina e o dia a dia são determinados por uma sobrevivência difícil, romper com essa estruturação requer uma reconstrução de uma base afetiva e econômica, que ainda não são visíveis ou palpáveis. E primeiramente os caminhos, os trajetos apresentados foram o direito de conhecer e reconhecer nossas memórias, de nos apropriarmos de nós mesmas, das nossas histórias. Tomando a decisão de se olhar internamente e tentar produzir.

O percurso aqui apresentado, primeiramente se utilizou da autoetnografia para alimentar os meus processos artísticos. Foi um modo de me apropriar de minha história e de produzir, mas também foi um ato de amor, como já afirmado. O amor é visto aqui como um gesto, uma ação que me fez olhar os pedaços do meu interior com delicadeza. E ver no espelho, nas lâminas desse laboratório ficcional de mim, esses rastros que me habitam, reconhecendo cada vestígio e tentando celebrar cada um deles. Juntando-os a própria imagem refletida para que haja uma existência que possua inteireza, que não seja mais enfraquecida pelos processos de esquecimentos e discriminação. O amor como prática de liberdade, como nos ensina bell hooks.

A autora em seu texto *Vivendo de Amor*, publicado pelo site *Geledés*<sup>56</sup> aqui no Brasil, se utiliza desse conceito como uma radicalização e libertação da mulher negra, se amar depois de enxergar tanta dor é sem dúvida o mais difícil em meio a esse processo. “E para viver plenamente as mulheres negras não

---

<sup>56</sup>Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso: 29 out. 2020.

podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor.” (2010, on-line). E para conhecê-lo, necessitamos nos conhecer.

Quando substituo a crítica negativa pelo reconhecimento positivo, sinto-me mais forte para começar o dia. A afirmação é o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interior. Uso a expressão “amor interior” e não “amor próprio” porque a palavra “próprio” é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos outros. Numa sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante. (2010, on-line)

A exemplo da autora me utilizo da expressão “amor interior”, para me referir a esse acolhimento da nossa subjetividade. A ação é de pegar esses rastros cuidar e analisar, mesmo que não sejam perfeitos, mas são os possíveis, são os existentes. O amor por um pedaço de passado que pulsa no presente, uma ancestralidade que se faz intensa, mesmo que violenta e fundada na dor. É olhar mais profundamente cada pedaço de si, e ver de onde vem, o porquê de estar ali, é pegar nas mãos essas partes, de maneira delicada e garantir sua existência, mesmo que essa seja muito frágil e quase imperceptível, protegendo-as. O amor como gesto de cumplicidade consigo mesmo.

A prática da escrita e da produção artística foram modos curativos. “(...) ‘Vejo uma pessoa tão ferida, que é pura dor, e não quero nem olhar pra ela porque não sei o que fazer com essa dor’. Aí o amor está ausente. Para que esteja presente é preciso que essa mulher decida se olhar internamente, sem culpa e sem censura.” (HOOKS, 2010, on-line). Olhar o meu sangue, que me fizeram tanto odiar, foi uma forma de exteriorizar algo que estava somente interno. E ver com um olhar generoso, o que realmente está contido nele. Descobri somente ao final da pesquisa este último rastro. Escrever assim foi literalmente um ato de sangrar, sangrei para estancar. “Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia ‘Escrever é um ato de sangrar’. Acrescento e de muito sangue, muito e muito...”, (EVARISTO apud BORGES, 2020, p.03).

Ensina-nos que não somos os objetos ideais de amor, “Imagens de corpos brancos, com sorrisos perfeitos, sempre a olharem-se a si próprios, e a reproduzirem a sua imagem como o objeto ideal de amor” (KILOMBA, 2019b, p. 14), somos objetos de ódio, os que servem, os de sexualização barata, de

desprezo, de descrédito, de solidão e da espera ansiosa de uma desapareição total. Brigamos com o nosso espelho, nos odiamos, nos ensinaram a fazer isto, uma branquitude nos ensinou, *os boy, os patrão*<sup>57</sup>.

Ao longo da vida, escutei frases que produziram em mim, um sentimento de inadequação, que estou fazendo alguma coisa errada, meu cabelo está errado, alguma coisa em mim está errada, pois o tempo todo tentaram me corrigir de alguma forma: *Cê tem cor de sujeira, meio sujinha né. Você toma banho? Seu cabelo molha? Sai da frente, nequinha suja!* (Disse um advogado para mim em um fórum). Mas não vamos mais sair da frente, precisamos deixar que os ecos desse narcisismo da branquitude desapareçam, sumam no ar e não mais digam o que somos, precisamos nos libertar. Pois como nos mostra a artista Grada Kilomba em seu trabalho *Ilusões Vol I, Narciso e Eco*, “ (...) Narciso não ama ninguém” (KILOMBA, 2019, p. 03, *grifo meu*), que não seja seu espelho.

Falar desse ódio como um sentimento que foi se construindo, na medida em que ocorre uma diferenciação e um processo de discriminação, devido aos nossos aspectos físicos, raciais e sociais, frequentemente diminuídos e menosprezados. É também dizer que já sabemos o que fizeram com a gente, lembramos e não vamos mais permitir.

Sermos radicais custa caro, como preço temos nosso isolamento, nossa própria aniquilação. Porém este movimento também é fundamental para não sucumbirmos mais a uma “domesticação autoimposta” (HOOKS, 2019, p. 112) e nos reprimir e embrutecer totalmente.

A escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos. (...) A escravidão criou no povo negro uma noção de intimidade ligada ao sentido prático de sua realidade. Um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver. (HOOKS, 2010, on-line)

O processo de embrutecimento é vinculado diretamente a sobreviver, portanto automaticamente ligado a imagem de força. Assim as emoções e afetos

---

<sup>57</sup> Formas também de se referir a uma branquitude e elite na periferia onde morei em Mauá (SP).

são tidos como formas de fraquezas e que não devem ser nutridos, mas sim reprimidos. O que foi observado é justamente o oposto, pois se valer de uma base afetiva é tão quão fundamental, quanto uma base econômica e material. “No nosso processo de resistência coletiva é tão importante atender as necessidades emocionais quanto materiais. ” (HOOKS, 2010, on-line).

Assim o último trabalho apresentado é uma série de pinturas, um possível ato de amor a nós mesmas, as que estão comigo. *Brutas* é uma série baseada nos ex-votos, meus votos. São meus agradecimentos as minhas antepassadas pela graça, pela cura alcançada, por ter sobrevivido até aqui. Por nossa recuperação contínua, pela força e não somente a física, como também a afetiva. As brutas são as ditas incapazes de se deixar ser amadas, as ditas mal-amadas, as duras, as rígidas, as mulheres fortes. São as que não aprenderam a ser civilizadas, as selvagens, as bárbaras, as ditas feias, as ditas sujas, as desgrenhadas, as ruins, as que ninguém quer ser. E não, não somos brutas o tempo todo, “Eu não sou bruta o tempo todo...” (DESPENTES, 2016, p. 104).

A série possui sete pinturas de tamanhos variados, em formato dos votivos comumente ofertados em lugares onde o catolicismo popular é presente, como em Bom Jesus da Lapa (BA). São as cabeças de enfrentamento que ofertei, para que fossem curadas desses processos traumáticos de violências coloniais, sofridos pelas minhas avós, tias, bisavós, trisavós e etc. É para que não sofram mais.



106, 107, 108, 109, 110, 111 e 112. *Série Brutas, meus ex-votos. Acrílico sobre tela 2020.*

Esse processo artístico, por mais que se apresentou como uma maneira de lembrar e me reconfigurar. Foi também uma possibilidade de lembrar que não estamos sozinhos, e que não fomos construídos agora. Buscar vestígios e

resquícios da própria memória é correr ainda um risco de se embrutecer e se ressentir mais uma vez, mas também é o de se recuperar e de se restabelecer.

É de sangrar para poder lembrar, juntando os vestígios encontrados nesses trajetos percorridos e dar uma nova forma. Fazer o sangue dançar mesmo que na dor. “Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.” (HOOKS, 2010, on-line). Só assim será possível convidar outros para dançarem juntos.

Essa pesquisa não fala apenas de minha história e de meus familiares, e seus atravessamentos raciais e sociais. Não é uma história única. É necessário unir as vozes presentes para se gritar mais alto, construir um canto impossível de ser ignorado. Não podemos mais andar sozinhos, não conseguimos mais, estamos exaustos e a cura é coletiva. Nossas dores vêm de longe.

A linhagem por mais instável que seja, é preciso continuá-la. E por mais que nos ensinaram que não somos nada, que por sermos mulheres negras, racializadas, pobres, faveladas, somos inadequadas, não cabemos nos lugares, não deveríamos nem existir, somos ainda as que sentem os latidos dos cachorros dos senhores da casa-grande, perseguindo nossas antepassadas, percorrendo nossos corpos como uma herança colonial dolorosa. Mas como diz a música dos romeiros de Bom Jesus da Lapa, “Quem disse que não somos nada? Que não temos nada para oferecer? ”. Somos potência coletiva e possuímos outros modos de dizer sobre o mundo. É juntar *a diretoria, os manos, os da rapa do morro, os lado a lado, os que passaram risco de vida junto, os que esperam o busão junto na madrugada, os que trampam junto, os da ponte pra cá*<sup>58</sup> e dançar, celebrar.

(...) Somos o ‘sujeito periférico’ o morador da periferia que assume sua condição, tem orgulho desse lugar e age politicamente a partir dele. O termo ‘periferia’ passaria a designar não apenas ‘pobreza e violência’ - como até então ocorria no discurso oficial e acadêmico-, mas também ‘cultura e potência’, confrontando a lógica genocida do

---

<sup>58</sup> Expressões ditas frequentemente em algumas periferias em São Paulo, para se celebrar uma irmandade e uma união entre nós sujeitos periféricos. Dizer com quem se pode confiar ali e se unir e ‘correr’ junto ali.

Estado por meio da elaboração coletiva de outros modos de dizer.  
(OLIVEIRA, 2018, p.23, *grifo meu*).

Assumimos nossa condição e reelaboramos nossa própria subjetividade pelo enfrentamento, tomamos muitos socos e devolvemos ainda poucos. A prática da liberdade não se consolidou de maneira grandiosa e ainda está em curso, trata-se de um horizonte a ser conquistado, portanto de uma prática em estado de devir. Sou uma sujeita negra periférica, com subjetividade fundada na periferia e estou em trânsito, estou de passagem. Fazendo-me, refazendo-me e me desfazendo, pois é um processo, uma *refavela*<sup>59</sup> e descemos o morro indo em direção ao centro, fazer o que desejamos. E se apropriar do centro pode ser na base da *bicuda*, da raiva mesmo ou também do amor. Pode ser pelo medo, pela dor, mas também pelo amor e alegria de um *batuque puro*. Pois estamos entre a *favela-inferno e céu*.

Assim a pesquisa se finda aqui, mas não findam seus processos, pois ainda há muitos rastros a serem encontrados e trajetos a serem percorridos nesse sangue que dança e ferve.

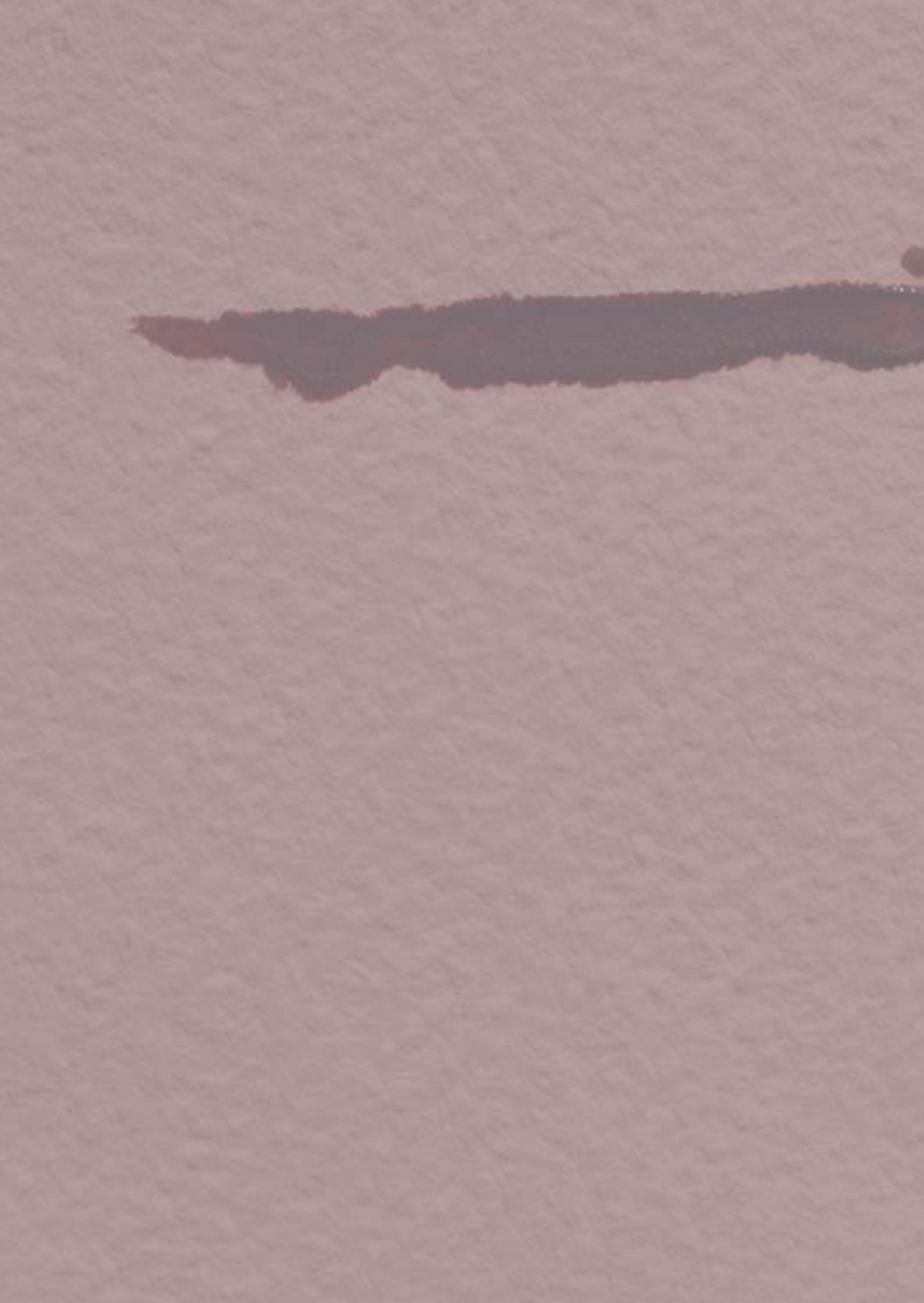
---

<sup>59</sup> Música Refavela de Gilberto Gil no disco *Refavela*.

sou! Eu sou! Eu sou! Eu sou! Eu sou! Eu sou! Eu sou!



Eu sou! Eu sou! Eu sou! Eu sou! Eu sou! Eu sou! Eu sou!



### Referências Bibliográficas:

**ABC DA GREVE.** Documentário. Direção: Leon Hirszman. São Paulo.1979-1990. Disponível em: <[www.you.tube.com/2hhFk0cml6Y](http://www.you.tube.com/2hhFk0cml6Y)>. Acesso: 12 set.2020.

**ANTROPOFAGIA.** In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo74/antropofagia>> Acesso em: 01 jan. 2021.

**ANÚNCIOS de escravos: os classificados da época.** Site Geledés. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/anuncios-de-escravos-os-classificados-da-epoca/>>. Acesso: 12 fev 2020.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural.** In: Coleção Feminismos Plurais/ coord. (s) Djamila Ribeiro; Sueli Carneiro. Ed. Jandaíra. São Paulo, 2020.

ALVES, ALÊ. **Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.** EL PAÍS. SALVADOR. 27 de julho de 2017. Feminismos. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503\\_610956.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html)> Acesso: 08 dez. 2020

ANDALZÚA, Glória. “La consciencia de la Mestiza”. In: **Borderlands/La Frontera.** San Francisco CA. 1999. pp. 99- 120.

ANTONIO, Gislayne. Masculinidade do Homem Negro. Disponível em: Masculinidade do Homem Negro - Geledés (geledes.org.br). Acesso: 20 nov. 2020.

ARAÚJO, Glauco e Farias, Leone. **Sindicalista é assassinado em Mauá. Diário do Grande ABC.** 12 de dezembro de 2003. Setecidades. Disponível em: <<https://www.dgabc.com.br/Noticia/392120/sindicalista-e-assassinado-em-maua.>> Acesso: 12 dez 2020.

BENETTI, Alfonso. “A autoetnografia como método de investigação artística sobre a expressividade na performance pianística”. In: Opus, v. 23, n. 1. Universidade de Aveiro, 2017. pp. 147-165.

BENJAMIM, Walter. “Sobre o Conceito de História” In: **Obras escolhidas Magia e Técnica arte e política.** Trad: Sergio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo. 1994. pp. 222-234.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em Massa.** In: Coleção Feminismos Plurais/ coord(s) Djamila Ribeiro; Sueli Carneiro. Ed Jandaíra, 2020.

BOSI, Ecléa. “Memória-sonho e memória-trabalho”. In: **Memória e Sociedade, Lembrança de Velhos.** Ed Tac. São Paulo. 1979

Brandão, Leci. Deixa Deixa. In: **Raízes do Samba.** 1974. Disponível em: <<https://youtu.be/WUj2KUay1qU>>. Acesso: 12 set.2020.

CASTRO, Janio Roque de Barros de. “A Topografia do Sagrado e a Natureza Mítica das Cidades-Santuários: uma leitura a partir de Bom Jesus da Lapa- BA”. In: *Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro. 2008. pp. 33-43.

CATANI, Afrânio. **A Rebeldia do Trabalho (O Confronto Operário no ABC Paulista: AS Greves de 1978/80).** Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/274350324\\_A\\_rebeldia\\_do\\_trabalho\\_o\\_confronto\\_operario\\_no\\_ABC\\_Paulista\\_as\\_greves\\_de\\_197880](https://www.researchgate.net/publication/274350324_A_rebeldia_do_trabalho_o_confronto_operario_no_ABC_Paulista_as_greves_de_197880)>. Acesso: 10 nov. /2020.

CATTANI, Icleia Borsa. “Arte Contemporânea: O Lugar da Pesquisa” In: **O Meio como Ponto Zero- Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas.** (Org.) Blanca Brites e Elida Tessler. Ed. da Universidade/UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Instituto de Artes (UFRGS), 2002. pp. 35-50.

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser**. Tese (Doutorado –Programa de Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação junto à Área Filosofia da Educação. São Paulo, 2005.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Trad. Heci Regina Candiani. Ed Boitempo. São Paulo, 2016.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Trad: Márcia Bechara. Ed. N-1 edições. São Paulo, 2016.

**DO PÓ DA TERRA**. Documentário. Direção: Maurice Nahas. NotoriusFilms,2016.

**EX-VOTO**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5433/ex-voto>>. Acesso em: 30 de nov. 2020. Verbete da Enciclopédia.

FOGAÇA, Sérgio. **Quilombos dos Vale do Jequitinhonha**: música e memória. São Paulo: Nota Musical e Comunicação. 1. Edição. 2017.

FORTIN, Sylvie. GOSELIN, Pierre. “Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico”. In: **Art Research Journal/ Revista de Pesquisa em Artes**. ABRACE, ANPAP e ANPPOM em parceria com a UFRN. Brasil, 2014. pp 1-17.

**FOTOPINTURA**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3871/fotopintura>>. Acesso em: 04 dez. 2020.

FRAIRE, Eduardo Betancourt “Autoetnografía: Antropología del Propio Ser”, **Trabajo terminal para acreditar em las unidades de enseñanza-aprendizaje de Trabajo de Investigacion Etnografica y Analisis Interpretativo**. Ciudad de Mexico. 2016

FREUD, Sigmund. “Luto e Melancolia (1917[1915]) ”. In: **Obras Completas. Volume 12- Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos. (1914-1916)**. Trad. e Notas. Paulo César de Souza. Ed. Companhia das Letras, São Paulo. 2010. pp. 170- 194.

FROTA, Lélia Coelho. **A lira do vale – Ceramista e musa do Jequitinhonha**. Rio de Janeiro: Catálogo, 1994.

GIL, GILBERTO. *Refavela*. Rio de Janeiro, 1977. Disponível em: <<https://you.tube/J59abasyRFs>> Acesso: 23 nov. 2020.

GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs 1984, pp 223-244.

\_\_\_\_\_. **A categoria político-cultural de Amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1988

HOOKS, bell. **Olhares Negros Raça e Representação**. Trad. Stephanie Borges. Ed. Elefante. São Paulo. 2019

\_\_\_\_\_. **Vivendo de Amor**. 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso: 28 nov .2020.

KEHL, Maria Rita. “**O Ressentimento Camuflado da Sociedade Brasileira**”. In: *Novos Estudos*. São Paulo, nº 71. 2005.

\_\_\_\_\_. “**Radicais, Raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo**”. São Paulo Perspec. vol.13 no.3 São Paulo, 1999.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories. Episodes of everyday Racism**. Ed UNRAST. Münster. 2010

\_\_\_\_\_. **Memórias da Plantação. Episódios de racismo cotidiano**. Ed Cobogó. 2019a

\_\_\_\_\_. Grada Kilomba: **Desobediências Poéticas**. Curadoria JachenVolz e Valéria Piccoli; ensaio Djamila Ribeiro. Catálogo. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019b.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: **História e Memória**. Trad: Bernardo Leitão. Ed Unicamp. Campinas-SP. 1990

LORDE, AUDRE. **Irmã Outsider. Ensaios e Conferências**. Trad. Stephanie Borges. Ed Autêntica. Belo Horizonte. 2020.

LOTIERZO, Tatiana. **Contornos do Invisível, Racismo e Estética na Pintura Brasileira (1850-1940)**. Ed: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). São Paulo. 2017

MATOS, Ralfo. “**Populações do Vale do Jequitinhonha movimentos e migratórios**”. In vol. 1 do relatório final de pesquisa do convênio Finep/2504. *IX Seminário sobre a Economia Mineira*. 2000

MUNANGA, Kabenguele. **Rediscutindo Mestiçagens no Brasil. Identidade Nacional Versus Identidade Negra**. Ed Autêntica. Belo Horizonte. 2019

NASCIMENTO, Washington Santos. “**Mestiçagens e Identidades Negras: Um olhar a a partir da Relação Índio-Negro**”. In: mini-curso: “Mestiçagens e Identidades Negras”, ocorrido durante o VII Colóquio do Museu Pedagógico da UESB/BA, 2006

NATALI, Marcos P. Questões de Herança: Do amor à literatura (e ao escravo). Disponível em:<<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/141-marcos-p-natali-questões-de-heranca-amor-a-literatura-e-ao-escravo>>. Acesso: 10 dez 2019.

NERY&PICCOLI, p 10, 2018. **Rosana Paulino: a costura da memória** *Rosana Paulino: a costura da memória*. Catálogo / curadoria Valéria Piccoli, Pedro Nery; textos Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, Fabiana Lopes, Adriana Dolci Palma -- São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. Exposição realizada na Pinacoteca de São Paulo, de 8 de dezembro de 2018 a 4 de março de 2019.

NORA, Pierre, **Entre Memória e História: A problemática dos Lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. In *Les lieux de mémoire*. I La Republique, Paris, Gallimard.1984, pp XVIII-XLII. Ed Gallimard. 1984.

NUNES, JAYNE. **O processo de ocupação do município de Mauá: A metropolização vista da Periferia**. In: XVIII ENAPUR, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Acauam Silvério. **O evangelho Marginal segundo Racionais MC’S**. In: RACIONAIS MC’s. *Sobrevivendo no Inferno*. Ed Companhia das Letras. São Paulo. 2019.

OLIVEIRA, Vilmar. “**A morte lhe cai bem: a originalidade do trabalho da artesã Lira Marques**”. In: Revista Bahia, Análise e dados. Mulheres e Trabalho – Autonomia e Empoderamento. 2016.

\_\_\_\_\_. **Descendo o Rio-** Caminhos da Cerâmica no Vale do Jequitinhonha. Belo Horizonte, Catálogo de artistas. 2007.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. “Introdução: Conquistar, dominar, Colonizar e Administrar: Etapas de um mesmo Drama”. In: **O Tempo da Dor e do Trabalho- A conquista dos Territórios Indígenas nos Sertões do Leste**. EDUFBA. Salvador, 2014.

PAULINO, ROSANA. **Imagens de Sombras**. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. Área de Concentração: Poéticas Visuais. Orientador: Prof. Dr. Evandro Carlos Frasca Poyares Jardim, 2011.

PORTAL POLO JEQUITINHONHA. Site. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/polojequitinhonha/O-Vale/Sobre-o-Vale>>. Acesso: 29 mai. 2020.

PRADO, Jacqueline. **A Arte da Cerâmica de Minas Gerais**. Belo Horizonte, Ed C/arte, 2016

**PRETO CONTRA BRANCO**. Documentário. Direção: Wagner Morales. Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, Fundação Padre Anchieta (TV Cultura) e Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (Abepec). São Paulo, 2004. Disponível em: <[https://youtu.be/r\\_xkDHHGWx8](https://youtu.be/r_xkDHHGWx8)> Acesso: 10 abr. 2019.

PUNTSCHART, Wiliam. **Memórias da Cidade**. Ed. Assahi, São Paulo, 2016.

RACIONAIS MC's. Livro: **Sobrevivendo no Inferno**. Ed Companhia das Letras. São Paulo, 2019.

\_\_\_\_\_. CD **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo. 1997. Disponível em: <https://you.tube/YLa77FGfk8>. Acesso: 10 nov. 2020.

\_\_\_\_\_. **Mil Trutas Mil Tretas**. São Paulo, 2006. DVD.

REY, Sandra. "Por uma Abordagem Metodológica da Pesquisa em Artes Visuais." In: **O Meio como Ponto Zero- Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas**. (Org.) Blanca Brites e Elida Tessler. Ed. da Universidade/UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Instituto de Artes (UFRGS), 2002. pp.123-140.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. Coleção Feminismos Plurais: Sueli Carneiro; Ed Pólen, São Paulo, 2019.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, O esquecimento**. Ed Unicamp. Trad Alain François. Campinas-SP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Percurso do Reconhecimento**. Ed Loyola, Trad Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo, 2006.

SABERES PLURAIS. Site Disponível em:  
<<https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/saberesplurais/artista/mestra-lira-marques/>>.  
Acesso: 29 mai. /2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. EDUSP, São Paulo, 2006.

SANTOS, Silvio Matheus. “**O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: Atores, Perspectivas e Desafios**.” In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*. V.24, São Paulo, 2017. pp.214-241

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memória em Terra de História – Problemáticas Atuais. In: **Memória e (Res) Sentimento – Indagações sobre uma Questão Sensível**. Ed Unicamp. Orgs. Stella Bresciani e Márcia Naxara. Campinas-SP, 2001.

**SINDICALISTA é assassinado a tiros na Grande São Paulo**. Folha de São Paulo. 12 de dezembro de 2003. Cotidiano. Disponível em:  
<<https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u87112.shtml>> Acesso: 08 dez 2020.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, Hierarquia e Poder na construção da Branquitude Paulistana**. Tese (Doutorado –Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lilia M. **O Espetáculo das Raças- Cientistas, Instituições e a Questão Racial no Brasil/ 1870-1930**. Ed Companhia das Letras. São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Nem Preto Nem Branco, muito pelo Contrário. Cor e Raça na Sociabilidade Brasileira**. Ed Claro Enigma. São Paulo, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. ***Pode o Subalterno Falar?*** Trad: Sandra Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa Ed. UFMG. Belo Horizonte, 2010.

VASCONCELOS, Lisa, “**Walter Benjamin: rastro, aura e história**”. Sabrina Sedlmayer, Jaime Ginzburg (Orgs.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&=S1517-106X2013000100016](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&=S1517-106X2013000100016)>. Acesso: 13 nov. 2020.





